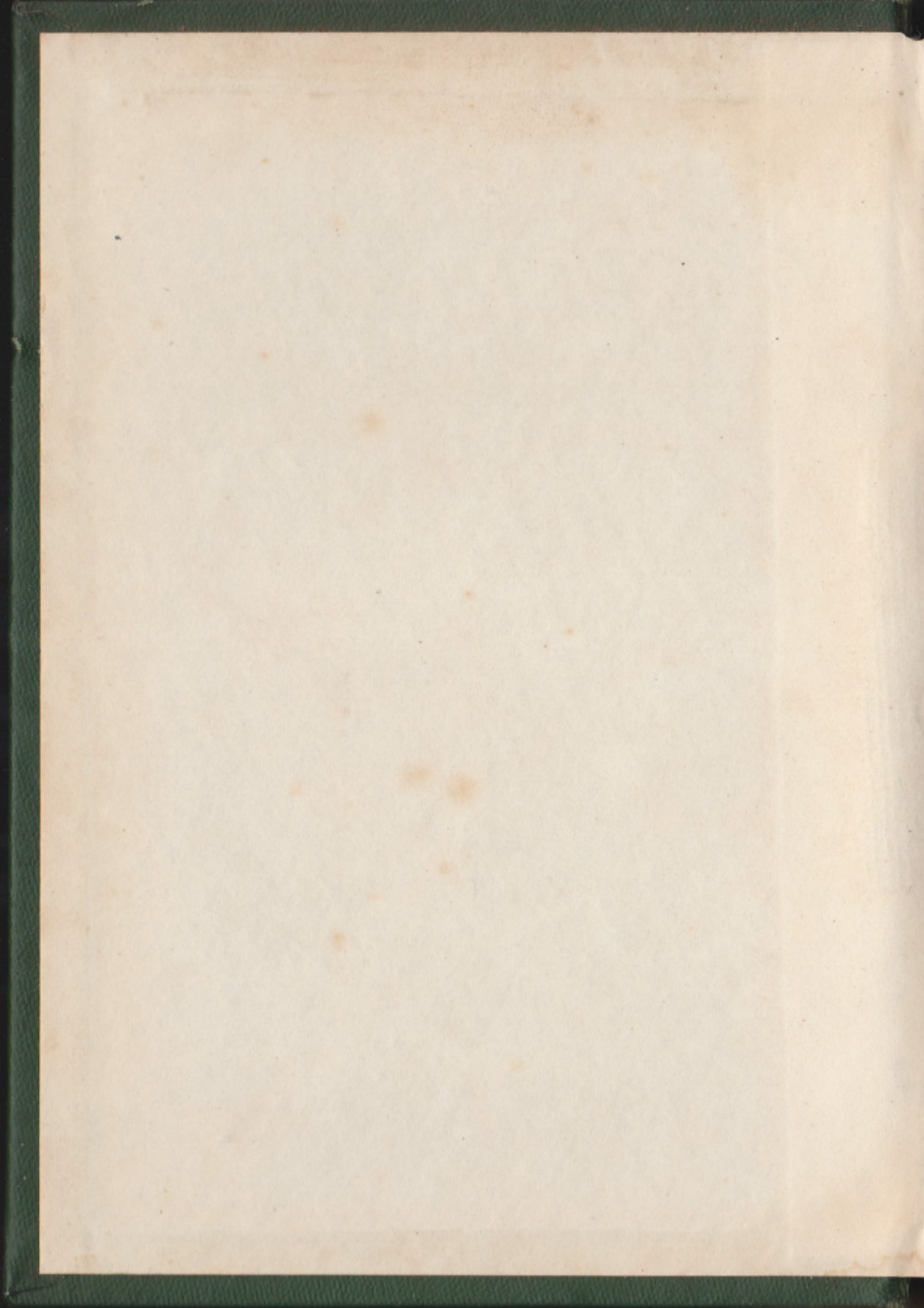
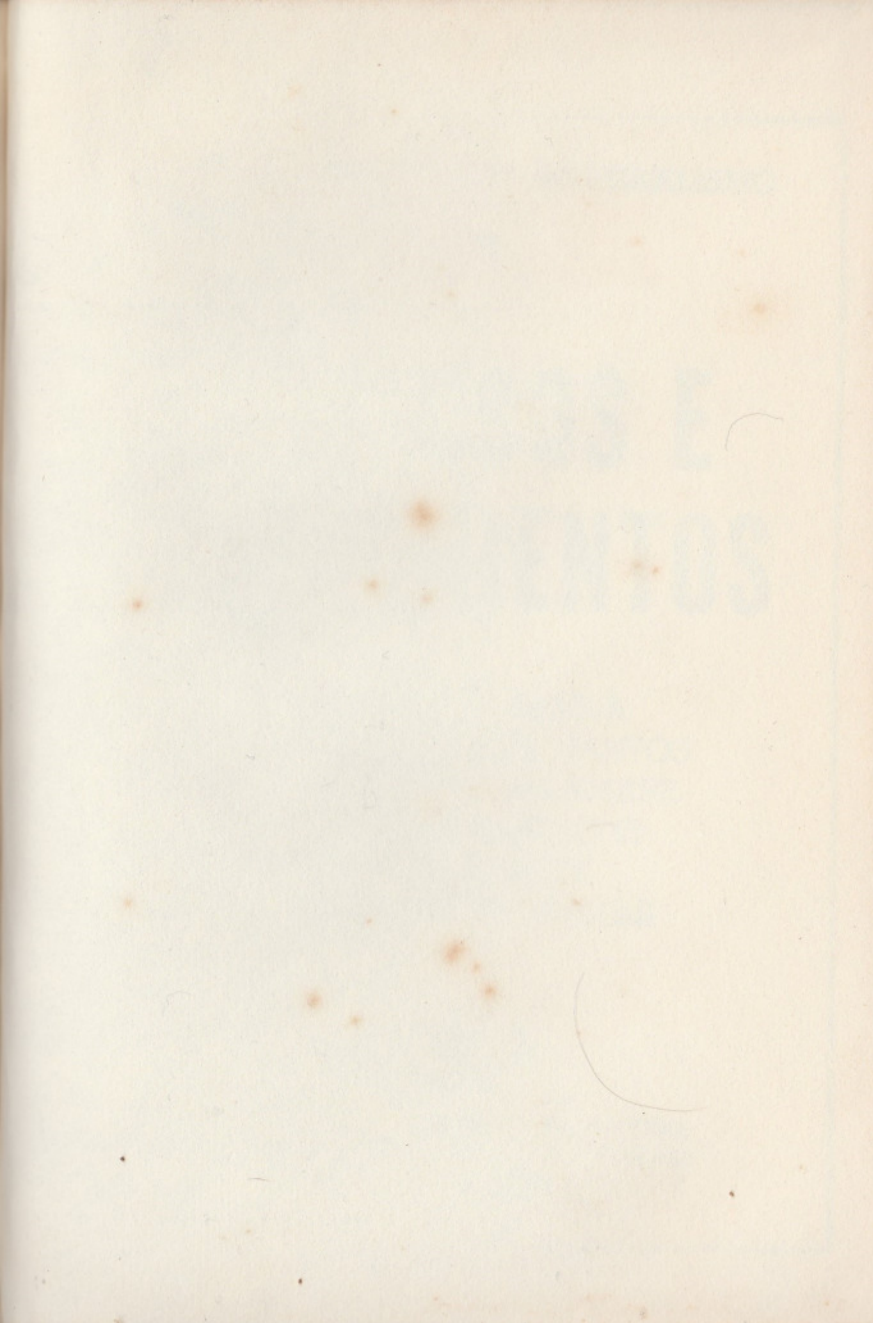
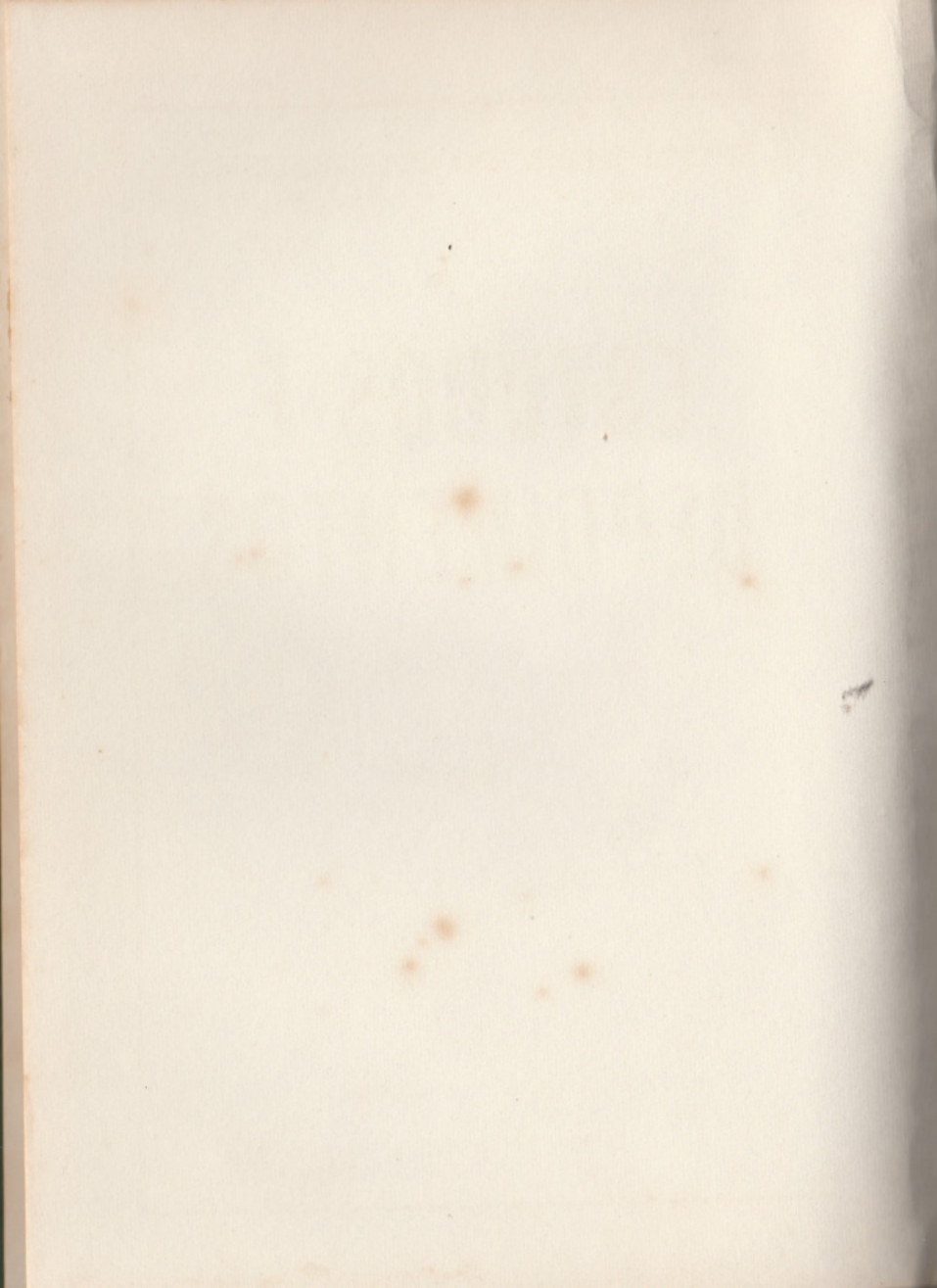
ENCICLOPÉDIA
DO
INTEGRALISMO
II

DIVERSOS
★

ESTUDOS
E
DEPOIMENTOS

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

II

ESTUDOS E DEPOIMENTOS

BELISÁRIO PENNA
LÚCIO JOSÉ DOS SANTOS
ALCEBÍADES DELAMARE
RODOLPHO JOSETTI
VICTOR PUJOL
MADEIRA DE FREITAS

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA
Rua 1.º de Março, 147 — 2.º andar
— RIO DE JANEIRO —

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

Volume publicado:

1 — *O Integralismo na Vida Brasileira*
(Plínio Salgado)

BELISÁRIO PENNA

CARTA A M. PAULA FILHO

Presado amigo Paulo Filho.

O meu querido **Correio da Manhã** foi o veículo prestigioso da minha campanha pelo saneamento do Brasil, desde 1916, quando a iniciei numa série de 13 artigos, cada qual mais veemente contra êste regimen amoral e licencioso, que esfacelou o país em vinte republiquetas, incentivou o regionalismo dissolvente, provocando a sarna separatista, que o escravisou ao capitalismo internacional por numerosos e onerosissímos empréstimos, em grande parte escoados nas sargetas dos intermediários e seus associados da politicalha, e desmoralizou completamente o ensino até as promoções e diplomas por decreto.

Os exemplos que ao povo têm dado às classes dirigentes são os mais perniciosos, consistindo na prática de negociatas, de subornos, de favoritismo, de clamorosas injustiças e arbitrariedades, sem o mínimo risco de responsabilidade e de punição. A êsse descalabro é que se dá o nome de liberdade, que deu em resultado a desordem, a confusão, a indisciplina, o desrespeito, o egoismo, o materialismo sórdido, a amoralidade e o relaxamento da família.

Sou eternamente grato ao **Correio da Manhã**, em cujas colunas publiquei mais de uma centena de

artigos e várias conferências, sem que uma única vez me fôsse negada a manifestação do meu pensamento.

Constitui valioso florão do meu pobre patrimônio o fato de ter sido êste grande órgão o veículo da minha campanha pelo saneamento físico, intelectual, moral, social e político do Brasil.

Fundado por Edmundo Bittencourt, meu velho amigo, jornalista completo, homem de quebrar, mas nunca torcer, o **Correio da Manhã** tem mantido sempre uma linha de independência e de destemor ante os arreganhos de governos sem escrúpulos, combatendo as arbitrariedades, as injustiças, as negociatas, os desvios dos dinheiros públicos, as patifarias de tôda ordem, que constituem o acêrvo dêste regimen amoral e licencioso.

Em poucos períodos do seu artigo de fundo de 15 do mês passado, intitulado "Realidade", o **Correio da Manhã**, a propósito do protesto da Argentina e da Alemanha contra o arrendamento ao Brasil de seis destroiers norte-americanos, pinta com cores negras e verdadeiras a miserável situação a que a liberal-democracia arrastou o nosso país.

"Aí está, diz o grande órgão, ao que chegou o Brasil! Aí está o despenhadeiro a que nos conduziram quarenta e oito anos de boêmia republicana, de mentira política, de falsa visão das nossas possibilidades reais. Ao contrário do que sucede com todos os outros países, temos trabalhado e empobre-

cido de ano para ano. Nossa produção cresce em tonelagem à medida que diminui de valor.

"O imperialismo estrangeiro, que ôntem pedia licença para nos dar sugestões, quando D. Pedro II dirigia com honestidade os destinos da Pátria e a mantinha em situação de prosperidade na América do Sul, fala hoje tão desembaraçadamente sôbre o que nos cumpre fazer ou não fazer que parece havermos regressado ao tempo de colônia, quando ser brasileiro equivalia ser escravo. Mais alguns anos de banbochata administrativa, de malversações das rendas públicas, de lirismo financeiro, de impunes e circunspecta ladroagem, e talvez as potências amigas deliberem levantar forcas em nossas ruas, afim de justiçarem todos os que desaforadamente proclamam a necessidade de tomarmos vergonha, de nos armarmos, de levantarmos o standard moral e material do povo, cada vez mais oprimido e explorado".

A que deve o Brasil essa miserável situação, a não ser a êsse regimen amoral e licencioso, instituído em 15 de novembro de 1889, ante o povo bestializado ?

Já eu frizava isso no artigo "Remédio para o mal", publicado no **Correio da Manhã**, em dezembro de 1916, onde digo: "Uma organização (?) política que desce às abjeções a que tem baixado a que desgraça e avilta o Brasil, em completa bancarrota de caractéres e de competência dos dirigentes, covardemente subordinados às influências perniciosas de corrilhos e quadrilhas em estado permanente de

anarquia, com a justiça desmoralisada e envilecida, com a população operária urbana e rural faminta e prejudicada por doenças evitáveis, com a nação falida e humilhada perante os credores e as outras nações, que conhecem de sobra a situação de miséria do povo e a vida de fausto e de luxo dos regentes dessa orquestra infernal, é um regimen absolutamente condenado, que urge ser banido e amaldiçoado, e com êle os que de barriga cheia têm a audácia de afrontar a população esfarrapada, faminta e vilipendiada, apertando-lhe cada dia mais a cinta à barriga murcha, sob o pretexto de salvar a honra da nação, que êles sacrificaram de caso pensado".

Diz o **Correio da Manhã** no referido artigo: "Ao assumir o sr. Getúlio Vargas o seu govêrno, em 1936, a produção total do Brasil era oficialmente estimada em 15.526.000 toneladas e valia 7.295.000:000$000. Em 1936, o volume da produção cresceu para ...... 18.243.000 toneladas mas o seu valor diminuiu para 7.034.000:000$000".

"Há trinta e seis anos, continúa, que ininterruptamente denunciamos êsse fenômeno de pauperização gradativa do país, gerado pela falta de crédito industrial e agrícola, pelo regimen de latifúndios, que ainda prepondera no Brasil, e sobretudo pela incompreensão dos nossos grandes problemas, por parte das classes parasitárias que nos têm governado até hoje, sempre divorciados do povo e alheiados dos seus interêsses".

"A miséria das populações sertanejas e a pobreza que se alastra pelos môrros, pelas fábricas, pelas degradantes habitações coletivas da cidade, tem servido apenas para inspirar os poetas a fazer versos — tão deturpada, tão falsa, tão desonesta foi nos últimos decênios a educação oficial do país".

E o **Correio da Manhã** apela então para a mocidade, e diz: "Herdeira de um passado cheio de erros e de crimes, nós não a iludimos dizendo-lhe que o Brasil é poderoso e rico. Afirmamos-lhe, pelo contrário, que é fraco, pobre, desarmado; que temos um Exército de manobras e uma Marinha decorativa; que não poderemos fazer-nos respeitados, se não formos temidos; que nada de bom se conseguirá enquanto a administração pública do país continuar a ser uma ESCOLA DE LATROCÍNIO E DE DESFIBRAMENTO DE CARÁTER, como tem sido até agora".

Tôdas estas verdades duras e outras mais do causticante artigo fôram escritas para recomendar a candidatura à Presidência da República de um dos dois candidatos da liberal democracia, indicado por dezoito governadores, alguns suspeitíssimos como comunistas, e vários partidos, partidetes e partidotes, simples ajuntamentos de exploradores da nação.

Nenhuma referência há, no referido artigo, ao candidato da Ação Integralista Brasileira, registrada no Superior Tribunal Eleitoral como partido nacional, bem como registrado se acha o seu candidato,

indicado em memorável plebiscito, realizado nos 3500 núcleos estabelecidos em todos os Municípios do Brasil, alcançando mais de 800.000 votos.

Pois bem, para o **Correio da Manhã** tal candidato não existe, nada significa, apesar de ser o único que tem um programa claro, definido, sem subterfúgios, dentro de uma doutrina filosófico-política, espiritualista e cultural, com que pretende arrancar o Brasil do sórdido materialismo em que se chafurdaram as suas classes dirigentes, disso resultando êsse regimen de latrocínio organizado, de malversações de tôda espécie, no qual, como bem acentuou o **Correio da Manhã**, "para abafar tôdas as críticas os governos distribuem emprêgos e dinheiro, subornam a imprensa, prostituem a justiça".

Está, assim, o **Correio da Manhã**, pelo silêncio sôbre a candidatura do Integralismo, a ponto de parecer desconhecer a sua existência, contribuindo para a campanha de difamação, de calúnias, de mentiras e de infâmias de certa imprensa, evidentemente a soldo do Cominterne, uma parte, e da caixa recheada de um dos candidatos, outra parte.

Jornal independente, que não se aluga nem se vende, em ótima situação financeira e econômica, com honrosas tradições, querido e acatado pelo povo, permita o **Correio da Manhã**, que um seu velho e gratíssimo amigo lamente a sua atitude perante o Integralismo, a única organização civil com que o govêrno pode contar para auxiliar as fôrças armadas no combate à peste bolchevista, cuja audácia, graças

ao apôio da liberal democracia, cresce dia a dia, trazendo inquieta e apreensiva tôda a população brasileira.

Respeite-se ao menos êste fato estupendo, que parecia impossível poder verificar-se algum dia neste Brasil, que há quase meio século tem sido "uma escola de latrocínio e de desfibramento de caráter": mais de um milhão de brasileiros de todos os recantos do país, em perfeita disciplina voluntária e consciente, em completa comunhão de idéias e princípios, prontos, a todo momento, a sacrificar a própria vida pela ordem, pela moral cristã, pela segurança da família, pela unidade e grandeza da Pátria. Um só pensamento, uma só aspiração pela vitória de uma causa patriótica, em trabalho de propaganda pacífica, dentro da lei e de respeito às autoridades constituídas, com a publicação de mais de sessenta livros doutrinários e educativos, e funcionamento de mais de mil escolas de educação e alfabetisação, de centenas de ambulatórios e lactários, tudo isso a custa exclusiva dos integralistas.

Está se verificando o que preconisei no artigo "Comêço do Fim", publicado pelo **Correio da Manhã** em dezembro de 1916, constituindo depois um dos capítulos do **Saneamento do Brasil**.

Nêle conto a conversa que tivera com um velho e íntegro magistrado da monarquia, o qual lastimava a loucura dos homens que aderiam em massa à República, sem ao menos sofrer as suas tendências ultra-liberais, que dizia êle, levariam o Brasil pri-

meiro à ruina moral, econômica e financeira, em seguida ao separatismo, e mais tarde ou na mesma ocasião à absorção por nações estrangeiras de todo ou de parte do seu território. No mesmo artigo dizia eu há vinte e um anos que a primeira parte das previsões já se verificara, infelizmente em proporções muito além das indicadas pelo saudoso e venerando amigo. Quanto à segunda, disse: "não é necessário ser-se mágico ou vidente para vislumbrar no horizonte os pródromos da sua talvez não muito remota realização, salvo se ainda houver no Brasil espíritos clarividentes, eminentemente patriotas, "desinteressados", e absolutamente dedicados à terra e à gente brasileiras, que se congreguem num pacto solene, sob juramento sagrado, e se disponham a todos os sacrifícios para evitar o esfacelamento do bloco".

Embora mais tarde do que esperava, brasileiros de boa vontade, esparsos na vastidão do nosso território, congregaram-se sob juramento sagrado, dispostos a todos os sacrifícios para libertar o Brasil das garras de um regime criminoso, que o vai arrastando para a pestilência bolchevista.

Êles eram poucas dezenas há quatro anos. Hoje são mais de um milhão de integralistas inscritos nos 3.500 Núcleos, e mais do que isso os não inscritos, comungando, porém, com os adeptos do sigma nos seus ideais. E dia a dia crescem as hostes integralistas em número e qualidade, apesar das perseguições de reguletes estaduais, das calúnias e torpezas dos pasquins a soldo do Cominterne, e da conspira-

ção do silêncio da imprensa ainda iludida com a liberal democracia.

Há de reconhecer o meu nobre amigo que é um momento de opinião coletiva nacional, sem exemplo na América do Sul, que pode ser discutido, mas digno do respeito, do acatamento da imprensa independente e dos homens sem a eiva de paixões subalternas, interêsses mesquinhos e de sórdido materialismo.

Grossa tolice é dizer-se que o integralismo conta com um por cento da população, cálculo, aliás, errado, revelando no candidato majoritário desconhecimento de aritmética elementar. Um por cento de 40.000.000 habitantes representam 400.000. Ora, no plebiscito entre os integralistas o candidato indicado para a Presidência da República obteve mais de 800.000 votos, contando-se em mais de um milhão os integralistas inscritos. Fiquemos, porém, no milhão e aí estão 2,5% de 40.000.000.

Mas a população compõe-se de adultos e crianças, de nacionais e estrangeiros, de alfabetos e analfabetos. A parte da população com direitos políticos, a que pode votar, é a que se conta como fôrça dos partidos, porque é a que elege os representantes de tôda a população.

Pois bem, neste momento o Integralismo conta cêrca de 700.000 eleitores entre os inscritos, para um eleitorado de 3.500.000 em todo o país, segundo o cálculo do Superior Tribunal Eleitoral e ...... 700.000 representam 20% do eleitorado total do

país. Fique, porém, sabendo o calculista do 1% que há outro tanto ou mais de eleitores não inscritos no Integralismo, mas adeptos de sua ideologia, que elevam a porcentagem a 40%.

Daí a fúria dos aproveitadores das licenciosidades e traficâncias da amoralíssima liberal democracia e o ódio de morte dos comunistas ao Integralismo. Nunca puderam suspeitar que ainda houvessem patriotas em tão grande número num país que êles supunham haver dominado definitivamente para a prática impune de malversações e crimes de tôda espécie.

Serão os integralistas inimigos da Pátria, porque querem-na unida e respeitada, porque pugnam pela segurança e moralidade da Família, sob a proteção de Deus? Serão êles inimigos da liberdade, porque desejam-na condicionada aos legítimos interêsses da coletividade, da segurança nacional, do respeito e prestígio da Nação?

Quais são, pois, os amigos da Pátria? Os liberais democratas, com a sua escola de latrocínio e de desfibramento de caráter? Os comunistas, com os saques, as violências, os assassinatos, os incêndios, a destruição dos templos, a negação de Deus, da Pátria e da Família?

Note-se que não há políticos profissionais no Integralismo. Basta esta circunstância para ajuizar-se dos propósitos elevados e patrióticos da sua Doutrina.

Não contesto possuir a liberal democracia homens de valor e de boa fé, confiantes ainda na possibilidade de regeneração dêsse malsinado regimen, mas afirmo, sem receio de errar, que todos os indivíduos amorais, despidos de qualquer escrúpulo, são seus partidários acérrimos, além dos comunistas, dos assalariados de Moscou, metidos em vários dos cento e muitos ajuntamentos, vulgo partidos, em que está dividida a liberal democracia, para mais facilmente assaltar o poder e transformar o Brasil no inferno russo.

Com os votos dessa cáfila de salteadores e assassinos contam os dois candidatos demo-liberais, sobretudo o majoritário, em cujos comícios de propaganda êles figuram de modo ostensivo e arrogante, com manifestações claras do seu credo demoníaco e do seu ódio ao Integralismo.

Basta êsse fato para que todos os brasileiros dignos, amantes de Deus, da Pátria unida, da Família bem organizada, aceitem a Doutrina Integralista, quando mais não seja, como o único remédio contra esta "democracia espúria, que só se lembra do povo para fazer negócio com o patrimônio moral da sua independência" (palavras do candidato majoritário); como o único antídoto garantido contra a pestilência bolchevista.

Diz o candidato majoritário: "Fechemos as portas do Brasil, que já há, de parte a parte, salteadores de portas a dentro", referindo-se ao Integralismo e ao comunismo.

Desafio o candidato majoritário ou quem quer que seja, a apontar os salteadores da AIB entre os elementos que nela figuram — cientistas, professores, generais, almirantes, oficiais de terra e mar, médicos, engenheiros, magistrados, eclesiásticos, advogados, farmacêuticos, dentistas, industriais, comerciantes, banqueiros, diplomatas, altos funcionários, bem como entre os operários, camponêses, marinheiros e soldados.

Não sendo ignorante nem estúpido, só por supina má fé preparou o candidato majoritário essa frase que êle julgou de sensação. Será isso honestidade?

Malèvolamente confunde Integralismo com comunismo, sabendo que para galgar o poder o comunismo não escolhe meios. A traição, a calúnia, a mentira, a intriga, a infâmia, finalmente o saque, o incêndio, o massacre da população, a violência contra a honra das mulheres, todos os meios, enfim, para implantar o terror, entram em cena sem piedade.

Mas sabe igualmente que o Integralismo procura conquistar a alma e o coração dos brasileiros pela prédica da sua Doutrina, dentro da ordem, da lei e do respeito às autoridades, fazendo obra de educação moral e física, de cultura da inteligência, de assistência social e de solidariedade, num ambiente de disciplina voluntária e consciente; que se registrou como partido nacional no Superior Tribunal

Eleitoral para disputar o poder pelo voto, nunca pela violência.

Na sua egolatria mórbida, no seu estado vertiginoso ante a possibilidade de exercer a mais alta investidura da República, o candidato majoritário, completamente descontrolado, quando não se elogia para dizer que tudo quanto há feito no Brasil o foi por êle, ataca o presidente da República, o seu competidor demo-liberal, os padres que não o acham bonito, os agrupamentos que o não apoiam e insulta soezmente a única organização política nacional, respeitável por todos os títulos, despeitado porque ela negou-se a adotar a sua candidatura. Parece até um advogado, contratado pelo Cominterne que, antes de mais nada, recomenda guerra, sem tréguas, sem escolha de meios, ao Integralismo, até a sua destruição, por ser êle a muralha contra a qual esbarra impotente o comunismo.

O estribilho do candidato majoritário e dos seus partidários é a sua decantada honestidade, como se fôsse isso um privilégio, como se tôda a demais gente brasileira se constituisse de velhacos e de desonestos.

É, além disso, uma clamorosa injustiça a quase todos os brasileiros que têm exercido a Presidência da República, inclusive o atual, cuja honestidade nunca ninguém ousou pôr em dúvida.

Neste regimen de satrápias regionais, não há honestidade de chefe de govêrno capaz de arcar com as camorras da politicalha, com as tramas sorratei-

ras do capitalismo internacional, da maçonaria, da bucha; com os magnatas de indústriais extemporâneas; com os promotores de valorizações; com os negocistas, com a advocacia administrativa e a legislativa; com o filhotismo, o genrismo e o nepotismo dos ocupantes de cargos da alta administração, da política e da magistratura.

Se resiste, ai dêle!

Exemplos: Prudente de Moraes, de honestidade mais do que ativa, porque agressiva, pois negava audiência a pessoas tidas e havidas como traficantes da pena e da palavra, só não foi assassinado, porque entre êle e o assassino interpôs-se o seu ministro da guerra, que pagou com a vida o nobre gesto.

Campos Salles, honesto e probo, para levar avante o plano financeiro de Joaquim Murtinho, seu ministro da Fazenda, teve de criar a política dos governadores e ao deixar o govêrno foi apupado, embarcando para a sua terra guardado pela fôrça.

Afonso Pena, prototipo de honestidade, de integridade de caráter, de ardente patriotismo, de grandes virtudes de coração, sempre acima dos partidos, morreu de traumatismo moral, vítima de inominável felonia.

Washington Luís, contra quem os vencedores da revolução de 30 nunca puderam articular nada que pudesse afetar, de leve, a sua impoluta honradez, a sua manifesta ogeriza aos negocistas, a sua vontade férrea de acertar em bem do país, foi violentamente apeado do poder.

Já o disse e repito que o mal não é da raça, que é a mesma do honesto regimen monárquico; não é dos homens, que têm a mesma origem dos daquele tempo, e sim desta liberal democracia, que há quase meio século tem sido, como muito bem frizou o **Correio da Manhã**, "uma escola de latrocínio e de desfibramento de caráter".

Desde mais de vinte anos tenho causticado com ferro em brasa, pelas colunas do **Correio da Manhã**, êste regimen degradante dos homens e do país, a tal ponto que se tornou o veículo natural dos comunistas para o assalto ao poder e implantação do regime de animalização da sociedade, nêle transformada num rebanho de irracionais, movidos apenas pelos instintos de nutrição e de reprodução.

É para o fundo dêsse abismo que caminhará o carro desmantelado da nação, que nenhum guia liberal-democrata será capaz de travar, porque neste regimen êle não tem freios, e com o impulso das malversações incontíveis rolará fatalmente para o fundo.

Urge mudar já de rumo, e, no momento, só o Integralismo é capaz de desviar o carro do caminho que termina no inferno bolchevista.

Em pleno inverno da vida, próximo do além, isolado voluntàriamente num recanto rural, fóra do bulício urbano, do boatério e da intrigalhada, sem nenhuma aspiração política ou administrativa, tenho a calma indispensável para observar com serenidade o desenrolar dos acontecimentos, que, infe-

lizmente, me fazem prever dias amargurados para êste Brasil que tanto amo; para os filhos e netos e seus contemporâneos, para cuja saúde, educação e tranqüilidade dediquei tôda a minha atividade.

Só peço a Deus que, se for inevitável o cataclisma, conceda-me antes a morte para não ver perdido o esfôrço de tôda minha vida em prol da Pátria estremecida.

Por ser amigo sincero e eternamente grato do grande paladino das boas causas que tem sido o **Correio da Manhã** é que me animei a escrever esta carta aberta ao seu atual diretor, meu particular amigo Paulo Filho, espírito culto e atilado, que acompanhou sempre com viva simpatia a minha campanha pelo saneamento integral do Brasil.

Setembro, 1937.

(in **A Offensiva**, 2-9-1937)

LÚCIO JOSÉ DOS SANTOS

I

CONSULTA SÔBRE O INTEGRALISMO

I

O conceito filosófico e jurídico do Estado, professado pelo Integralismo, não colide, nem essencial, nem acidentalmente, com a doutrina definida pela Igreja e poderá um católico, "tuta conscientia", admití-lo?

II

O sistema de organisação social, propugnado pelo Integralismo, responde ao exposto em documentos pontifícios, maximè na **Rerum Novarum** e **Quadragesimo Anno** — ou, pelo menos, nada haverá naquele sistema, que entre em conflito com a doutrina social da Igreja? O corporativismo integralista aparta-se, em ponto essencial, do corporativismo de base cristã?

III

Pode um católico, "tuta conscientia", admitir — como quer o plano integralista — a hipótese da **concordata**, exigindo-a em tése, e abandonando, de vez, a tése da **união da Igreja com o Estado?** Pode,

ainda, um católico admitir, implìcitamente, uma vez que se faça integralista, o princípio da liberdade de cultos, condenado pelo **Syllabus?** Em suma, nada haverá na doutrina integralista, nos manifestos e planos do Chefe Nacional (V. G. o manifesto-programa, de 27 de Janeiro de 1936), que, explícita ou implìcitamente, se encontre entre as proposições condenadas pelo **Syllabus?**

IV

Em seu livro **Humanismo Integral**, Jacques Maritain cataloga o fascismo e o nazismo, na mesma linha do comunismo, dizendo que têm, todos, suas raízes na negação dos valores espirituais da Igreja, e que o totalitarismo, seja qual for, contrariará a ideologia cristã. Haverá no Integralismo algo que mereça a censura de Maritain?

RESPOSTAS

Antes de responder diretamente à consulta, farei algumas observações preliminares.

A) — Falo, aqui, exclusivamente em meu nome individual, não tendo autoridade para falar em nome dos católicos nem dos integralistas. Estou pronto a emendar o meu modo de ver, aqui externado, se em contrário se manifestar a Igreja. Além disso, exponho a compreensão, que faço do Integra-

lismo; reconheço, porém, um Chefe Nacional, e êste poderá dizer, se bem apreendi o Integralismo ou se me engano.

B) — Há grande número de sacerdotes integralistas, sem falar no de simpatisantes com êle. Já tenho ouvido, de Bispos, declarações favoráveis ao Integralismo.

Não haveria já tempo de serem os católicos premunidos pela autoridade religiosa competente, se errados?

Certamente, em todos os tempos, tem sido a Igreja de grande paciência e longanimidade, mesmo em relação a grandes heresias, tolerando, admoestando, convidando à abjuração, e, só depois de exgotados todos os meios suasórios, condenando definitivamente. Êsse, porém, não é o caso do Integralismo. A sua doutrina é bem clara e já está sendo bem conhecida. Os católicos vão aderindo, sem que tenham sido censurados e nem mesmo admoestados pela autoridade competente.

Não é já uma forte presunção em favor do Integralismo, no ponto de vista religioso?

C) — Estamos vendo condenarem-se no Integralismo coisas, que se aceitam ou pelo menos se toleram nos outros partidos. O Integralismo não é composto de anjos e nem pretende realizar o paraiso na terra.

A tomar o **Syllabus** no sentido rígido, a meu ver, errôneo, que se lhe quer dar, deveriam os católicos excluir-se da vida pública no Brasil. Ora, o pensamento da Igreja, como direi mais adiante, não é êsse, e nem seria possível que só em relação ao Integralismo, se enchessem de escrúpulos os católicos.

Passarei a tratar dos quatro itens, em conjunto.

1 — A Igreja tem por missão essencial conduzir os homens à salvação eterna, e, para isso, oferece-lhes uma doutrina — a doutrina de Cristo. O resto é secundário.

A Igreja não condena regime político algum, qualquer que seja a sua forma, desde que se respeitem os princípios fundamentais da organisação social cristã, os princípios em que assenta a concepção cristã da vida.

Na Encíclica **Immortale Rei**, de 1.º de Novembro de 1885, Leão XIII, depois de mostrar a origem da sociedade e de demonstrar que a soberania vem de Deus, acrescenta: "Em si mesma a soberania não está ligada a forma alguma política — podendo adaptar-se perfeitamente a esta ou aquela, desde que seja apta para a utilidade e o bem comum".

2 — A Sociedade procede da ordem natural das coisas; ora, esta repousa sôbre a vontade de Deus; certo é, pois, que o Estado, ou antes, a autoridade do Estado tem como fundamento a vontade de Deus. A Sociedade, portanto, repousa diretamente sôbre

a natureza e indiretamente sôbre a vontade de Deus.

O Cristianismo afirma a existência de uma vida social, organisada sob uma autoridade e orientada para um bem comum, segundo a ordem natural das coisas, com fundamento na vontade de Deus.

Assim pois, a Sociedade não é o produto da vontade do povo, nem de um contrato, nem de um mero arbítrio. A Sociedade não é uma forma de vida, artificialmente estabelecida, ao modo de um **mecanismo**; ela é um **organismo,** que resulta certamente de uma atividade fundada sôbre leis naturais, mas dotado de uma finalidade própria.

3 — Si a **existência** da sociedade é assim fundamentada. o mesmo não acontece à sua **forma política**. Esta forma tem sido assunto das cogitações e controvérsias de filósofos, historiadores e políticos. Ela depende essencialmente das circunstâncias, e será tanto melhor quanto melhor possibilitar aos homens a efetivação dos seus verdadeiros destinos.

Não há, pois, uma forma do Estado apoiada e reclamada pela Igreja. Dever-se-á apenas exigir, no ponto de vista católico, que o objetivo último e superior dos governos seja o subordinarem-se aos grandes temas da História, como são os mesmos desvendados pela revelação (J. Steffes: **Religion und Politik,** e **Die Staatsauffassung der Modernen)**.

Nenhuma das Ecíclicas — **Rerum Novarum** e **Quadragésimo Ano** — apregôa ou recomenda uma organisação social modêlo.

De um certo modo, pois, e feitas essas observações, não será êrro dizer, que a Igreja não possue pròpriamente um conceito filosófico e jurídico do Estado, com o qual possa outro colidir.

4 — Isso, porém, não impede que, em determinadas épocas, possa a Igreja considerar tais organisações do Estado preferíveis a tais outras.

De fato, da doutrina da Igreja se deduzem meios sociais, que sejam preferíveis por mais consentâneos com o fim primordial do homem. Anàlogamente, dadas as circunstâncias de tempo, de meio, de raça, pode ser preferível uma determinada forma política.

A Igreja, porém, não propõe soluções imediatamente práticas, no domínio da política, da economia, da técnica, ou em qualquer outro.

Referindo-se ao parlamentarismo, disse PIO XI, que a doutrina da Igreja não condena essa instituição política, como não condena quaisquer outras, desde que sejam conformes ao direito e à razão, sendo, porém, manifesto que se presta, mais do que as outras, ao jôgo desleal das facções.

Em conclusão, a Igreja deixa liberdade para a escolha entre os regimes políticos, respeitadas as leis divinas e humanas; mas, reclama o direito de manifestar-se sôbre tais formas, porque depende da

lei moral e porque, na ordem providencial, são outros tantos meios, que podem ajudar o homem a atingir o seu fim, que é a vida eterna, ou dêste o afastar.

Em consciência, não posso ser comunista, mas não sou obrigado a dar preferência à monarquia sôbre a república, se ambas respeitam os princípios cristãos.

5 — De outro lado, jamais se identificou a Igreja com um regimen político, por mais íntima que tenha sido a sua união com êle. Nenhuma época histórica conseguiu ainda realisar integralmente o Cristianismo, em todos os seus modos de sentir, pensar e agir.

Assim, pois, mesmo aderindo a um regimen político, porque lhe pareça mais de acôrdo com a sua convicção religiosa, não deve o católico identificá-lo com a sua Religião.

Por melhores que se nos afigurem, podem os regimens políticos deixar de corresponder às necessidades e problemas que vão surgindo.

6 — O Integralismo afirma a existência de Deus e a imortalidade da alma. Compreende a família e a autoridade segundo os ensinamentos cristãos. Reconhece, no homem, "uma tríplice aspiração — material, intelectual e moral". É contra os ódios e as lutas de classe. Para êle a sociedade é "a reunião de sêres humanos, que devem viver em harmonia,

segundo os destinos superiores do homem". No entender dêle, a nação é "como uma sociedade de famílias, vivendo em determinado território, sob o mesmo govêrno, sob a inspiração das mesmas tradições históricas e com as mesmas aspirações e finalidades". Para o Integralismo, "os elementos morais da Nacionalidade são a Religião e a Família". O conceito que êle forma da propriedade, é o mesmo de Leão XIII e Pio XI.

Até aqui só encontramos acôrdo entre o Integralismo e a Doutrina Católica, acôrdo franco e explícito nos pontos mais importantes e mais graves, nos pontos essenciais.

Mas, o Estado Integralista será um Estado Corporativo. Que dizer dêsse corporativismo?

7 — Sem ir muito longe, ao grande movimento católico social na Alemanha, principalmente depois de 1848, na Áustria, França, Bélgica, Suissa, etc., vejamos apenas o que há de mais próximo.

Na Encíclica **Quadragésimo Ano,** depois de referir-se ao "vício do individualismo", fala Pio XI nas associações de classes, nas corporações que o Estado sacrificou e que a prática social deve dedicar-se a reconstituir; e elogia as corporações, lembrando palavras de Leão XIII.

O mesmo Pontífice fala nas vantagens da organisação corporativa, como sejam — a colaboração pacífica das classes, a repressão das organisações e intentos socialistas.

Pio XI combate com energia o êrro da economia individualista, de esquecer o lado social e moral do mundo econômico.

Favoráveis às corporações são também: — Leão XIII (na citada Encíclica); Pio X (Breve ao Conde Medolago Albani, a 19 de Março de 1904); Bento XV (na carta do Cardeal Gasparri ao Presidente da União Econômico-Social, a 26 de Fevereiro de 1915).

Como Estado corporativo, pois, o Integralismo está de acôrdo com a orientação da Igreja.

8 — Temem alguns, diz Pio XI, que, na organização corporativa, o Estado se substitua à livre atividade individual e que se torne uma organização excessivamente burocrática e política, servindo a intúitos políticos. Ai temos mais uma prova da sabedoria do glorioso Pontífice.

Acrescenta êle que, para evitar êsse desvio, são necessárias, em primeiro lugar, a bênção de Deus e, depois, a colaboração das boas vontades, desde que seja grande a corporação das competências técnicas profissionais e sociais, dos princípios católicos e sua prática.

A Igreja, é ainda Pio XI quem fala, exige apenas que o corporativismo respeite os direitos da personalidade humana, os direitos do cristão, do pai de família e do produtor.

Ora, o Integralismo está nìtidamente, perfeitamente, dentro dêsse quadro traçado pelo incomparável Chefe da Igreja.

No Integralismo há um regimen corporativo integral, abrangendo tôdas as profissões, menos o Clero e a milícia. Os poderes se organizam democràticamente, nos três gráus — municipal, provincial e federal, por eleição corporativa. Quer dizer que o Estado é a resultante das corporações e nenhum interêsse pode ter alheio ou contrário a elas. O Estado liberal, fictìciamente, é a resultante da vontade do povo, manifestada em eleições, pelo sufrágio universal. Êsse sistema já fêz as suas provas e revelou a sua incapacidade e impotência. Os eleitos por classes representarão muito mais seguramente os direitos, aspirações e interêsses destas.

Portanto, mesmo levando em conta as paixões humanas, é muito menos de esperar que o Estado absorva a atividade individual, no Integralismo, que nos regimens vigentes.

O Integralismo invoca as bênçãos de Deus; respeita rigorosamente os direitos da personalidade humana; por sua natureza, dá a direção às capacidades técnicas, profissionais e sociais; empenha-se pela colaboração das boas vontades e conciliação das classes.

A conclusão é, que o Integralismo está perfeitamente dentro das condições formuladas por Pio XI.

9 — No caso em que se tenha uma organização corporativa paralela a um Estado que não resulte dela e que se tenha organizado de outra forma, com-

preende-se que êsse Estado possa desmandar, agir polìticamente sôbre as corporações e invadir o domínio da atividade individual. No Estado Integralista, isso só poderá acontecer, dadas as contigências humanas, não, porém, como resultado da natureza mesma do regimen, o qual, ao contrário, é muito mais propício que qualquer outro a uma perfeita harmonia, porque nêle, pròpriamente falando, o Estado se indentifica com a organização corporativa, de que é apenas a expressão.

Como diz o Código Social, de Malines, a autoridade do Estado deve aplicar-se em fomentar os bens materiais, intelectuais e morais, para o conjunto dos seus membros. Ora, no regimen liberal, nada garante que, do voto atômico, do sufrágio universal, resulte no Estado a verdadeira representação daqueles bens e interêsses, como é de presumir e esperar na representação corporativa.

10 — A idéia da organização corporativa é uma idéia vencedora hoje e se vai espalhando, embora sob modalidades diferentes, sem que contra ela se tenha manifestado a autoridade religiosa. A Igreja entrou em relações com o Estado fascista e com êle resolveu o formidável problema dos estados pontifícios. Certo é, pois, que a Igreja não julga êsse Estado, em princípio, contrário a ela. Surgiu um conflito, felizmente dissipado. Êsse conflito, porém, não procedeu da natureza do regimen, e sim de um modo

de ver em determinada direção, e, por isso, poude ser satisfatòriamente resolvido.

11 — No regimen monárquico, dada a união entre a Igreja e o Estado, não tínhamos a liberdade de culto. Dizer que êsse regimen foi favorável à Igreja, seria desconhecer a realidade. Com a república vieram-nos a liberdade de culto, e, em região mais profunda, a liberdade de consciência, que aliás sempre existiu, a liberdade de imprensa, a liberdade de cátedra, a laicisação completa da sociedade brasileira.

Ora, a Igreja condena essas liberdades, como se vê pelo **Syllabus**. Entretanto, a Igreja aceitou êsse regimen no Brasil, entrou em relações com êle e não vedou e nem mesmo censurou que os católicos fizessem parte das organizações partidárias que teem surgido, nem que colaborassem com o govêrno ou mesmo neste figurassem.

Há, pois, necessidade de um exame detido sôbre o assunto, antes de condenar o Integralismo porque aceite a liberdade de culto e o regimen de concordata, em vez do regimen da união entre a Igreja e o Estado, com tôdas as suas conseqüências.

12 — Preliminarmente devo dizer, que abraço a opinião de muitos, no entender dos quais, o **Syllabus** é um ato autêntico de Pio IX, obrigando universalmente os fiéis, não, porém, uma definição

ex-cathedra (D'Alés: **Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique. — Art.: SYLLABUS)** como nas definições dogmáticas.

A multiplicidade de religiões jamais será um bem, diz Mgr. Bougaud. Melhor será, que tôdas as almas tenham um só Deus, uma fé, um batismo, uma Igreja, um caminho para a eternidade. Se, pois, a liberdade de culto é estabelecida como uma glorificação da multiplicidade de cultos; se a sociedade declara, que concede a todos os cultos a liberdade, porque se equivalem, porque são todos igualmente verdadeiros, sendo, portanto, indiferente que se adote êste ou aquêle ou nenhum, essa liberdade é inaceitável. É nesse sentido que a Igreja condena a liberdade religiosa.

As coisas, porém, não se passam assim. A liberdade de cultos impoz-se como necessidade resul. tante de circunstâncias, contra os quais foram impotentes os esforços humanos.

Aceitar, pois, a liberdade de cultos como um mal irremovível, de fato, e não como um princípio que se deva sustentar e defender, não é contrário à doutrina da Igreja **(Le Christianisme et les temps presents)**.

Essa distinção entre o princípio e o fato não é meramente escolástica; tem, ao contrário, grande importância prática. Se o Estado reconhece, em princípio, a liberdade de cultos, êle renuncia, **ipso facto**, a quaisquer meios, procedimentos e intervenções no sentido de fomentar e favorecer a propaga-

ção da verdade religiosa, segundo a crença católica, no ensino, na sociedade, na catequese, etc., e dar à Igreja todo o prestígio a que ela tem direito.

A liberdade religiosa, de fato e não de direito, pode e deve significar, que se reconhece existir uma só Religião verdadeira, tolerando-se as outras para evitar maior mal.

Nesse sentido a liberdade de culto não é condenada pela Igreja.

13 — As mesmas considerações poderemos, seguindo Mgr. Bougaud, aplicar à liberdade de consciência.

Na realidade não há liberdade de consciência para o indivíduo, diante de Deus. Em presença da verdade e do êrro, do bem e do mal, conhecidos, revelados, não há direitos de escolha. Diante, pois, de Deus, que é a fonte, e da Igreja, que é a depositária infalível da verdade, não pode haver liberdade de consciência. Mas, e diante do Estado? Perguntai à própria Igreja, se o Estado tem o direito de oprimir a minha consciência. Ela responderá: Não.

Foi Jesus Cristo, quem primeiro afirmou a inviolabilidade da consciência individual.

Se, em certas épocas e em certas condições, poude o Estado dirigir os seus vassalos em matéria religiosa, êle o fêz em virtude de uma **delegação** da Igreja e não em virtude de um **direito**, que lhe seja inerente. Ora, dada a separação entre a Igreja e o Estado, exigida pelas circunstâncias, como se tem

dito, não pode o Estado, isolado, intervir no assunto, e deve proclamar a liberdade de consciência. Uma vez, pois, que há uma grande variedade de religiões, representadas freqüentemente no próprio govêrno, de que resulta a necessidade do regimen da separação, a liberdade de consciência se impõe como necessidade absoluta (Bougaud: **Ibidem**).

As teses 77 e 78 do **Syllabus** relativas à liberdade de culto, estabelecem que a existência de um Estado católico se justifica ainda, em nossos dias, mas não excluem a permissibilidade de outros Estados, dadas outras condições (G. Esser e J. Mausbach: **Religion. Christentum. Kirche**; III Vol. — **Die Kirche und die Kultur**).

A Igreja católica é muito sábia. Em todo o conflito entre ela e a cultura moderna se descobrirá fàcilmente uma interpretação errônea da doutrina da primeira ou uma compreensão viciosa dos resultados da segunda.

14 — Jacques Maritain é um escritor católico de grande merecimento, diante do qual nos curvamos reverentes. Não é, porém, a autoridade necessária no caso. Releva notar, que o ilustre escritor se refere ao fascismo e ao nazismo. São êsses os tipos que a Europa tem sob as vistas. O Integralismo não é a mesma coisa que aquêles dois regimens; é bastante diferente.

Não descubro no Integralismo nada que importe na negação dos valores espirituais da Igreja. Se há, é

coisa muito sutil, que escapa à minha compreensão. Chegarei, então, a esta conclusão bastante singular, isto é, essa subtileza escapara ao próprio criador do Integralismo, ao Chefe Nacional, católico praticante, e a muitos outros católicos entre as principais figuras do Integralismo.

Para mim, muito ao contrário, o Integralismo visa uma efetivação maior dêsses valores espirituais da Igreja, em colaboração íntima com ela.

15 — Na citada Encíclica **Quadragésimo Ano,** Pio XI condena tanto o liberalismo absoluto como o **estatismo** exagerado, sem definir a técnica nem os limites do corporativismo. Diz, ainda aí, Pio XI que duas coisas são necessárias — a reforma das instituições e a dos costumes, entendendo-se pela primeira, em especial, a reforma do Estado. Exige, porém, que a reforma do Estado se faça pelos meios legítimos, sem violências; e a dos costumes, sôbre as bases cristãs.

A meu ver, é precisamente isso, que o Integralismo tem como objetivo.

16 — O argumento principal contra o fascismo era, em França, êste: Estado totalitário, praticando a economia dirigida, tutelando as atividades individuais.

Digamos, de passagem, que a animosidade contra o fascismo, se não desapareceu de todo, está muitíssima atenuada em França, depois que o mesmo aí se tornou mais conhecido.

Segundo Jean Giraud, um dos principais redatores da "Croix", de Paris, a essência do govêrno totalitário é a identificação do Estado com um partido político ou social, sendo dessa natureza o regimen em França.

Efetivamente, é o que se tem visto nos Estados liberais, é o que se tem visto no Brasil. O Estado resolveu-se no partido vencedor (e vencedor por que processos!); e êsse partido absorve tudo, dominando até nas consciências. O Estado Integralista só é totalitário no sentido de ser a expressão dos interêsses legítimos de tôdas as classes e profissões, de ser a resultante de tôdas as fôrças vivas da nação. O Estado integralista não é totalitário no sentido em que, com tanta mágua, vê Jean Guiraud praticar-se o apregoado regimen liberal democrata, em França. No Estado Integralista não há partidos; portanto, não existe o perigo de apossar-se do govêrno, pela fôrça, pela astúcia ou pela corrupção, um partido, para oprimir os outros, para destruir a obra, às vêzes grande e nobre do partido que o precedeu no poder, para perseguir quem quer que a êle não se submeta.

No Estado Integralista, o poder não é o instrumento de um partido, mas o centro vital do organismo corporativo, não superior a êste, pois é parte integrante do mesmo, por êle se exercendo e efetivando assim como, pelo corpo humano, em união substancial, a alma se exerce a efetiva. Servindo-me das expressões escolásticas, poderei dizer que, no

Integralismo, o Estado é a **forma** e o organismo corporativo a **matéria**, em união substancial.

17 — No Estado Integralista, a economia não é deixada aos azares da livre concorrência, como no liberalismo nefasto, nem dirigida e tutelada, como no comunismo mais nefasto ainda; é, porém, uma economia ordenada, capaz de impedir os excessos que hoje vemos.

Totalitarismo, extremismo da direita e outras designações, que se tem empregado para o Integralismo, são inadequadas e injustas, visando apenas torná-lo suspeito.

18 — Dizer que o totalitarismo, seja qual for, contraria a ideologia cristã, não é exato. É preciso distinguir. Quem não distingue, confunde.

Foi essa distinção, que fizemos, colocando a questão nos seus devidos têrmos.

Não me parece, em conclusão, que o Integralismo algo encerre em contrário à doutrina da Igreja, e que o católico não possa, em consciência, a êle aderir.

Lembrei, por fim, as palavras proféticas de um grande católico social francez, La Tour Du Pin: "A revolução histórica, que fêz passar a direção do mestre ao patrão e dêste ao capitalista, acabará por passá-la à corporação adaptada aos novos tempos". Êsse sucessor será o Integralismo.

(in **Panorama**, ano I, n.º 12, 1937)

II

A Candidatura de Plínio Salgado — (1937)

(Discurso proferido na memorável noite em que, no Instituto Nacional de Música (Salão Leopoldo Miguez), as Côrtes do Sigma proclamaram Plínio Salgado candidato da Ação Integralista Brasileira à Magistratura Suprema de nossa Pátria em 1937. A Offensiva 4-7-1937).

Integralistas!

PARA transmitir ao Chefe Nacional, em nome das Côrtes do Sigma, o resultado do plebiscito a que se procedeu para a escolha do candidato do Integralismo à Presidência da República, nas próximas eleições eleitorais, plebiscito, em que foi êle o escolhido com perto de 850.000 votos, e para saudá-lo nesse caráter de candidato nosso, nesta hora inesquecível, mistér não havia que se recorresse ao humilde orador que vos fala. Em tôrno do nosso Chefe gravitam muitos astros resplendentes, espíritos de escol, verbos eloqüentes, que todos, com muito maior brilho, poderiam desempenhar tão honrosa quanto grata incumbência.

Talvez porém, tenha havido, nesta escolha, uma intenção, uma consideração que me torna mais sagrada ainda a minha tarefa e me faz aceitá-la com maior calor. É uma voz que vem das montanhas mineiras. É uma voz que, se algo pode revelar das asperezas daquêles cerros e das brumas que envolvem aquelas frágoas, guarda nas emoções que a fazem vibrar todo um passado de altivez, independência e liberdade, de honestidade e desinterêsse, pa-

trimônio nobilíssimo que a geração atual certamente há de conservar e engrandecer.

Não alimento ódios. Nenhuma parte tenho nos dissídios políticos que dilaceram o meu estado, dissídios lamentáveis êsses em que talvez menos culpados são os homens do que as idéias que êles herdaram com a tarefa impossvel de resolver os problemas gravíssimos da hora presente, nos velhos quadros do liberalismo, cuja falência ninguém mais pode desconhecer ou disfarçar.

Nos três grupos partidários lá recém formados, muitas pessoas há de grande merecimento, a que me ligam estreitos laços de simpatia e admiração. Afastado completamente da política partidária desde 1911, não tenho, entretanto, recusado aos governos de minha terra os serviços, que êles julgarem poder eu prestar.

Se assim falo, não é para erguer o meu pedestal, senão para mostrar a minha imparcialidade, serenidade de espírito e elevação de ânimo.

Católico integral, filho obediente da Igreja, abracei o Integralismo, onde se me oferece um sistema racional, onde se me oferecem meios adequados para a efetivação de idéias que me são caras, idéias aliás, que bebi na doutrina social da Igreja, especialmente na magna **carta do catolicismo social**, a encíclica **Rerum Novarum**, de Leão XIII, completada depois pela incomparável encíclica **Quadragésimo Ano**, de Pio XI.

Foi Plínio Salgado quem desenvolveu e agitou aos olhos do povo brasileiro, dêsse povo que a desilusão e o desânimo iam a pouco e pouco invadindo e enervando, essa bandeira sagrada, a cuja sombra vieram abrigar-se multidões sedentas de justiça e verdade, realizando o que nenhum partido político houvera conseguido ainda em todo o país. Daí o ódio que o Integralismo desperta da parte daqueles, que não sabem compreender o regimen que combatem nem respeitar o que defendem. O ódio é uma despêsa improdutiva. Serve no momento, mas prejudica e agrava depois. Se nos odeiam e perseguem é precisamente porque não nos podem desconhecer, nem esquecer, nem sobretudo desprezar.

Quando, há cinco anos Plínio Salgado ergueu a sua voz, pôde parecer a muitos que fôsse apenas uma das muitas regenerações de que já estamos fartos, a outros que fôsse uma tentativa generosa mas fadada ao insucesso; e quase ninguém acreditava que essa palavra conseguisse despertar um eco de vida, no meio da cinza inanimada a que estávamos reduzidos.

Mas, o milagre se fêz. Êle conseguiu despertar o povo. Êle conseguiu formar uma consciência nacional, precisamente porque soube compreender a gravidade da situação, soube perceber os novos rumos que o mundo tomou agora, soube restaurar as fontes da verdadeira energia e confiança do povo, soube, enfim, reconhecer que o regimen político liberal não basta para resolver os problemas que vão

surgindo, tanto na ordem econômica, como na ordem social e política.

Senhores. Para curar os males da revolução, disse La Tour du Pin, um dos grandes iniciadores do movimento católico social francês, para curar os males da revolução, não devemos pensar em uma contra-revolução, mas em uma ação em sentido inverso, procurando reconstruir os organismos sociais, essenciais, sôbre que a revolução exerceu a ação dissolvente, isto é: a sociedade religiosa, a sociedade doméstica, a sociedade profissional.

Ora, é essa, no fundo, a tarefa do Integralismo, tarefa que êle vai realizar dentro da lei e do respeito às autoridades legítimas, dentro da legalidade fundamental traçada pela Constituição da República.

Senhores. A revolução, disse J. de Maistre, não é um acontecimento, é uma época; e as épocas duram mil anos e mais. Nós estamos em pleno período revolucionário. Que nos deu essa revolução? Vejamos.

*

* *

O individualismo impregnava de tal modo os legisladores de 1791, que não lhes parecia possível a ordem pública sem a dispersão dos cidadãos, sem a atomização da sociedade; não lhes parecia possível a liberdade senão mediante a supressão de tôda a associação profissional, todo organismo criado para a defesa de agrupamento naturais, como interme-

diário entre o Estado e o cidadão. Daí o Estado liberal. Para o liberalismo, o princípio de ordem social é a liberdade dos indivíduos; outros fins não tem o Estado, além de garantir essa liberdade. O resto, e êsse resto é o principal, o bem estar geral da comunhão, o bem comum procederá da harmonia dos interêsses, como resultado natural da liberdade dos indivíduos que propugnam por êsses interêsses; com êle não tem que se haver o Estado. O Estado liberal, pois, quer ser apenas um Estado jurídico; a sua função é proteger e garantir a liberdade. E como, fóra da liberdade individual, só há a liberdade da propriedade, pode-se dizer que o Estado liberal tem como função e objetivo garantir a liberdade do indivíduo e da propriedade. Resulta daí que, no terreno econômico, ficou campo aberto à concorrência livre, em tôda a sua fúria e violência, para o triunfo do mais forte, essa concorrência cruel, desumana.

A livre concorrência, entregue a si mesma, já fêz as suas provas, de cem anos para cá; é um regimen anárquico e opressor. Como diz Pio XI, na encíclica **Quadragésimo Ano,** "assim como não se poderá fundar a unidade do corpo social sôbre a oposição das classes, assim também não se poderá esperar do livre jôgo da concorrência o surto de um regimen econômico bem ordenado. Dessa ilusão, como de uma fonte contaminada, é que brotaram todos os erros da ciência econômica individualista". Eis o que diz o grande Pontífice.

Há quase cem anos, dizia Lacordaire: **"entre le fort et le faible, entre le riche et le pauvre, c'est la liberté que opprime, c'est la loi que affranchit"**.

Êsse é o território propício para o surto do capitalismo, já hoje triunfante sôbre a servidão econômica do proletariado.

Certamente o Estado realiza obras e mantém serviços para o bem geral; chegarei lá; desde já, porém, posso dizer que essa função, subordinada à primeira, só vem aproveitar verdadeiramente aos que triunfam na vida econômica. Teòricamente, o Estado liberal dá justiça, educação, trabalho, emprêgos, confôrto, higiene a todos. Essa, porém, não é a realidade.

*

* *

E não é só isso. Se não há um bem comum como objetivo e norma do Estado, então, o seu direito é essencialmente um direito privado. Trata-se apenas de garantir o indivíduo e a propriedade. O resultado é a opressão dos direitos naturais, do direito de associação dos trabalhadores, do direito de associação para a defesa de interêsses comuns.

Não há lugar para o direito público dos grupos que se organizem para a garantia e defêsa de interêsses comuns no conjunto social, conforme a natureza das coisas.

Êsse estado jurídico não tolera administração profissional alguma, com política social e econômica

própria, por fôrça do direito público. O direito privado do estado liberal, é, pois, predominantemente, um direito de bens e um direito de contratos. No centro está o direito de propriedade, na sua expressão absoluta, romana, ou **jus fruendi, utende et abutendi**. Êsse estado jurídico, liberal, individualista, devia dar no estado capitalista. Tudo que êle tem feito em contrário aos princípios fundamentais que acabamos de expor representa conquistas arrancadas, às vêzes, a fôrça. Quando Waldeck Rousseau levantou o sindicalismo em França, pelo qual aliás já se viam batendo os católicos sociais na Alemanha, na Áustria, na Bélgica e na própria França, o que êle conseguiu, no dizer de Paul Boncourt, foi meter uma cunha no individualismo opressor do Código Napoleão. Graças a essa cunha, a imensa mole individualista começou a cindir-se e a esboroar-se.

O estado jurídico toma naturalmente a forma de uma democracia mecanista. Se os indivíduos são apenas, como átomos, sujeitos as fôrças cegas e fatais dos interêsses e da concorrência, não há entre êles laços orgânicos; só pode haver relações de ordem meramente mecânica. Dêsse agrupamento mecânico procedem, mecânicamente, os elementos dirigentes dos estados, graças às eleições. Mas, o eleito só pode representar, quando muito, os interêsses do partido e não os interêsses coletivos. Quem representa todo mundo, não representa ninguém. Freqüentemente os eleitos não são compreendidos pelas massas, senão quando lhes falam a linguagem da

paixão ou as corrompem. Entre a teoria formosa e a apliação tristíssima dêsse regimen, reina uma contradição incontestável. Nos países em que as eleições são uma burla, como foi até há pouco entre nós, ficam na dependência dos chefes políticos, isto é, dos detentores do poder. Nos países, como a França, em que as eleições exprimem a verdade, tornam-se os governos de gabinete escravos dos parlamentos e os parlamentos escravos das massas eleitorais, não vendo senão os interêsses materiais desta e os seus apetites.

Evidentemente, os interêsses dos operários, dos comerciários, dos industriais, dos membros das profissões liberais, de todos enfim, seriam melhor representados se o fôssem por intermédio das grandes corporações profissionais, fóra dos interêsses partidários. Ter-se-ia então um organismo e não uma máquina.

Nessa democracia formal, que é a democracia liberal, a formação dos partidos não procede da concorrência das idéias, mas da concorrência entre os líderes eleitorais; daí êsse espetáculo tristíssimo dos vai-e-vens intermináveis pela via terrestre, pela via marítima, pela via aérea; dêsses acordos incessantes, que se fazem e desfazem; dêsses abandonos, deserções, reconciliações, traições, repúdios e tripúdios.

Assim, pois, o estado liberal jurídico, capitalista, mecânico, é também político.

No estado jurídico liberal, a política social vai-lhe sendo imposta a fôrça. Ora, o objetivo principal

dessa política é dar ao operário a garantia de que precisa: — garantia econômica, quanto ao seu salário, quanto a manutenção de sua família: garantia funcional, nas condições do seu trabalho, na sua higiene, confôrto e moralidade; garantia jurídica, na defêsa dos seus direitos, defêsa hoje inacessível aos seus recursos; garantia social, na sua situação social, nas suas associações, etc...; garantia cultural, na sua participação espiritual da cultura.

Êsse o estado primitivo liberal, o estado neutro. Ora, a experiência nos mostra que o estado liberal, meramente jurídico, evolui fàcilmente para aquilo de que ineptamente somos acusados, o estado totalitário. O estado liberal não pôde manter-se nos limites primitivos. Novos problemas vão surgindo, novas formas de vida econômica, novas relações jurídicas; e o estado neutro, não possuindo na sua própria natureza, na sua própria estrutura, meios adequados para resolvê-los, procura dominá-los e absorvê-los; e assim a política liberal democrática foi passando a efetivação de um regime de fôrça em que emergem apenas as potências de interêsse individualista, as potências econômicas. Essa evolução não se realizou apenas no terreno econômico, mas se estendeu aos domínios da vida socio-cultural.

A princípio, o estado liberal só pretendia garantir a liberdade do indivíduo e da propriedade; passou depois a garantir o domínio cultural assumindo tôdas as tarefas econômicas, sociais e culturais, que não lhe pertencem, para se garantir contra os resul-

tados, perigosos para êle, que se iam acumulando, de uma sociedade falsamente organizada. Não querendo ser senão meramente jurídico, foi-se transformando em estado totalitário, em estado que coloca, na sua esféra de atribuições, deveres e atividades, tôda a vida social e política, no seu conjunto. Carlos Schmidt caracterisa bem as três fases: estado absoluto, nos séculos XVII e XVIII; estado neutro, no século XIX; estado totalitário, no século XX. Na França, diz o ilustre escritor Jean Guiraud, o Estado é verdadeiramente totalitário. Os resultados aí estão. Ninguém os pode desconhecer. Assinala o citado Schmidt o êrro que temos em presença — um estado econômico sem constituição econômica.

*
* *

É necessária uma constituição nova para o estado, capaz de restabelecer as relações legítimas, as relações racionais antigas, entre o estado e a economia; uma organização que, em face das fôrças de ordem social, possa evitar aquêles dois extremos; uma organização em que, conforme as palavras por mim citadas de La Tour du Pin, se restaurem as organizações sociais essenciais, que a revolução destruiu: a sociedade religiosa, a sociedade doméstica, e a sociedade profissional.

Ora, essa é a concepção corporativa da economia, em que a corporação, como sujeito de direito

público, tire ao estado uma grande parte das tarefas político-econômicas e político-sociais que êle usurpou, em prejuizo delas, tornando-o ao mesmo tempo bastante forte para que, superior aos interêsses meramente econômicos e às imposições políticas, possa promover e propugnar verdadeiramente o bem comum.

O grande, o incomparável merecimento de Plínio Salgado foi encontrar uma fórmula, em que se completasse a experiência do passado com os ensinamentos do presente, em que se restaurasse as corporações de ofício, aspiração dos grandes pensadores católicos, conselho das monumentais encíclicas **Rerum Novarum** e **Quadragésimo Ano,** não na sua estrutura medieval, mas sob forma democrática, consentânea com a nossa época, passando os interêsses do plano político para o plano profissional; organização em que o Estado, igualmente longe do Estado neutro e do Estado totalitário, tenha os elementos, autoridade e a fôrça bastantes para realizar o bem comum. Dizer que sômos inimigos da democracia e queremos o Estado totalitário é uma calúnia e uma inépcia.

Na concepção integralista, o regimen corporativo é um modo de organização social, que tem por base o agrupamento dos homens, de acôrdo com a comunhão dos seus interêsses naturais e suas funções sociais, e por coroamento necessário a representação pública e distinta dêsses diferentes organismos. É ao mesmo tempo uma reação contra o di-

reito romano absoluto e contra a filosofia de que nasceram os princípios de 1789. Na base do primeiro, está a noção abstrata e exclusiva do indivíduo em prejuizo de um elemento concreto, que é a vida social; na base da segunda está a noção de liberdade, em detrimento da solidariedade e da honestidade e, pois, da caridade.

Mediante essa organização, restaura-se, ao lado da noção do direito, a noção do dever social; restauram-se os direitos imprescritíveis da personalidade; substitui-se pela colaboração entre os trabalhadores a luta entre as classes; consagra-se a capacidade de trabalho, restaurando a unidade da profissão; instaura-se a justa medida do salário e do lucro; vê-se no homem, não o indivíduo, mas a pessoa, os seus direitos naturais, o seu trabalho, as suas funções e a sua finalidade. Êsse regimen, como diz Duthoit, é incompatível com o Estado liberal, é incompatível com o Estado cesarista, é incompatível com o Estado entregue às agitações e sobressaltos de um parlamentarismo político palavroso e estéril.

Na base do Integralismo está uma concepção do mundo franca e plenamente integralista, que assenta na existência de Deus, imortalidade da alma, lei moral, personalidade, liberdade, responsabilidade, hierarquia, família, propriedade, corporação.

Essas idéias tôdas não vieram aos poucos, graças aos debates e as polêmicas, de modo que sôbre elas pudesse alguém enganar-se: elas figuram já no pequenino manifesto de outubro de 1932.

Tal é a obra de Plínio Salgado. Os liberais chamam-nos extremistas: colocam-nos ao mesmo nível que o comunismo. O Integralismo e o comunismo, são irmãos, dizem uns, primos, asseveram outros. Na sua incurável miopia não querem compreender quanto é suspeita a aliança dos comunistas com êles, e quanto é significativo o ódio que os comunistas nos votam. Não percebem que êsse ódio é a demonstração de que, no Brasil, os comunistas só temem uma coisa: o Integralismo.

Lembro-me aqui de um apólogo, a que se referia Napoleão, da aliança entre os lobos e os cães contra os cordeiros, cuja guarda era confiada aos segundos. Destroçados e devorados os cordeiros, restaram os cães em frente de inimigos mais terríveis, mais fortes, mais famintos e menos escrupulosos que êles, e dos quais foram vítimas, por sua vez. Na sua recente encíclica **Divini Redemptoris,** de 19 de março dêste ano, diz Pio XI: "Se alguns induzidos em êrro, cooperassem para a vitória do comunismo em seu país, seriam os primeiros a cair vítimas de sua cegueira".

Em livro recente, cuja apreciação li, há poucos dias, na "Croix", Mgr. Baudrillart mostra que essa tirania enganosa das palavras pode ser uma arma terrível nas mãos do adversário. Antigamente em França, diz êle, o grito de guerra dos inimigos era: Clericalismo. Hoje é: Fascismo.

Le clericalisme: voilá l'ennemi, vociferava Gambetta.

Quando se queria afundar um homem sob o pêso de tôdas as ignomínias, gritava-se-lhe: clerical.

O clerical queria sufocar a liberdade, estrangular a democracia, apagar as luzes da civilização, restaurar a Idade Média, os dízimos, **le droit du seigneur**, as fogueiras da Inquisição. Se algum espírito generoso ousava reclamar para os católicos a liberdade civil e política, era logo acoimado de clerical. Clerical Jules Simon, que não era católico; clerical Vacherot, que nem era cristão. O terror dêsse epíteto, continúa Mgr. Baudrillart, acobardou muita gente e provocou muitas deserções. Hoje, fala-se no Fascismo. Fascistas são todos os que, em França, combatem o comunismo. Laval é fascista, Flandin é fascista. Fascistas são os operários que não se submetem à C.G.T. (Confédération Générale du Travail). Fascistas são todos os católicos. Ora, senhores, não é precisamente tudo isto que vemos entre nós?

Nessa mesma tecla batem entre nós os comunistas, confessos ou disfarçados, os aproveitadores do regimen, os ignorantes e os agachados. Uns, por não terem convicção alguma, não têm também escrúpulos em desrespeitar a alheia. Outros, querem apenas servir aos governos inimigos do Integralismo. Outros, com a sua exaltação e fanatismo, procuram talvez ocultar as próprias dúvidas que, no íntimo, os assaltam. Aquêles, que sinceramente defendem o regimen e vêem no Integralismo um inimigo, êsses nos injuriam, não nos caluniam. Sabem

respeitar os outros, porque primeiramente sabem respeitar-se a si mesmos. Pois bem, êsses são adversários leais e dignos; a êstes, combatemo-los mas os respeitamos e acatamos. Aos outros, diremos que os seus insultos não valem mais que as suas ameaças, e que uns e outros servem apenas para alimentar o nosso ardor e para nos confirmar na convicção de que não andamos errados. Êles mesmos não têm a certeza do dia de amanhã: as vicissitudes políticas de que diàriamente dão exemplo, não são de molde a infundir-lhes confiança na sua própria fôrça. Como no campo de Agramante, entre êles só reina a discórdia.

Pois bem, Integralistas, ergamos os nossos corações. Quando os Gracos resvalaram e cairam, na sua nobre tentativa em favor da plebe, disse Mirabeau, êles tomaram a poeira do chão e a lançaram para o céu. Dessa poeira nasceu Mário, Mário menos admirável por ter esmagado os Cimbros e os Teutões do que por ter abatido em Roma a arrogância da nobreza. Não queremos os processos sediciosos dos Gracos, menos ainda os de Mário: mas da poeira do chão, que já tem sido fecundado com o nosso esforço e até com o nosso sangue, estão surgindo os renovadores e restauradores da Pátria. Como resposta, nós erguemos em nossos escudos, que são os nossos braços, o nosso Chefe, proclamando-o nosso candidato à presidência da Repú-

blica, nas próximas eleições. É a demonstração da nossa confiança nêle, da nossa confiança em nós mesmos, e da nossa confiança no povo, porque sabemos com quantas simpatias contamos fóra das fileiras integralistas. É ainda demonstração da confiança que depositamos no digno Chefe do Estado, o presidente da República; êle conhece os nossos intúitos e a nossa atuação; dêle só temos a esperar que seja o defensor supremo e indefectível da verdade eleitoral. É ainda a demonstração da confiança que nos devem merecer os elementos políticos que, em dois campos diversos, proclamam como seus candidatos cidadãos igualmente dignos da elevada investidura. Quanto não será salutar a lição, quanto não se encherá de confiança o povo, se, nas próximas eleições, forem banidos os processos antigos de violência, compressão, subôrno, demissões, transferências, desrespeito, enfim à dignidade do eleitor; processos tristíssimos que tanto tem maculado o regimen republicano entre nós, deturpando-o completamente.

Essa é a confiança com que vamos às urnas, para sufragar o nome do Chefe Nacional do Integralismo — Plínio Salgado, a quem, neste momento, no meio dêste entusiasmo indescritível, vão a nossa confiança, os nossos aplausos, os nossos afetos e tôdas as nossas bênçãos.

ALCEBÍADES DELAMARE

AOS MÔÇOS UNIVERSITÁRIOS

Ofertando aos universitários integralistas, na sessão solene de 6 de maio de 1937, no Instituto Nacional de Música, o Pavilhão da Pátria, proferiu o Dr. Alcebíades Delamare, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, um longo discurso, cujo resumo aqui transcrevemos, extraindo-o das páginas de A Offensiva.

Duvidaes por ventura que a hora que estamos vivendo, entre as apreensões alarmantes da guerra civil e as soturnas perspectivas das subversões sociais, pertence mais às novas gerações, de que sois formosa expressão de varonilidade, coragem, idealismo, do que a nós outros que carregamos sôbre os ômbros o fardo de dois séculos de embuste filosófico, de sofismas científicos, de sociologismos empíricos, de economismos desumanos?

Entregando-vos o pavilhão glorioso do Brasil, delego-vos, em nome dos vossos mestres aqui presentes nesta hora culminante da vida nacional uma soma de poderes, de que deveis utilizar-vos, não em benefício das vossas ambições, dos vossos anhelos,

dos vossos desejos — por mais legítimos e justificáveis que sejam — mas na defêsa de um patrimônio moral, de uma herança de honra, de um acervo de cultura, de que sereis dagora para o futuro os depositários fiéis, vigilantes, impertérritos.

Olhai comigo o panorama do mundo angustiado dos nossos dias.

Que vêdes? A sociedade contemporânea debatendo-se, estertorada, agonizante, entre civilizações paganizadas que morrem pelo excesso de culturas mal estratificadas e civilizações recristianizadas que brotam das fontes puras da vida.

Às violências da fôrça, às conjuras da politicagem, ao orgulho da tecnocracia, ao imperialismo do capital, à degradação da burguesia, devereis opor, nas refregas que ides empreender, as virtudes tradicionais do espírito cristão, a renúncia ao gôzo, o prazer do sacrifício, o amor à ordem, o respeito à autoridade, o acatamento à lei.

Sois soldados de uma nova cruzada contra os infiéis, que pretendem, na sua insensatez e na sua volúpia, completar, neste sombrio fim de era, a obra nefanda de barbarisação definitiva do século vinte, tornando-o mais desastroso, mais odiento, mais nefasto à humanidade, do que fôram os séculos XVIII e XIX.

Sois os arautos do advento da Idade Nova, que breve será instaurada no Brasil sob o signo sagrado do Cristo e a flâmula bendita do Sigma.

Haveis de reconquistar o Brasil, não pela fôrça bruta das armas mas pelo poder invencível das almas. Recupera-lo-eis para as gerações de amanhã, não nos prélios sangrentos das quarteladas, mas nos comícios pacíficos das urnas.

O anti-Cristo, para apossar-se da nossa Pátria, forjou entre os nossos irmãos desprevenidos e exaustos a mística do anti-Brasil. Para colimar à sua sinistra finalidade usou das mais perigosas armas: — a dissimulação, a mentira, a fraude, a hipocrisia, a perfídia — pondo em funcionamento todos êsses processos diabólicos com que costumam os inimigos de Deus, da Pátria e da Família mascarar suas intenções para não descobrir os jogos das suas cavilosidades.

Usareis de métodos diferentes. Não da técnica brutal de Sorel. Mas dos processos suaves do Cristo: — a mansidão, a lealdade, a paciência, a confiança, o amor. No vosso meio, portanto, não medrará jamais a vaidade que desviriliza o caráter, não imperará em tempo algum o individualismo que degrada a dignidade da pessoa humana, nunca vicejará o orgulho que insensibiliza a consciência.

Nas vossas fileiras não assentarão praça os covardes, os trânsfugas, os bifrontes, os energúmenos, os gozadores, os interesseiros, os que aguardam como rafeiros a hora da partida dos benefícios da vitória, nem os que farejam como corvos os despojos dos vencidos. Falareis, portanto, a linguagem clara dos que prezam a verdade, acima de tudo, contra

tudo, apesar de tudo. Direis, invariàvelmente, o que pensais, e afirmareis, em qualquer circunstância, os vossos propósitos.

Vestistes uma camisa verde. E vestindo-a, tomastes uma atitude na vida, definistes para sempre uma posição em face dos acontecimentos, puzestes ao serviço de uma causa santa o que possuis de melhor — a vossa inteligência, a vossa liberdade, a vossa vida.

Erguestes um braço. E erguendo-o com entusiasmo, com convicção, galhardia, desassombro, elegância, preferistes um posto de vanguarda no setor mais perigoso da luta pela defesa da honra e da dignidade da Pátria.

Que fazem vossos adversários?

Acusam-vos de inimigos da democracia, das liberdades, das instituições tradicionais do Brasil, não obstante as provas esmagadoras que tendes dado de que o integralista é o soldado intemerato da Ordem, o defensor impertérrito da Autoridade, o guardião vigilante da Lei, o sentinela indormido dos nossos lares, o pregoeiro apostólico do nosso Deus, — o homem de aço que êsse predestinado condutor das multidões forjou no cadinho da sua fé e do seu patriotismo para restaurar o Brasil na fé tradicional de seus maiores e no patriotismo puro que inspirou os artífices da sua unidade política, espiritual e territorial.

Que fazem vossos adversários?

Camuflados em defensores da democracia, mas obedientes às ordens do capitalismo internacional, e dóceis aos manejos das alfurjas maçônicas soviéticas, pregam aos ingênuos e aos ignorantes as velhas, bolorentas, mofadas, sediças babozeiras filósoficas, que o liberalismo manchesteriano fêz proliferar no caldo de cultura da revolução francêsa.

Recebem de Moscou, pelas vias misteriosas que o bravo e cultíssimo Gustavo Barroso tem denunciado em seus livros formidáveis, os recursos com que se fomentam as revoluções plutocráticas, se abastecem os cofres dos instigadores dos movimentos separatistas, se custeiam os batalhões proviórios ao serviço secreto do caudilhismo lindeiro, se asseguram as ridículas exibições de fôrça, as truculências afoitas, as arbitrariedades afrontosas dos desmandos fardados que os sabres de uma revolução sem programa, sem ideais, sem ramos, sem finalidades, guindaram ao supremo posto da governança de Estado dignos de melhor sorte, como por exemplo, a Bahia.

A vós, môços universitários, reservou o Chefe Nacional a missão nobilíssima de levar a palavra da Boa Nova à mocidade das escolas superiores.

Como vos desobrigareis dos encargos dessa tarefa gloriosa?

Usando da vossa palavra para esclarecer a verdade, para dissipar as dúvidas, para confundir os trapaceiros, para por um dique às enxurradas de mentiras, de infâmias, de calúnias que os canos de

esgôtos da maledicência mercenária verteram intramuros dos nossos estabelecimentos de ensino.

Direis, antes de tudo, aos vossos colegas a verdade elementar que êles desconhecem: — que o Integralismo baseia todo o seu corpo doutrinário no princípio da obediência ao Eterno, ao Imutável, ao Absoluto, ao Princípio e Fim de tôdas as criaturas e de tôdas as coisas, do que decorre o reconhecimento que proclama a finalidade transcendental do homem, o qual, nem por isso, deixa de ser — como já vos disse o Chefe Nacional — um índice biológico com aspirações legítimas na terra **como corpo,** e com aspirações superiores no infinito, como **centelha da Luz Divina**.

Eis porque o Integralismo afirma no homem a integração de um ser dotado de uma personalidade intangível, inviolável e sagrada. Intangível na sua consciência. Inviolável na sua natureza. Sagrada na sua dignidade.

Sôbre a pessoa humana, — criatura de Deus anterior e superior ao Estado — assenta o Integralismo a estrutura do seu edifício ideológico.

Direis ainda ao fâmulos do Kremlin e aos cornacas de Dimitrof que o Integralismo, por considerar a Família **unidade** do Estado — **principium urbis et seminarium reipublicae,** como a definira Cícero; por tê-la na conta de fundamento e esteio do Estado Orgânico Racional Cristão, como nos ensina a filosofia perene; por conceituá-la instituto de Direito Natural, que **precede** a sociedade civil e **ante-**

cede a existência do Estado, destinada, pelo caráter de sua permanência, invariabilidade e indissolubilidade, a conservar a vida do indivíduo e a perpetuar a espécie no tempo, como o tem demonstrado a sociologia da vida; direis, repito, à farândula ululante do materialismo histórico, aos teoristas trêfegos do Estado Inorgânico, aos doutrinários imaginosos do biologismo espenceriano, que o Integralismo garantirá à Família, na hierarquia da ordem social, o primeiro grau, porque reconhece que ela é o núcleo celular da sociedade, a fonte geradora e a fôrça geratriz das energias que nutrem, animam e vitalizam o Estado Orgânico Cristão.

Dir-lhe-eis mais ainda que êsse Estado, que ides muito em breve instaurar no Brasil, não se arrogará ao direito de substituir a Família na sua função educativa, na sua missão formadora da juventude, usurpando-lhe, sob pretextos fúteis e à sombra de preconceitos estultos, os direitos inauferíveis e os privilégios indeclináveis que lhe assistem. Complemento do lar, segunda célula social, **necessàriamente** participará a Escola no regimen integralista da **natureza da família** e da **natureza do Estado,** recebendo o seu espírito daquela e o impulso dêste para transmití-los às gerações confiadas à sua guarda e formação.

Tôda vez que a Escola se desvirtua de sua finalidade própria — como tem acontecido no Brasil por mais de uma feita, e ainda recentemente se nos ofereceu ensejo para assistir, desolados e es-

tarrecidos, ao espetáculo da sua progressiva, calculada e hábil transformação em instrumento de anarquia mental e de confusão moral, preferível será — como disse Tristão de Athayde — para felicidade nacional, que se cerrem as portas de todos estabelecimentos de ensino, a permitir-se que o mal, o êrro, a falsidade, a chicana, o sofisma estadeiem a arrogância e a filáucia da impunidade à sombra das prerrogativas da liberdade de cátedra.

Antes, mil vêzes antes um povo de analfabetos do que uma nacionalidade de parcicultos! — clamou, de uma feita, o Chefe Nacional. Para o homem ter um coração aberto aos eflúvios do patriotismo, para formar uma alma acrisolada no culto da família, para saber amar a Deus, não é preciso ter aprendido a ler, escrever e contar. É com material humano dessa espécie, sadio e puro na espontaneidade da sua adesão, inocente e sincero na alegria do seu gesto, cândido e impetuoso no arroubo da sua bravura, da sua coragem, do seu destemor, que se engrossam, dia a dia, as fileiras compactas dessas multidões de caboclos nordestinos, de praianos destemidos, de montanhezes altivos, de gauchos galhardos, que acorrem ao chamamento apostolar de Plínio Salgado — homem admirável que Deus suscitou para salvar o Brasil do cáos, da dissolução, da anarquia, da desordem, do esfacelamento.

Dir-lhe-eis também que o Estado Orgânico Integral Cristão, não pretendendo ser um **fim**, nem um **princípio**, mas apenas um **meio**, destinado a ga-

rantir a cada homem, na ordem temporal, a realização de sua natureza humana, assegurará à **associação** (sindicato) os direitos que lhe competem — não a absorvendo como faz o regime liberal, não interferindo na órbita de suas atividades específicas como ocorre no regimen marxista, não ingerindo na esféra de sua vida privada, nem perturbando o ritmo de suas funções próprias. Fiscalizando-a, tutelando-a, defendendo-a, considerando-a peça mestra no Estado e não orgão do Estado, não terá sôbre ela o direito de **precedência,** mas tão sòmente o de **preeminência** em tudo quanto interessar à ordem social e não atentar contra a liberdade, a dignidade e a inviolabilidade da pessoa humana.

Dir-lhe-eis por fim que o Chefe Nacional vos ensina que é na autonomia do Município que reside o princípio essencial da democracia pura, porque será êle o foco da vida brasileira — como diria Pimenta Bueno — elemento precípuo e indispensável do laço social de agregação nacional; porque será êle o primeiro escalão — na frase lapidar de Barraquero — para subir alguém ao grande cenário da vida política do País. Da reunião de Municípios resultará a Nação Integral — organismo uno, indivisível, indissolúvel, do qual necessàriamente será o Estado a resultante lógica, como orgão supervisionador dêsse todo inamolgável, com tôdas as suas fôrças vivas, energias criadoras e atividades produtivas encaminhadas e norteadas para a grandeza nacional.

Tudo isso direis aos que por não vos conhecerem, não vos compreenderem, não vos sentirem, — vos odeiam, vos injuriam, vos infamam, mal sabendo que por muito amá-los, por deveras querê-los, por sinceramente perdoá-los, como vossos irmãos, aqui vos conservais de braços abertos na postura de um acolhimento cordial que é uma afirmação de fé e brasilidade. E enquanto êsses irmãos transviados não ouvirem o apêlo ardente do Chefe Nacional, prosseguireis na fâina ingente de seguí-lo, como soldado da primeira hora, na sua jornada bendita para a glória e para a imortalidade.

Universitários integralistas, em pé, braços para o alto, num juramento de fidelidade, na vida e na morte, a Plínio Salgado — Homem de Deus e homem da Pátria, vosso mestre, vosso guia, vosso chefe, aquêle a quem a Sabedoria Infinita cometeu o encargo sobrehumano de instaurar no Brasil o Grande Império Cristão da América.

Soldados do Sigma, companheiros de ideal e de lutas, em cujas fileiras, confundidos na massa verde, marcharemos para a vitória; blusas-verdes — doces inspiradoras das nossas ações mais dignas, nobres, mais dignificantes, mães dos nossos heróis, espôsas dos nossos mártires, filhas dos nossos veteranos, noivas dos nossos vanguardeiros; plinianos, esperanças das nossas labutas e das nossas porfias; homens e mulheres de boa vontade que aqui viestes atraídos pela fôrça misteriosa dêsse iman invisível que é a simpatia que dimana da nossa causa; indi-

ferentes de todos os matizes que nos torturais com a vossa incompreensão e nos flagelais com a vossa displiscência; inimigos, que vindes ouvir as nossas prédicas para espreitar os nossos passos e sondar as intensões, e que forçosamente vos decepcionastes porque vistes que não vos malsinamos, mas apenas deploramos o êrro em que laborais; chefes de tôdas as categorias, de Núcleos, de Municípios, de Províncias, de Secretarias Nacionais; soldados, marinheiros, operários, todos num brado uníssono, que ecôe pelos quatro ângulos da Pátria — nas casernas, nos arsenais, nas oficinas, nas escolas, nos campos, nos lares, nos templos — numa afirmação de respeito, de amor, de devotamento ao Chefe Nacional Plínio Salgado: três anauês!

(in **A Offensiva, 9-5-1937**).

RODOLPHO JOSETTI

I

O SENTIDO ESTÉTICO DO INTEGRALISMO

Elevar o espírito da Nação: pela Fôrça, pelo Bem, pela Beleza — eis textualmente a palavra de ordem do Chefe Nacional, na qual se contém a expressão do sentido estético do Movimento Integralista.

Efetivamente o problema brasileiro é substancial e primordialmente um problema não só de educação mas também de cultura.

Em sua visão cósmica das realidades brasileiras, Plínio Salgado, tendo como ninguém auscultado e sentido a fundo a alma coletiva de nossa Nacionalidade, tendo como ninguém reconhecido e compreendido as falhas e deficiências de nossa formação ética e estética, considerou no impressionante desnível do panorama intelectual brasileiro a necessidade premente e inadiável de suprí-lo e elevá-lo a uma altura condígna não só aos foros culturais de nossos antepassados, senão também e principalmente aos gloriosos destinos da nova civilização brasileira que vai assim ser construída e integrada definitivamente no grande rítmo das portentosas civilizações do Velho Mundo.

Assim, lançando o Chefe Nacional os alicerces do Estado Integral, criou, entre os demais, êste im-

portante departamento (1), cônscio de sua relevância dentre os múltiplos e ingentes problemas que à Revolução Integralista incumbe resolver, pois abrangendo tôdas as modalidades na órbita do pensamento humano, visa entre nós especialmente e por motivos plausibilíssimos, a esféra cultural e artística, o que equivale dizer, a esféra do sentimento na sua expressão mais nobre e sublimada.

*

* *

Na feição épica do pensamento moderno que caracteriza a Quarta Humanidade, dominada, por um lado, pela mística dos seus intraduzíveis anseios, por outro, por uma contínua necessidade de ação, se impõe antes de tudo e acima de tudo dar expensão às almas nacionais da estesia que, do mesmo passo que inspira e orienta, pela elevação de sua ideologia, e pelo poder de sua fé, refreia e compensa, pela disciplina da harmonia, pela fôrça do equilíbrio e pela excelência da justa medida das proporções.

De acôrdo com êste determinismo hodierno, o novo afluxo espiritual tomou como centro de expansão as almas nacionais "daqueles" povos que ainda têm vigor, que ainda possuem crenças e aspirações, afim de induzí-las e conduzí-las a uma compreensão mais íntima e exata de suas relações e interpendências psíquicas e materiais, criando-lhes, destarte, novos orgãos sociais.

Sente-se nìtidamente nestes povos predestinados a gestação de um novo ideal humano, prelúdio magnífico de uma renovação social, filosófica, artística e religiosa, valores êstes imprescindíveis e que representam a essência, o substratum da grande obra revolucionária, a qual vem constituir e fechar um novo cíclo para a humanidade.

Na história dos povos como na história das religiões, nas grandes etapas que o homem percorreu no planeta, nunca se logrou dissociar o fator arte das idéias verdadeiramente renovadoras.

Efetivamente ela tem sido desde as mais remotas eras não só a fonte sublime de tôdas as emoções, mas também a maior e melhor inspiradora dos movimentos culminantes de tôdas as civilizações.

Aí se situa precisamente a magnitude e relevância de nossa responsabilidade em face do Estado Nacional que vamos criar, pois o Integralismo não pode, nem deve prescindir dêste pre-excelso e sempiterno fator. Pois arte, senhores integralistas, não é só ficção pura, é também ação, ação criadora, iniciativa fecunda, fôrça construtora, que ergueu cidades, erigiu catedrais, fundou impérios e fêz a glória imortal de imortais povos.

"Le nation sans ars ne sont pas resté dans la memoire des hommes", disse um insigne pensador.

Realmente, os povos que não se caracterisam por uma forte e legítima expressão de arte não deixaram na História senão o rastro frio e indiferente de sua passagem pela terra.

O que sabemos nós, hoje, ou o que nos interessa, em verdade, de uma caterva de povos, de um sem número de grandes e pequenas nações, mais ou menos bárbaras cuja expressão apenas foi ou ainda é meramente geográfica?

Em compensação relanceai os olhos pela História, evocai a Assíria, a Babilônia, o Egito, hoje desaparecidos da carta, mas evocai sobretudo esta minúscula Grécia, esta formidável Hélade, que se constituiu e impôs até os nossos dias como o padrão único e incontrastável de perfeição e de beleza, refulgindo como o marco mais glorioso e imperecível da civilização humana. Vinte e três séculos são passados, outros tantos ainda decorrerão sem que guerras ou revoluções, incendios e devastações, consigam apagar da face da terra o traço resplandescente dêste pequenino povo.

E um dia virá, valendo-me de uma imagem de Anatole France, milênios afóra em que êste planeta rolará glacial pelos espaços infinitos, carregando todavia consigo e guardando ciosamente nos seus flancos os sublimes despojos e as ruinas magníficas da Acrópole e do Partenon, templos augustos que concretizam a beleza eterna tendo cristalizado o ideal para todo o sempre em mármore pentélico e imaculado.

A Grécia, porém, não é admirável sòmente pelas obras de arte que são expressões magnificentes de uma nação. Ela é admirável sobretudo pelo seu povo. Povo dentre todos admirável sim, povo que

criou com a sua arte imperecível, a sua ciência, a sua filosofia, tão imperecíveis como aquela, e, mais do que tudo isto, criou a própria civilização nos primórdios da Humanidade.

Havendo sido um povo de elite constituiu-se na elite dos povos pela educação perfeita de sua juventude, pela formação integral de sua gente.

Considerai um grego daqueles tempos! Era um homem completo, na acepção mais rigorosa de significado: **mens sana in corpore sano**.

Vigor físico, fortaleza moral, elevação e beleza cultural artística, todos êsses atributos desenvolvidos harmoniosa e proporcionalmente, ao contrário do que sucedia com os romanos e o que hoje ainda se observa na maior parte dos países, em que a cultura física não só prevalece, mas até esmaga, constituindo a única preocupação de governos e dirigentes das falidas liberais democracias.

Nelas realmente o culto da fôrça sobreleva o do espírito. Efetivamente por tôda a parte do mundo assim sucedeu vitoriosamente e nós não podíamos fugir à regra. O músculo desenvolveu-se em detrimento do cérebro. O corpo sobrepujou a alma. A cultura física relegou a cultura espiritual. E como corolário fatal, a arte passou a interessar mediocremente ou quase nada às gerações atuais, que vivem inteiramente obsecadas nas praças desportivas e nas praias de banho, exclusivamente votadas ao culto da fôrça e da forma.

Não vejam porém qualquer intuito restritivo da parte da Ação Integralista Brasileira à cultura física. Muito ao contrário. Dela sômos apologistas francos e a melhor prova está em que o Chefe Nacional, no recente Congresso de Petrópolis, reconhecendo igualmente a sua relevância, criou uma Secretaria Nacional de Cultura Física.

Para o vigor e a robustez, para a energia e a saúde de nossa raça, tudo o que se faça em prol de aperfeiçoamento do tipo físico brasileiro em verdade nunca será demasiado, só podendo ser louvável que se enriqueça a musculatura, que se galvanize o corpo, que se forje a estirpe.

Não é tudo, porém. Se é um regalo observar, sob o ponto de vista físico, a raça nova que desponta, é profundamente desolante e contristador sondar os espíritos sob o ponto de vista de cultura em geral, sendo aí efetivamente deplorável e doloroso o contraste que se nos depara.

Não é a culpa, em absoluto, desta mocidade esplendida e generosa da qual nos podemos orgulhar, e sim ùnicamente do sistema governamental que não só, não cuida, não se interessa, não se preocupa, com as altas questões culturais, mas ainda pior, oficialisa a ignorância, fazendo tábua rasa do ensino e aniquilando o estímulo para o estudo pelos exames por decreto e pelas promoções por média, dum lado, e, por outro, limitando e trancando as matrículas à mocidade estudiosa, transbordante das mais legítimas aspirações.

Aludí ao contraste deplorável entre a cultura física e espiritual de nossa gente e, como prova melhor, atentai neste simples fato: enquanto que na nossa bela metrópole, de dois milhões de habitantes, pompeiam oito suntuosos palácios, com as suas esplêndidas praças desportivas, nós não possuimos, afóra esta modesta sala oficial do Instituto Nacional de Música, nenhuma sala mais de concertos, afóra a nossa pinacotéca em plena fase de desmoronamento, nós não dispomos de nenhum recinto adequado para as exposições de artes plásticas! E isto na capital do país!

Não é edificante senhores e não é realmente chocante aferir e cotejar o esplendor e magnificência, o prestígio e ascendência da cultura física, com o abandono e penúria, o desamparo e negligência da cultura artística?

Conseqüência fatal e irremediável é a decadência das artes, e com tal incontestável decadência o desaparecimento do senso estético, o descalabro do gôsto, a morte da emoção, e por conseguinte o aniquilamento desta beleza interior que acrisola as almas e eleva os espíritos.

A tudo isto incide e corresponde a invasão insidiosa e o inudamento sistemático da alma brasileira por uma pseudo-arte lançada, prestigiada e financiada pelo paganismo dissolvente, pseudo-arte de importação norte-americana e que nos vem pela grande maioria dos filmes, em que tudo se falseia e subverte, a verdade histórica e a ficção dos roman-

ces e obras clássicas, pseudo-arte dissolvente e corruptora que não trepida em prostituir os maiores tesouros, os melhores padrões de glória do espírito humano, pseudo-arte que não hesita em transformar uma marcha fúnebre de Chopin num "bice" e de profanar uma Ave-Maria de Schubert num "fox".

Eis um dos sintomas do chamado espírito da época, verdadeira calamidade que nos atingiu também em cheio, espírito da época cuja tendência manifesta e irreprimível é de se comprazer com as emoções espontâneas mas incontestàvelmente rudimentares dos sambas e choros, agravados ainda pelo jazz-band e outras que tais manifestações cacofônicas e deploráveis de absoluto abastardamento do senso estético.

A arte pura, em suas expressões nobres e elevadas, não interessa mais à nossa gente, os grandes artistas e as grandes obras não empolgam, sequer mesmo atraem ou quiçá despertam a atenção do nosso grande público.

No entanto a mentalidade nossa não deixa de ser excelente entre as que mais o sejam, a índole substancialmente musical, o talento fundamentalmente plástico do brasileiro não é em nada inferior ao dos outros povos, reconhecido e essencialmente artístico, lícito me sendo afirmar que possuimos, mercê de Deus, pendores e dos melhores para as artes, talentos e pendores êstes servidos por uma sensibilidade das mais finas e requintadas.

Sofremos porém do grande mal dos tempos que correm, tempos êstes sob o signo nefasto da liberal democracia, liberal democracia grande responsável por esta crise universal de sentimento, tempos de materialismo crasso e avassalador, tempos contaminados pela nevrose dêste modernismo tão cheio de estravagâncias, aberrações e paradoxos, modernismo que tudo deforma e enfeia e que, pior ainda, assalta e embota as sensações melhores e mais puras dos mais sagrados recessos de nossa alma.

E assim o mundo ora atravessa uma angustiosa fase não só de sensível decadência e abastardamento em matéria de arte, mas também de estreito e crasso utilitarismo, e, como conseqüência fatal e imediata, de progressiva e alarmante despersonalização, em que o culto do bem e da beleza se substituiu seja pelo culto da inércia, da displiscência, do sibaritismo, seja pelo culto da fôrça discricionária e bruta em que as velocidades devoram os espaços e as máquinas destroem a fé, em que os nobres ideais que constituiam a mais bela armadura da humanidade se desvirtuam e subvertem em holocausto à grosseria e à violência.

Esta fase crepuscular que se caracteriza principalmente pela crise de tôda a estesia, pela ausência de todo o sentimento bom, faz com que o homem atualmente esteja vivendo uma hora de verdadeira ferocidade e desordem de confusão e desvario.

E porque todos então gritam e bradam e vociferam, não mais se ouve a voz dos bardos e menes-

treis, dos rapsodos e trovadores, e porque a humanidade assim uiva e berra já não vale nem mesmo mais a pena cantar.

*
* *

A crise efetivamente é universal. Em todos os países do orbe terrestre se observa tal decadência, processando-se esta deliquescência moral e estética. As artes perderam a sua ascendência espiritual e, portanto, a sua fôrça de ação social, não só sôbre as massas, como também, e o que é muito pior e muito mais contristador, sôbre as próprias elites.

Nesta hora, porém, calamitosa entre tôdas, de voragem e de vertigem, de augústias e incertezas, de tormentas e procelas, um grande sino, oh! integralistas, um grande sino toca a rebate, despertando energias ignotas. Êste sino, bronze sonoro e forte, se faz ouvir pela voz clangorosa de Plínio Salgado!

Sim, camisas verdes!, nesta hora de apatias e indecisões generalizadas, irrompe radioso e magnífico o Integralismo, irreprimível em sua projeção material como fôrça e incontrastável na sua ascendência espiritual pelo Bem e pela Beleza.

O Integralismo será uma realização física, espiritualizada por um valor moral e embelezada por um halo cultural e artístico.

Nós vamos reviver a época áurea da Hélade. Nós vamos refazer o brasileiro nos moldes perfeitos

que a Grécia antiga idealizou e realizou, criando aquela mocidade pulcra e dextra do século de Péricles e Eurípedes.

Nós vamos nos empenhar com tôdas as energias de nossa fé e tôda fôrça de nosso entusiasmo para que sejamos verdadeiramente dignos do nosso belo símbolo, o Sigma, devendo na soma de todos os valores e atributos pessoais, ser integral e perfeita a formação individual de cada um de nós, educando outrossim a mocidade que desponta nos moldes perfeitos do puro helenismo, paradigma admirável do homem integral que não contente, nem fatigado com as horas que passava nos estádios e ginásios, adextrando o seu corpo por exercícios físicos sàbiamente aplicados, ia depois para a orquestra embelezar a sua alma no culto das artes corais ou coreográficas, oratórias, beletrísticas ou dramáticas, esculturais ou plásticas, passando em seguida, ainda não satisfeitos, para os jardins dos mentalistas, onde sob a sombra dos sicômoros e dos loureiros, arrematavam o dia, aprimorando o espírito nas práticas morais e filosóficas.

Na antevisão dum futuro não muito remoto eu vejo nìtidamente o integralista tal como foi o heleno, vigoroso e sutil, generoso e culto, "fortitur in re suaviter in modo", em atitudes ufanas mas benígnas, expressão de perfeito equilíbrio, de vigorosa saúde física e espiritual.

Para tanto a ação do Integralismo na formação estrutural de cada indivíduo será total e completa.

No que concerne à Secretaria de Educação e Cultura Artística, a sua principal tarefa será, propagando e difundindo, elevar o nível cultural não só da mentalidade das elites, mas sobretudo das massas, procurando penetrar e influir em cada indivíduo no seu âmago, nos recessos de sua alma, e aí despertar as vocações, estimular os pendores, revelar as faculdades, vocações, pendores e faculdades que cada um de nós, que cada um de vós, oh! integralistas, possuis em maior ou menor grau, mas que, existindo em estado latente, adormecido ou entorpecido no subconsciente de cada um, não logrou manifestar-se porque não encontrou o ambiente propício, o eco favorável, o incentivo necessário e os meios necessários para se desenvolverem porque a liberal democracia nem os proporcionou nem dêles tem cogitado.

Quantas vocações perdidas não serão assim salvas e reconduzidas!

Quantas revelações magníficas não teremos então que despertar da alma brasileira para criar e formar a grande e verdadeira arte nacional, a grande e incomparável arte integralista, com o seu cunho essencialmente nosso, com o seu estilo substancial e visceralmente brasileiro.

E, assim, só assim seremos finalmente uma Nação, pois possuiremos a nossa Arte!

Aqui termino, não sem me penitenciar sinceramente pela amplitude que tomaram as minhas prometidas breves palavras. É que o tema, sendo por demais considerável, vasto e fascinante, não soube eu resistir à sedução de aqui vos falar, prevalecendo-me da ocasião, para expor-vos o programa desta Secretaria, embora de um modo rápido e suscinto.

Não desejando nem lícito me sendo, furtar-vos por mais tempo do prazer ao que vindes, cedo a vez aos mais lídimos intérpretes da divina arte, os quais gentilmente asseguraram o seu valioso concurso na realização dêste recital.

Ides inicialmente ouvir dois trechos, selecionados dentre os mais belos nos opulentos acervos da música de câmera: a famosa **Elegia** de Vincent D'Indy e o primeiro tempo do belíssimo **Trio** de Tschaikovski, executado pela fina artista e insigne camerista Maria Amélia de Rezende Martins, pelo exímio violinista Edmundo Blois e por êste artista de raça que é Iberê Gomes Grosso, portador e herdeiro do nome de Carlos Gomes, a mais legítima glória musical brasileira, cujo centenário de nascimento no ano próximo será condignamente celebrado pelo Integralismo.

Ides, em seguida ouvir em canoras modulações e arpejos na voz previlegiada de Alicinha Ricardo Mayerhofer, secundada ao piano pelo eminente pro-

fessor José de Souza Lima, proporcionando-nos na primeira parte do programa três números brasileiros e na segunda um clássico e dois românticos.

Ides ouvir ainda, abrindo a parte clássica, um magnífico quarteto de Beethovem, opus 18, que conta entre as mais formosas e inspiradas páginas da primeira maneira do grande gênio de Bonn.

Dentre os executantes dêste quarteto encontrareis um camisa-verde.

Que não vos cause espécie dar com a presença de um modesto e simples diletante em meio dos artistas do quilate virtuosístico cujos nomes figuram por extenso no programa. Vêde e considerai, entretanto, na sua presença, para a qual vos peço tôdas as indulgências, apenas um único mérito, qual seja o desejo de influir pelo incentivo e pelo exemplo pessoal.

É que o gênero camerístico, sendo a expressão mais pura e elevada da música, havendo os grandes mestres a êle confiado o melhor de seu estro, é, ao mesmo tempo, um modêlo perfeito de intimismo, sendo portanto a forma por excelência para o cultivo da boa música no recesso do lar.

A Ação Integralista Brasileira, indica como seu fundamento postulado: Deus, Pátria e Família. E o camisa-verde que no recesso do seu lar, no seio de sua família, e diante do altar da arte, estiver oficiando ou comungando neste divino culto, está praticando o Integralismo dentro de sua mais esplendida

e nobilitante forma: elevando o espírito pelo Bem e pela Beleza.

Camisas verdes e meus patrícios! Deixei propositalmente para o fim referir-me a um estranho instrumento que ides ouvir, rematando o nosso programa. Estranho instrumento que percorrendo tôdas as gamas, possuindo todos os timbres e matizes, toca as cordas mais ignotas e sensíveis do coração humano, interpretando os mais íntimos e sagrados anseios.

Estranho e singular instrumento que evoca os tempos bíblicos, misto de harpa davídica e tuba clangorosa, harpa davídica, hierática em suas modulações e suaves harpejos, erguendo-se em preces a Deus, tuba clangorosa e guerreira com a fôrça de projeção e de destruição igual às trombetas de Jericó, trombeta violentadora que tem penetrado nos tímpanos mais empedernidos e céticos, trombeta profética que tem conclamado as hostes e legiões integralistas, trombeta arrasadora que derrubará um dia, fragorosamente, os últimos bastíões e os derradeiros redutos da liberal democracia: Plínio Salgado!

(In **A Offensiva**, 18-5-1935)

(1) — O autor se refere à Secretaria de Educação e Cultura Artística.

II

Sentido cultural e artístico do Integralismo

No limiar dêste novo ano, de grandiosas e transcendentais realizações para a Ação Integralista Brasileira, a Secretaria Nacional de Cultura Artística, consoante aos superiores desígnios do Chefe Nacional, promove esta série de conferências culturais e artísticas que ora, na qualidade de seu Secretário Nacional, tenho a honra de inaugurar.

Só a investidura do alto cargo, explica e justifica a minha presença na tribuna, nesta primeira noite de solene abertura, excusando portanto a insignificância pessoal de minha precedência, — numa parada esplêndida de expoentes e valores culturais no que a Ação Integralista Brasileira possui de mais insigne e preclaro.

Cabe-me assim apenas preludiar neste primeiro tempo os movimentos de magnífica e vibrante sinfonia que vamos entoar nesta órbita cultural e estética ao Brasil novo, irradiando em seus ritmos e harmonias, os compassos e as cadências que já estão marcando firmemente a marcha triunfal dos camisas verdes.

Foi no auspicioso I Congresso Integralista de Vitória, três anos ora faz, que Plínio Salgado em sua visão cósmica das realidades brasileiras, lançou os

alicerces do Estado integral, criando, entre as demais, outrossim, a Secretaria Nacional de Cultura Artística.

Julgo-me por certo dispensado, considerando precisamente o auditório para o qual tenho a honra de falar, de encarecer o valor e a importância, ou exaltar o alcance considerável que representa êste ato de tão alta sabedoria política quão nobre beleza ideológica.

Dentre os múltiplos problemas que a Revolução Integralista incumbe resolver, sobrepuja certamente o da educação, cujo vastíssimo programa, abrangendo todos os setores. tôdas as modalidades do pensamento humano. visa entre nós especialmente e por motivos plausibilíssimos a esfera cultural e artística, o que equivale dizer a esfera do sentimento, na sua expressão mais bela e pura.

Havendo como ninguém auscultado e sentido a fundo a alma coletiva da nossa nacionalidade, tendo reconhecido e compreendido as falhas e deficiências de nossa formação ética e estética, ao egrégio Chefe Nacional tem sido objeto de acurada atenção e estudo esta dolorosa realidade, considerando no impressionante desnível do panorama intelectual brasileiro, a necessidade premente e inadiável de suprí-lo e elevá-lo a uma altura condígna não só aos foros culturais de nossos antepassados, senão também e principalmente aos gloriosos destinos da nova civilização brasileira que vamos construir e integrar

definitiva e finalmente no perfeito ritmo das grandes civilizações.

Na história dos povos, como na das artes e das religiões, nas grandes etapas que o homem percorreu, no planeta, nunca se logrou dissociar o fator arte dos movimentos verdadeiramente renovadores, tendo sido sempre ela a fonte sublime de tôdas as emoções, a grande inspiradora das atitudes culminantes da Humanidade.

Eis por que se avantajam dentre os magnos e múltiplos problemas que desafiam a ação ingente de nosso movimento, os que concernem à Secretaria que me foi confiada. Obedecendo às supremas diretrizes, traçadas com punho de mestre, pusemos mãos à obra, estruturando e desenvolvendo pacientemente o gigantesco plano cultural e artístico que rasgará novos e claros horizontes não só às artes e aos artistas, em especial, mas também e mui principalmente à alma coletiva brasileira.

É sôbre esta última, sobretudo, que incidem os nossos maiores esforços, as nossas mais legítimas aspirações, nela se situando os principais objetivos e finalidades da revolução, há um lustro desencadeada por Plínio Salgado.

Considerando na arte uma colaboradora imprescindível e inapreciável na formação de uma nacionalidade, o Integralismo lhe reserva o lugar que lhe compete, definindo e estabelecendo com sabedoria e elevação os seus limites e relações com o Estado.

O artista é o supremo intérprete da alma de um povo: desejamos nobilitá-lo e elevá-lo à posição que realmente lhe toca.

Assim, porfiará o Integralismo no seu constante estímulo, no seu diligente incentivo, difundindo as suas obras, promovendo recitais e concertos populares, representações da arte lírica e dramática a preços ínfimos, ou em dadas circunstâncias mesmo grátis, organizando exposições e conferências, congêneres e irradiações.

Colima-se assim uma dupla finalidade: o da emulação do artista que via de regra vive no marasmo e na penúria, e o da educação pela difusão cultural nas massas, atraindo e interessando o povo, que na sua generalidade vive alheio e indiferente, quando não inteiramente tranviado das legítimas e puras manifestações de arte.

Por um sistema racional e eficiente de propaganda fará chegar as melhores obras às coletividades que aproveitarão no múltiplo sentido, o da superior diversão do espírito, o do entretenimento aprazível e útil e sobretudo, o da consequente elevação do seu nível cultural resultado igualmente no aperfeiçoamento moral do indivíduo.

Estou com J. E. Rodó, quando, em seu admirável **Ariel**, afirma: que aquêle que distingue o delicado do vulgar, o feio do belo, lògicamente faz a metade do caminho para discernir o bem do mal.

A cultura artística é portanto vital ao progresso de uma nação, pois que exprime e reflete o verdadeiro estalão, o melhor valor da índole de um povo.

Ao demais, êste vasto programa sistemàticamente desenvolvido e realizado, fazendo de nossa existência coletiva um anseio para melhor e para maior, depurando e apurando o gôsto nas massas, visa outrossim despertar as vocações latentes, mobilizar os valores dispersos, selecionando-os convenientemente, proporcionando-lhes os devidos meios e ensejos para se revelarem, criando o clima propício enfim para a sua integral cultura e desenvolvimento.

Que pasmosa surprêsa e magníficas revelações não nos estão reservadas com o despertar destas latentes fôrças, dêstes recalcados pendores!

Visando em suma uma perfeita unidade espiritual e sentimental em nossa Pátria, como o reconhecereis comigo, o Integralismo é um movimento primordial e essencialmente espiritualista, lutando tão sòmente com as armas da inteligência lúcida, iluminada por um idealismo construtor para renovar as bases da cultura, aperfeiçoando os primores da alma e do coração, plasmando destarte uma nobre consciência nacional.

Para êste desideratum porém uma revolução se impõe, revolução no mais alto sentido do vocábulo. Uma revolução que se faça pela ofensiva da inteligência, visando em tudo e por tudo a soberania espiritual que nos falece.

Uma cruzada de tal envergadura e tamanha amplitude, não só em extensão, como em profundidade, como a que estamos realizando, não colima em absoluto lutar na pobre arena dos partidos políticos.

Esta não nos interessa, revolvida e atormentada pelas competições mesquinhas dos personalismos ferozes chumbados à estreita moldura onde só cabe o pequeno mundo dos interêsses particularistas.

Êstes partidos não cogitam, não se apercebem, não se preocupam dos altos problemas culturais.

É aliás um dos grandes males do demo-liberalismo. E a prova provada tendes na situação aflitiva e desoladora em que se encontram as questões de arte, agravadas, é forçoso e justo reconhecer, pela incursão insólida das fôrças dissolventes do comunismo, mal disfarçado no espírito insidioso e subversivo do falso modernismo, que vem sistemàticamente deformando os padrões mais nobres e subvertendo os valores mais sagrados das artes em todos os seus setores.

Não exagero. Não é o integralista que agora vos fala, é o brasileiro, é o esteta, é o amigo obscuro, porém sincero, o cultor fervoroso, embora modesto, das artes e dos artistas.

Sou portanto insuspeito, no que digo, com tôdas as abundâncias da minha sinceridade, animado tão sòmente por um formoso e grande ideal.

Não leveis pois à conta de qualquer antagonismo sectarista, — mesmo porque é inteiramente apolítico o campo em que nos encontramos, — a expo-

sição sucinta que ora tento fazer, sem maiores comentários, sôbre o estado atual e real das artes e dos artistas no Brasil, deligenciando apresentar-vos com os planos do Estado integral, os novos rumos e as grandes perspectivas que êle oferece.

E sem mais delongas acompanhae-me pelo mundo das Belas Artes, comigo fazendo uma rápida digressão panótica pelos seus diversos âmbitos.

Eis que para logo se nos depara revelando-se com seus relevos e depressões um panorama desolado e contristador.

Sem hesitação e sem receios encaremos de frente os desditosos aspectos que se nos oferecem em seus deploráveis flagrantes.

A impressão que se tem é de uma planície exausta, de uma planície calcinada, de uma planície morta.

Nenhuma produção grandiosa, nenhuma obra-prima a destacar-se na vasta superfície rasteira que os ventos das estepes nivelaram e esterilizaram.

Nenhuma altissona sinfonia ou sonata transportando para a pauta, traduzindo em sublimes cadências, as imortais vozes da natureza. Nenhum poema lírico ou épico. Nenhum magnífico painel ou mármore. Nenhuma catedral ou palácio de linhas arquitetônicas suntuosas.

E os artistas? O que é feito daquela pleiade invicta e ardente, sonhadora e generosa, exaltada e cheia de fé, que povoava os risonhos Campos Elísios?

Os verdadeiros criadores de beleza, os artífices do Belo e do Ideal desertaram, compelidos, levados de vencida pela invasão dos cabotinos e o transbordamento dos escamoteadores.

Fêz-se a preamar da mediocridade, estabelecendo-se o império das incapacidades.

Como resultado infalível, como fatal conseqüência, o nível cultural e artístico desceu "urbe et orbe" aos mais baixos níveis.

Os verdadeiros e legítimos valores não mais se animam a criar e quando produzem não se atrevem a aparecer.

A situação é de apatia, de torpor, de inércia, dominada pela consciência de improficuos labores, pela inanidade de energias e esforços.

Quantos músicos e compositores, quantos artistas do pincel e do buril, quantos poetas e escritores, possuem obras de real valor jazendo obscuras, esquecidas, encerradas nas gavetas, nas estantes ou nos "ateliers", sem esperança de se poderem manifestar.

Como conseqüência indefectível sobreveio o desestímulo, a inanidade, a estagnação, oferecendo êste desolado aspecto.

Falta-lhes o éco, a ressonância, o ambiente, o clima, para que possam produzir e revelar-se, saindo da penumbra, irrompendo do quase anonimato em que vivem isolados e desconhecidos.

Dêste isolamento aliás os próprios artistas também são responsáveis, cumpre reconhecer, porquan-

to êles mesmos se têm retraído numa atmosfera de altivez, de suficiência.

Já não é mais admissível em absoluto esta atitude egocentrista expressa no falso postulado **"l'Art pour l'Art"**, em que soberbamente se encastelaram os artistas nestes últimos tempos, não só na França, donde partiu o grito feroz, como em quase todos os países, segregando-se da comunidade, divorciando-se do povo, o qual certos "irmãos das lutas" orgulhosamente classificam de plebe ignara.

O Estado moderno há de reconduzí-los, aproximando-os e identificando-os com a alma do povo, e reconhecerão finalmente os artistas que não é possível nem razoável insularam-se das coletividades.

O Integralismo quer promover o contato íntimo e restabelecer os vínculos entre os artistas e as massas, beneficiando assim precipuamente a uns e a outros.

É nas fontes culturais nativas na nação, é na alma popular e artística que os nossos criadores de beleza vão encontrar os motivos melhores, ainda virgens e inéditos para as suas produções.

Valorizando estas reservas fulgidas, despertando as vocações latentes, descobrindo os filões ignorados, sangrando os veios túrgidos, mobilizando, em suma, pela fôrça centralizadora do Estado integral, todos os valores dispersos, todos os tesouros abandonados, o Integralismo vai realizar não só o renascimento das artes em geral, senão também e

mui principalmente vai criar uma arte nova, inédita, originária e substancialmente brasileira.

Para tanto sobejam-nos elementos dos mais preciosos em qualquer um dos setores da arte.

Tanto na Música como na Poesia estamos bem longe de termos aproveitado convenientemente os elementos folclóricos tão ricos e variados que superabundam por êstes vastos rincões da Pátria.

Em comparação com a riqueza, a opulência, a singularidade dos temas de que estão impregnadas as populações das diferentes regiões brasileiras, cada qual refletindo um espírito "sui-generis" e original, cada qual interpretando tìpicamente a alma de sua gente, os usos e costumes de sua "grei", os céus e terras de sua região, se muito existe, pouco ou quase nada está aproveitado, no sentido superior da expressão artística.

Com raras exceções de alguns poucos compositores e poetas que se têm prevalecido com inteligência e habilidade dos temas regionais para os "leit-motifs" de uma ou outra produção, ainda não apareceu a obra máxima, definitiva, condigna à índole e ao patrimônio artístico, ambos ainda em estado de latência, do nosso povo.

Realmente êle está reclamando o seu grande cantor, seja nas pautas vibrantes de uma sinfonia magnífica, seja nas páginas de ouro de uma ode grandilocua.

Temas não nos faltam a desafiar a imaginação e a inspiração dos nossos poetas e músicos, sejam

os nossos símbolos e lendas, da mais delicada e perfumosa poesia, ou as maravilhosas paisagens que vão desdobrando tôdas as gamas e matizes, desde as aquarelas finas das jangadas ligeiras na fimbria das praias bordadas de coqueiros, até as massas gigantescas de nossas catadupas e rios-mares, rolando por entre os massiços dos planaltos e das montanhas, e o mistério das selvas e florestas ainda virgens.

Que tesouros inesgotáveis dentro desta natureza edênica, renovando-se constantemente num suceder de coloridos e esmaltes, dos roseos dealbares aos violáceos crepúsculos, oferecendo a mais rica e irisada tonalidade à paleta de um pintor.

Mas êste pincel ainda não surgiu que realizasse uma grande tela condígna aos esplendores da natureza brasileira.

Afora alguns belos painéis que ornamentam a nossa pinacoteca e certos salões particulares é efetivamente minguada, em relação às nossas possibilidades, a produção brasileira dos pintores brasileiros.

As nossas paisagens feiticeiras e incomparáveis estão efetivamente à espera de seus grandes paisagistas.

É verdade que possuímos nos dois Costas, Navarro e Batista, bem como em Parreiras, Visconti, Amoedo, Georgina e Lucílio de Albuquerque, e outros, uma forte pleiade, que com admirável mestria soube fixar na tela os esplendores e deslumbramen-

tos de nossos céus, de par com as festivas policromias, excedendo na infinita gama dêstes tão nossos verdes. Constituem porém um pugilo reduzido, diminuto, em relação às nossas fabulosas reservas e possibilidades.

É bem verdade que possuimos em Pedro Américo, Vitor Meireles, Aurélio de Figueiredo, os magníficos intérpretes de cenas, episódios e alegorias que concernem à história e às tradições da fundação da nacionalidade.

Contudo, tanto na nossa esplendorosa epopéia, quanto nos originários motivos amerindios, jazem grandiosos temas inéditos que clamam pela sua revelação e pedem ser fixados em magníficos e imortais retábulos.

Em escultura, afóra as produções inapreciáveis, únicas no gênero que nos legou o gênio do Aleijadinho, afora alguns trabalhos notáveis de Bernardelli, Correia Lima e outros, é bem mais precário o nosso patrimônio em contraste flagrante com a opulência dos motivos plásticos que a nossa natureza, a nossa antropologia, os nossos tipos étnicos propiciam. Nas artes plásticas realmente possuimos um repertório precioso que ainda está por ser explorado e desenvolvido convenientemente.

A arte marajoára, tão visceralmente brasileira, fornece, na sua primitividade virginal e pitoresca, um manancial copiosíssimo de motivos e de ornamentos, bastantes, para enriquecer a escultura, a gravura, e mòrmente a arquitetura, abrangendo

tôdas as artes construtivas e aplicadas e podendo imprimir-lhes um cunho decorativo e ornamental, típico, original, e absolutamente nosso.

Em verdade, nós não precisamos, nós não carecemos de nos prevalecer em matéria decorativa de motivos e adornos alienígenas.

Êstes ornatos marajoáras, que constituem realmente a origem e os "substractum" dos motivos brasileiros, perfeitamente estilizados e aproveitados, que fariam a fortuna de muitos e grandes artistas de outras nacionalidades, não têm sido entretanto devidamente utilizados e valorizados por nós, preferindo os nossos construtores, quando não se utilizam de um bastardo estilo colonial, tomar de empréstimo para as suas construções os modelos arquitetônicos sem pátria, sem beleza, sem nenhum caráter, dando em resultado êstes monstros de cimento armado que estão atentando contra as características naturais de nosso solo e de nosso clima, por se não adaptarem à ambiência tropical, e clamorosamente deformarem a incomparável moldura de nossa maravilhosa paisagem.

Os nossos atentados de lesa-estética, os nossos crimes de lesa-pátria, não se detém infelizmente nestas construções megalíticas que bradam aos céus. arquétipo do comunismo na arquitetura, monoblocos aglutinados, símbolos do materialismo utilitário, torres de Babel em que vivem e labutam, em espaços mínimos, massas compactos e conglomeradas, em

que se condensam e confundem nacionalidades, raças e religiões.

Tais atentados e crimes do esquerdismo arquitetônico, vêm subvertendo igualmente os valores e problemas urbanísticos, legítima e substancialmente brasileiros.

Nada haveria de escapar infortunadamente à insana vorajem sovietizante.

Com efeito, não contentes de dotar a nossa cidade de leviatãs arquitetônicos, atentam ainda contra as nossas incontrastáveis belezas naturais, investindo impiamente até contra as características topográficas, no que possuímos de mais precioso e intangível — a Baía de Guanabara — desde sempre abrindo-se nas perenes graças e magias de seus deslumbrantes cenários, constituindo um ciclorama único no mundo, que arrancou de Italo Balbo esta exclamação: "Force il Dio creando la bahia do Rio, a voluto dimostrare que l'arte discendi da lui".

Pois bem, isto que o artista máximo concebeu, isto com que o grande arquiteto do mundo, o criador de céus e terras magnânimamente nos brindou, êste políptico admirável, emoldurado dum lado pelo perfil religioso da Serra dos Órgãos e da Tijuca, e doutro continuando em curvas caprichosas de enseadas, praias, recôncavos e pequenas baías, nas quais repontam, ora em ondulações suaves e graciosas, colinas e outeiros, ora em massas imponentes, o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Gávea, monumentos que poderiam simbolizar a Acrópole brasileira, pois bem,

esta obra prima da criação está sendo destruída por mãos iconoclastas e bárbaras.

Sob justificativa capciosa de retificar traçados, os urbanistas atuais entenderam de corrigir e modificar a mais bela baía do mundo, aterrando aqui e acolá sacrilegamente, suprimindo do perfil da Guanabara traços inconfundíveis, como as enseadas da Lapa e da Glória, hoje ligadas e fundidas à lendária Willegaignon.

Nem sequer a histórica Ilha Fiscal, pequenina jóia arquitetônica rendilhada de esbeltas palmeiras, sonhadoramente emergindo das glaucas águas da baía, como se fôra um palácio de fadas, nem sequer a Ilha Fiscal escapou à sanha das retificações e ao holocausto do utilitarismo, pois entenderam que não devia mais ser isolada aquela pitoresca ilhota, aterrando e incorporando-a sumàriamente à Ilha das Cobras.

Aterrar é pois a palavra de ordem. Aterrar!... Jamais por certo êste verbo terá assumido uma fôrça de expressão tão ampla, tão aterradora em seu duplo sentido: aterrar, ação e movimento de terra; aterrar, causar e produzir terror.

Realmente quando os nossos urbanistas projetam ou promovem um atêrro, aterrorizam para logo os brasileiros, verdadeiros estetas, amantes da terra carioca. E não só.

À enseada da Glória junta os seus brados e clamores a Lagoa Rodrigo de Freitas. Esta também

está sendo vítima das retificações, havendo sido já mutilada nos seus mais aprazíveis recôncavos.

É inconcebível. Num país em que sobejam as terras, no país mais rico em latifundios, com um "hinterland" despovoado, procura-se ganhar terra ao mar!

Que a Holanda aterre o Zuyderzée, que a Alemanha aterre os lagos Mazurianos, ambos ganhando território, compreende-se. Que se diria porém se na Itália ou na Suiça pretendessem aterrar os contemplativos e poéticos lagos de Como ou de Lucerna, polos de atração dos turistas, sítios diletos dos peregrinos do bom gôsto?

Em verdade somos bem o país do paradoxo. Enquanto os povos cultos conservam, desenvolvem e mesmo criam as suas belezas paisagísticas, chegando a contsruir lagos, outeiros e bosques artificiais, nós abandonamos, senão destruímos diligente e apressadamente o que a Mãe natureza nos dotou.

*

* *

Do anfiteatro livre da Natureza, com seus mutilados cenários, como acabamos de ver, transportemo-nos para o palco da arte dramática, cujas gambiarras, bruxoleantes, refletem no lusco-fusco de suas mofinas manifestações, um cenário não menos deplorável e contristador.

Arrastando já de há muito uma existência atribulada e precária, o nosso teatro participou aliás da grave crise, que por tôda a parte sofreu com o advento prodigioso da cinematografia e que entre nós se potencializou, agravada por fatores vários, dentre os quais avulta sem dúvida a desmoralização, pela qual os maiores interessados, a própria gente do teatro, atores e autores, podem e devem ser responsabilizados.

Efetivamente nestes últimos decênios, quase nada se tem produzido, bem parcas e mirradas sendo as oferendas no altar de Thalia.

O que se vê, o que se produz, são frutos mal sazonados, quando não espurios ou de enxerto, preferindo os autores rastrear os motivos entre as ervas daninhas, ao invés de cultivar a florada genuinamente brasileira, tão saborosa e rica de seiva.

É realmente deplorável que da caudal artística de nossa nacionalidade, com a multiplicidade e opulência de seus motivos históricos e épicos, de suas lendas e alegorias, de seus usos e costumes, tão interessantes e típicos, variando de província em província, imprimindo-lhe aquêle cunho inconfundível de regionalismo tão grato aos teatrólogos de outros países, é realmente deplorável, repito, que tão pouco haja sido aproveitado pelos nossos escritores teatrais.

Afóra algumas peças genuinamente brasileiras, inspiradas nos magnos episódios de nossa história ou nas nobres tradições da nossa família, o que se vê geralmente é um arremedo indígno, produto da-

quela nefasta decalcomania que tem subvertido os valores melhores nos demais setores da arte.

O que se vê, o que efetivamente **dá**, para utilizar-me de um têrmo tão do gôsto na gíria teatral, é a comédia baixa e imoral, descambando para a farsa indecorosa, pejada de chalaças e expressões chulas e ambíguas, escritas em jargão canalha.

*
* *

Muita tinta há para estudar as causas da decadência do teatro.

Não temos artistas, clamam os atores, porque não temos quem escreva.

Não há quem escreva, protestam os que poderiam escrever, porque não há quem represente.

E neste círculo vicioso vêm se debatendo e consumindo em discussões estéreis, há muitos decênios, a gente do teatro.

*
* *

O nosso teatro realmente tem sido uma hipótese.

Êle em verdade só existiu, como expressão real, nos áureos tempos de João Caetano.

Foi verdadeiramente uma época única na história da arte dramática, e, nem por ser única, dei-

xou de ser da maior culminância e esplendor, representando-se um repertório magnífico, que abrangia tôda a gama, desde o clássico até os contemporâneos daquela época.

Foram noites memoráveis, nas quais um público fino e culto que constituia a sociedade intelectual e aristocrática do II Império, acorria ao teatro esgotando as lotações e vitoriando o seu glorioso ator.

Não duraria porém muito êste esplendor, tendo tido desgraçadamente uma efêmera, embora intensa hora de vida, violenta e abruptamente interceptada.

Maus fados prepararam uma catástrofe, que havia de fulminar e destruir o nosso Teatro, perdurando os efeitos até os dias de hoje.

É que um pavoroso incêndio, como se fôra sinistra apoteose ao velho e genial ator, destruiu precisamente numa hora de triunfal representação, a sua casa de espetáculos.

Conta-se que naquela noite trágica, possuído de intenso desespero, o ator insígne desatou em convulsivo pranto diante da fogueira devastadora.

Naquele momento porém, alguém que se achava dentre os presentes, espectador que era dos dois espetáculos, ambos intensamente dramáticos, o interrompido e o irrompido, bate-lhe familiarmente no ombro: — "Não chores João, eu farei construir para ti um teatro melhor do que êste".

João Caetano voltou-se. Era o Marquês do Paraná, Hermeto Carneiro Leão, presidente do Conselho de Ministros.

*
* *

Não teve tempo porém êste príncipe de cumprir a sua promessa. O Ministro caiu, pouco tempo depois.

O teatro estava decididamente sob o mau sígno. Nunca mais se ergueu.

Até hoje se espera a sua reconstrução.

Com a monarquia, desapareceram da nossa fauna política os marqueses ilustres que manejavam Câmaras e Ministérios e que amparavam artes e artistas, não mais se tratando de reedificar, como outróra se edificavam suntuosos templos de arte.

O sentido artístico foi hoje substituído pelo espírito utilitário.

No seu lugar se ergueu a Caixa Econômica.

O Teatro Nacional, porém ainda jaz naquelas frias cinzas do passado.

O espírito de João Caetano não morreu. Os seus manes ainda aguardam o advento do seu teatro. Nem desapareceu tão pouco o espírito dos marquêses, dos estetas, dos príncipes da inteligência, que compreendem as realidades e sentem as necessidades dos problemas culturais e artísticos brasileiros.

Êste espírito mecênico, incarnado no Integralismo, há de solver um dia o compromisso do venerável Marquês, resgatando a antiga e sagrada dívida.

De tudo e por tudo que ouvistes, summa summarum, neste ligeiro ensáio crítico, nesta rápida visão panorâmica, do estado atual das artes brasileiras, na qual tentei em rápidas, mas fortes pinceladas, em arrebatado, embora canhestro esfôrço, vos dar uma idéia aproximada da sua verdadeira e real situação, de tudo se depreende bem, quão necessário e urgente se faz uma reação radical por um movimento renovador e haveis de comigo concordar que só um Estado forte, um Estado moderno, um Estado integral, poderá trazer solução ao cruciante e magno problema.

Ao Estado, efetivamente, incumbe avocar e disciplinar tôdas as fôrças vivas da pátria.

Tanto numa como noutra avultam os artistas como predestinados fatores culturais, como nobres formadores de nacionalidade.

Sem lhes afetar a autonomia, sem lhes pear os impulsos criadores, todavia o Estado tem o direito de submetê-los a uma ordem superior que os supremos interêsses da Pátria exigem.

Os artistas como os sábios não se pertencem, tocados uns e outros pela divina centelha do gênio, uns e outros haurindo a seiva da sua fôrça criadora no seio maternal da terra que os viu nascer, é para ela, para a sua pátria que inalienàvelmente devem

pois volver em última instância, as suas mais nobres inspirações, as suas mais belas obras.

Erguendo catedrais; decorando painéis, afrescos ou retábulos; povoando de estátuas, jardins, parques e museus; escrevendo obras literárias, poéticas ou teatrais; irradiando em sublimes harmonias pelas salas de concertos, pelos auditórios ou pelo firmamento pátrio, está o artista necessàriamente contribuindo para a educação e a grandeza de seu povo.

A sua obra não lhe pertence, portanto. Ela significa, representa e possui uma fôrça incoercível de projeção bem mais viva e transcendente do que a frágil e efêmera vida do seu criador, havendo ela de incorporar-se e constituir-se cedo ou tarde num patrimônio dos mais legítimos e sagrados da Pátria.

Ao contemplarmos o Parthenon, o Apolo de Belveder, a Venus de Milo, a Vitória de Samotrácia, ao lermos a Odissea ou a Ilíada, implícita e necessàriamente, com os nomes aureolados de Fídias, de Homero e outros, nos ocorre para logo o do pequenino e glorioso país que lhes serviu de berço.

Assim acontece com todos os demais imperecíveis monumentos que os artistas, de outras plagas legaram à sua pátria, fazendo-as grandes, e, mais do que com as suas obras, criando formas e estilos que caracterizam uma época, que ilustram uma raça, que exprimem uma civilização, como acontece quando nos referimos à arte romana, à assíria, à flamenga, à espanhola e outras e outras mais.

"Les nations sans arts ne sont pas restées dans la mémoire des peuples".

Não hesito em repetir aqui precisamente neste recinto, sob esta cúpola simbólica, esta sentença, pelo propósito e justeza de seu conceito.

Criemos também a nossa arte estimulando e amparando os nossos artistas.

Precisamos e queremos o nosso lugar na história das civilizações.

Precisamos e queremos sair da planície exausta, do marasmo desolador em que nos encontramos e em que mourejamos.

O Sigma criará o clima propício.

É preciso que os artistas saibam que no Integralismo já se está trabalhando intensamente.

É preciso que os artistas saibam que os camisas-verdes vivem num labor indefeso, silenciosamente elaborando planos e estudos, orgânicamente estruturando os grandes lineamentos e diretrizes de uma pátria nova.

Dir-me-á, quiçá, alguém, dentre vós, que somos fantasistas, sonhadores, visionários... Respondo-lhe, que não há grandes feitos na história sem uma parcela maior ou menor de ideal... e ao demais, sonhar a vida, não é porventura, a melhor maneira de vivê-la e realizá-la?

Reporto-me naturalmente, áqueles espíritos tacanhos e impenitentes, que consoante o seu limitado diapasão, condenam tudo que ultrapassa à escala de seu entendimento. Dirijo-me também àqueles

obstinados que fecham os olhos para não enxergar e bloqueiam o espírito para não compreender.

A êsses descrentes, cépticos e obstinados, direi simplesmente que não se podem incutir grandes esperanças em uma alma pequena.

A êles ainda eu repito êste período lapidar de Plínio Salgado, proferido no Instituto Nacional de Música por ocasião do 3.º aniversário do nosso 1.º Congresso Integralista realizado em Vitória: "VIVEMOS UMA ÉPOCA MARAVILHOSA DA HISTÓRIA DO MUNDO, EM QUE AS MASSAS PEDEM ALGO DE NOVO, ANSEIAM POR ALTOS IDEALISMOS E PALPITAM INQUIETAS, RECLAMANDO A PROJEÇÃO MAGNÉTICA DOS HERÓIS! — ESTAMOS FATIGADOS DE MEDIOCRIDADES E DE NORMALIDADES MONÓTONAS: QUEREMOS ALGUÉM QUE SAIBA SEDUZIR E ARRASTAR AS MULTIDÕES, CONVIDANDO-AS PARA AS PERIGOSAS CONQUISTAS DE GRANDES SONHOS NACIONAIS E HUMANOS"!

*

* *

Artistas do Brasil! erguei-vos e vinde cerrar fileiras ao nosso lado.

No Integralismo está o melhor penhor da vossa salvação, a única possibilidade de renascimento da arte brasileira!

Fá-la-emos ressurgir, criando a forma, lançando as bases de uma gloriosa arte nacional. Com um estilo genuino e tìpicamente nosso, havemos de nos integrar definitiva e finalmente no concerto das demais civilizações.

*
* *

Para lançar os verdadeiros fundamentos da arte brasileira renovada e redimida, estamos procedendo em todo o país, graças à perfeita organização de nosso movimento, com a penetração e a articulação de cerca de 2 mil núcleos difundidos por todo o país, a um verdadeiro inquérito ou levantamento, que visa inventariar em cada um dos setores da arte, respectivamente os elementos essenciais e comemorativas dêste grandioso desiderato.

É no cerne da nação, é nas fontes vivas e originais da alma popular, seja nas antigas e veneráveis cidades coloniais, seja nas longínquas tabas indígnas, seja nas dispersas vilas e humildes povoados, que vamos colhêr a seiva nativa e buscar os preciosos remanescentes, ciosamente coligindo tudo que interessar possa para a formação dêste magnífico repertório cultural e artístico nacional.

São os motivos folclóricos tão variados das diversas regiões do extremo norte, do nordeste, do centro e do sul, seja para a Poesia, para a Música, seja para o Teatro.

São os atavios e ornatos marajoaras, aimorés, guaranís, de nossos aborígines, são os recamos e lavores do colonial, do barroco, do manoelino de nossos antepassados fornecendo à pintura, à escultura, à arquitetura, às demais artes decorativas e aplicadas, o ótimo florilegio de seus motivos.

Que abundantes e portentosos mananciais não estaremos drenando para o estuário comum no qual hão de se abeberar os nossos músicos e escritores, os nossos artistas do pincel e do buril.

E justaponham ao estuário imenso e insondável, os arrebois e esplendores das cenas e quadros que a natureza compõe e incessantemente prodigaliza.

Que perspectivas prodigiosas e inéditas não se abrem, que possibilidades esplêndidas e incalculáveis não se oferecem aos nossos artistas!

Efetivamente esta natureza criou para os seus filhos diletos, para os seus intérpretes predestinados, prerrogativas e privilégios únicos, que, se redundam em seu exclusivo benefício, impõem-lhes indeclináveis deveres e responsabilidades.

Para o integral cumprimento, para a fiel observância de tão nobres deveres e transcendentes responsabilidades, o artista carece de um conjunto de recursos e possibilidades que só o Estado moderno com a sua perfeita estrutura corporativa, pode proporcionar.

E não se diga ou suponha que o sistema corporativo com a sua disciplina rígida possa de algum modo afetar a liberdade do artista.

Não, de nenhum modo o Estado Integral cercearia o vôo livre da imaginação, os ímpetos ascensionais da fôrça criadora.

O sistema corporativo, entre as demais incontestáveis vantagens que precipuamente representa, tanto para o Estado, como para o artista, oferece a garantia de disciplina, a qual, nos tempos que correm, desertou totalmente dos espíritos, dàndo em resultado êste desolador supermodernismo que subverteu e abastardou os valores mais puros, os mais intangíveis padrões em todos os setores da arte.

Dentro das normas da disciplina ética que o Estado Integralista impõe, não será mais possível aos artistas perpetrarem, com a liberdade absoluta que ultrapassa as raias da licenciosidade, êstes inumeráveis crimes de lesa-estética de que estão prenhes os anais de arte nestas últimas décadas.

Não porque o Estado corporativo decrete fórmulas de arte, o que feriria fundo a liberdade criadora do artista. Mas porque propiciará a condensação de um ambiente depurado, no qual tais manifestações espurias, dos modernos heresiarcas da beleza, se tornarão impossíveis.

Destas manifestações desagregadoras e indisciplinares, dêstes frutos arbitrários e dissolventes, que não são senão a expressão da arritmia social, da confusão e do cáos de uma época e de uma civilização que desfalece, ressalta o imperativo da ordem e da disciplina que só um Estado forte logrará impôr.

Ocorre aqui muito a propósito o judicioso conceito de d'Alembert:

"Il y a des libertés oppressives et il y a des contraintes liberatrices!"

E persisto em interpelar-vos se se impõe ou não uma coação disciplinadora, uma submissão frenadora e racional, as quais, em que pese o paradoxo, serão um constrangimento libertador no melhor sentido do enunciado.

Na feição épica desta fase decisiva da Humanidade, em seus mais aflitivos e desordenados transes, se impõe realmente a todos os espíritos, mormente no âmbito da estesia, o comedimento e a serenidade que do mesmo passo inspira e orienta, refreia e compensa, pela **fôrça do senso das proporções, pela euritmia da disciplina**.

Disciplina é o "leit-motif" em meio desta anarquia, desta confusão, dêste pandemônio.

Disciplina é a palavra de ordem para dar início a esta fase de reconstrução e de renascimento.

E mormente no setor das artes ela se faz mais do que nunca necessária.

Não é mais admissível que o artista totalmente emancipado e insubmisso aos postulados e cânones mais sagrados, dêles faça **tábua rasa**, agindo rebelde e desvairadamente, dando livre curso à uma fantasia desiquilibrada, poluída pelo grande mal da época que desgraçadamente se alastrou da Rússia soviética por todo o orbe, como verdadeira pandemia.

Além dos povos, das religiões, da sociedade, também as artes estão sofrendo os nefastos efeitos desta chamada ideologia vermelha, concebida, organizada e posta em prática por um tenebroso complô internacionalista que jurou guerra de morte a tôdas as expressões do Bem e do Belo, tendo-se constituído os seus prosélitos em verdadeiros empresários de catástrofes e perfeitos arquitetos de ruinas.

*

* *

Eis, pois artistas patrícios! atentai para os perigos que nos ameaçam, preservemos o país das ruinas que assolam, abroquelando, contra a voragem devastadora, os fóros culturais e artísticos dos quais sois vós os mais legítimos defensores.

O Brasil precisa de vós!

O Integralismo vos chama!

Sob o Sigma radioso e simbólico, estamos mobilizando todos os valores espirituais, reunindo e atraindo para as suas fileiras tôdas as reservas éticas.

É tempo, é urgente que vos compenetreis desta evidência que só o Estado integral poderá deferir à arte e aos artistas o lugar que lhes compete no concerto de uma Nação culta.

É pois imprescindível que vos inscrevais nas fileiras do Integralismo, que de braços abertos vos receberá, cônscio e desvanecido de ser neste instante de confusões torvas e de agitações estéreis, não só

a única esperança, mas sobretudo a melhor garantia do renascimento da Arte brasileira, devendo-se constituir em breve, com a seleção dos valores nacionais, no primado do espírito e do sentimento, na suprema côrte de fidalguias éticas e estéticas da nacionalidade, na radiosa associação das nobiliarquias intelectuais da Pátria, às quais está reservado o glorioso destino de traçar os novos rumos na criação de sua definitiva grandeza.

Para a construção desta nova Pátria, tanto nós precisamos dos artistas como êles de nós.

Conclamando e congrassando todos os artistas brasileiros vamos congregá-los adotando em seu benefício o sistema do Estado corporativo, único compatível com as supremas necessidades dos Estados modernos.

É, sem dúvida, a reedição das admiráveis organizações corporativas da idade média, as quais sobretudo nos diversos setores das artes produziram os mais belos resultados. Haja vista, para não citar senão um exemplo, frisante, entre os mais que o sejam, em apoio da necessidade do espírito corporativo entre os artistas, aquêle admirável misticismo gregário medieval, excelendo na floração monumental das catedrais góticas.

Realmente nestes imperecíveis monumentos de pedra, tôdas as artes concorreram, todos os artistas, todos os artífices contribuiram, acorrendo em fileiras cerradas e dentro de suas respectivas corpora-

ções, disciplinadamente unas e coesas, para a magnitude da obra arquitetônica.

*
* *

Do esplendor e suntuosidade de tais imperecíveis monumentos, transcende o espírito de unidade de pensamento e da comunhão de sentimento que presidiu a sua ereção.

Esta mesma unidade espiritual, que caracteriza os fastos culminantes da história das artes: o classicismo grego, no século de Péricles; o renascimento italiano, no de Julio de Medicis; a magnificência francêsa, no de Luiz XIV; é a que, acrisolada, predomina no Estado integral.

Com efeito, aquelas portentosas etapas civilizadoras são as sublimes florações das mais fecundas ditaduras do espírito.

Para tão gloriosamente realizá-las, na forma perfeita e acabada que todos admiramos, tão só, os pulsos de ferro, com os punhos de renda, dêstes augustos príncipes ecumênicos, que tocados da **mens divinior**, sob os influxos e as graças de Deus, criaram a mesma mística que ora ilumina os espíritos com as claridades solares da nova doutrina integralista!

VICTOR PUJOL

O ESTADO INTEGRALISTA

O Integralismo considera o Estado de um modo integral: unidade integral da Nação, integração dos grupos profissionais e Homem Integral. É o Estado Síntese: síntese de pensamento, síntese política e síntese das realidades, ao contrário dos Estados Liberal e Comunista, que são análises, divisões, fragmentos. Por isso, o movimento integralista é representado por um **Sigma**, letra maiúscula grega, que exprime soma integral de quantidades finitesimais, a soma de todos os valores sociais do país, na suprema expressão da nacionalidade.

O Estado Integral é a própria Nação jurìdicamente organisada, com suas bases no corporativismo das classes, na economia dirigida e controlada e no Homem Integral, considerado do ponto de vista político, moral e econômico. No Estado Integral, considera-se o Espiritual sôbre o Moral, o Moral sôbre o Social, o Social sôbre o Nacional e o Nacional sôbre o Particular.

A doutrina do Sigma tem os seus fundamentos no trinômio: Deus, Pátria e Família.

Deus é o Criador e Conservador do Universo, a Autoridade Suprema que dirige os destinos de tôdas as Nações. O povo brasileiro é profundamente te-

mente a Deus. Por isso o Estado Integralista é pelo espiritualismo e contra tôdas as correntes materialistas de pensamento. Dentro do ideal cristão da sociedade, respeitará a liberdade de culto e de consciência e promoverá a cooperação religiosa, no regime de concordata, sem perda de autonomia das partes.

A Família é o nascedouro da vida social e a fonte de suas tradições. É a célula preciosa do organismo da Nação, por cuja integridade e proteção o Estado tem o dever de zelar. Sem Família, o homem é um animal. É na Família que se criam as virtudes que consolidam o Estado e o Estado é uma reunião de Famílias.

A Pátria é o amor que nos inspira a Terra onde nascemos e onde vivemos. É o amor inato ao Homem, ao próprio Homem das selvas e que deve ser cultuado com fervor, sobretudo quando essa Terra é uma Terra grandiosa e privilegiada como o Brasil. O culto da Pátria é dos sentimentos mais nobilitantes do Homem, sem o qual nenhum povo atingirá seus elevados destinos. Por isso defende o Integralismo violentamente a idéia de Pátria. Diante dos interêsses da Pátria não há direitos adquiridos, nem razões de ordem particular ou pessoal que prevaleçam. A Pátria acima de tudo. Daí o espírito profundamente nacionalista e brasileiro do Sigma, que afirma o valor do Brasil e de tudo que é útil e belo no carácter, nos costumes e nas tradições de nossa raça.

O nacionalismo integralista não atenta contra os direitos e os interêsses dos estrangeiros, ao contrário, assegura a todos os estrangeiros que vivem e trabalham no país, cooperando para a sua prosperidade, todo o respeito e acatamento aos seus direitos e interêsses. Justamente por ser nacionalista, o Integralismo começa por acatar e respeitar as pátrias alheias.

Todos os direitos e tôdas as liberdades serão garantidos a todos enquanto não colidirem com os interêsses do povo e da Nação.

Dentro da sagrada triologia de Deus, Pátria e Família irá o Integralismo buscar a fôrça de "coesão" que necessita para construir o bloco monolítico que será o Novo Estado onde se integrarão tôdas as fôrças econômicas e culturais da Nação numa perfeita harmonização social. Nêle a unidade nacional será perfeita, como perfeita é a unidade de pensamento de todos os integralistas. Uma só bandeira flutuará em tôda a imensidade do território brasileiro.

O Estado Brasileiro, hoje desgovernado, poderá assegurar o equilíbrio e a justiça entre as várias classes até então em luta, identificando-as com a Nação, que readquirirá tôda a sua soberania. Dêsse modo poderá realizar a verdadeira democracia social, dentro de uma política humana, idealista e pragmática.

A Revolução Integralista, — revolução quer dizer renovação completa, modificação profunda e

não revolta armada, **procissão na rua,** — sendo integral, abrange também o **movimento**.

O Estado Integral sendo a expressão das Sociedades, é o Estado que se renova. É Estado de permanente revolução. Só as revoluções sem **idéias** são **estáticas** e terminam com a tomada do poder como terminou a revolução outubrina e como terminam tôdas as revoluções burguêsas.

A Revolução Integralista prosseguirá na sua marcha para o aperfeiçoamento do Estado, dentro do espírito da doutrina e consoante os interêsses da Nação.

*

* *

O problema econômico é fundamental no Estado Integral. A produção é considerada segundo os interêsses nacionais e não segundo os interêsses de indivíduos e de grupos. O Estado exerce contrôle geral sôbre tôda a vida econômica da Nação.

A produção e o aparelhamento bancário serão racionalizados. As cooperativas de crédito agrícola e urbana, de consumo e produção serão nacionais, orientadas ou dirigidas pelo Estado.

Serão também nacionalizadas tôdas as fôrças econômicas que envolvem os supremos interêsses da Nação ou o interêsse coletivo, tais como: caminhos de ferro, navegação de cabotagem, navegação aérea dentro do país, quedas dágua, minas, caça e pesca,

bancos, emprezas elétricas, telégrafos, telefones, estações radiotelegráficas, correios e portos. Nacionalizar não é confiscar.

O Brasil libertar-se-á da **escravidão dos juros** e de tôda exploração financeira dos banqueiros de Nova York e de Londres que o transformaram numa reles colonia financeira. Os bancos passarão a servir a Nação e não a Nação a servir os bancos. Não mais se permitirá que o agiotarismo depaupere as fôrças de produção do país, que o intermediário asfixie o produtor e esmague o consumidor, que os "trusts", "carteis", monopólios e outras espoliações continuem a imperar no Brasil. O **Capital** deixará de ser o instrumento explorador do **Trabalho** e demolidor de propriedades para ser um fator de iniciativa e de progresso. O operário ficará ao abrigo das condições humilhantes impostas pela cubiça dos patrões, não havendo mais razão para o direito de greve e para o "lock-out", tão prejudiciais ao capitalista como ao trabalhador.

Os direitos, tanto dos operários como dos industriais, dos camponeses como dos fazendeiros, serão garantidos pelo contrato coletivo do Trabalho. Capital e Trabalho. Capital e Trabalho completar-se-ão, desaparecendo qualquer opressão de um sôbre o outro. Para manter êste equilíbrio, além das Corporações, haverá uma magistratura especial do Trabalho.

Tendo a subsistência própria e a de sua família garantida, asseguradas a remuneração justa de

seu trabalho, a honra do seu lar e a educação de seus filhos, respeitada a sua crença religiosa, podendo ter iniciativa, possuir propriedade e bens de fortuna, podendo, enfim, galgar todos os postos de govêrno, o operário brasileiro, religioso, ordeiro e amigo da família, será imensamente mais feliz no Estado Integralista do que o é no Estado Liberal, explorado e abandonado à sua sorte, ou do que o seria no Estado Comunista, escravizado ao seu único e prepotente patrão: o Estado.

O Estado Integralista assegura a todos o direito de propriedade, até o limite imposto pelo bem comum. Sem propriedade não haverá iniciativa e nenhum povo é grande sem a iniciativa particular. Não havendo iniciativa, a produção decai e o trabalho se torna escravo. Nada mais justo do que assegurar ao Homem aquilo que êle acumulou pelo trabalho honesto e inteligente.

O Estado proibe, no entanto, tôda e qualquer atividade individual ou particular que se torne anti-social. Por isso impõe restrições aos juros onerosos, ao jôgo de praça e a outras manobras burguesas com as quais o **Capital** esmaga a pequena propriedade e as pequenas fortunas. Pela mesma razão nacionalisa todos os serviços que interessam mais diretamente ao povo.

Por tudo isto tem o Estado Integralista necessidade de ser forte e respeitado. Só assim poderá tomar iniciativa em benefício de todos e de cada um em particular. Mas, para ser forte e respeitado,

terá que assentar suas raizes nos dois grandes esteios: **disciplina e autoridade.** A disciplina é da essência do movimento sigmático, com a sua organização hierárquica, e a autoridade decorre da própria disciplina. Não basta, porém, a disciplina que caracteriza os "camisas-verdes"; é mister extendê-la a tôda a Nação. Só com disciplina se conseguirá ordem. E a ordem é o principal problema brasileiro.

Disciplinar a Nação, dentro do espírito da Moral e da Justiça, objetivando o interêsse da Pátria, não é cercear a liberdade individual e muito menos oprimir o povo. Ao limitar uma parcela de nossa liberdade em benefício da comunhão social, não fazemos mais do que respeitar a liberdade dos outros. E a prova disso é que mais de meio milhão de brasileiros, reunidos hoje em tôrno da bandeira do Sigma, se sentem perfeitamente livres e orgulhosos dentro dessa disciplina que é a disciplina consciente, imposta pelo dever cívico, pelo mútuo respeito e pelo bem do Brasil.

O Estado Integralista não é uma **ditadura**, como os ignorantes da doutrina procuram fazer crer, mas o exercício da verdadeira democracia que o regime demo-liberal não conseguiu e nem conseguirá exercitar. O que caracteriza a ditadura é o absolutismo e não a continuidade do Poder num regime forte.

A liberdade do Homem no novo Estado só é limitada no interêsse da liberdade dos outros Homens, isto é, no interêsse do Todo, da Nação. Se cada brasileiro de per si tem direito a uma vida livre e digna,

com mais forte razão tem o Estado, que é a soma dos interêsses de todos, o mesmo direito. O bem geral deve estar acima do bem individual. Tudo por todos e não todos por alguns, como no regime burguês. Não haverá necessidade de saber-se **com quem está se falando** para fazer respeitar a lei. Não mais se admitirá a fórmula consagrada pelo regime liberal-democrata: "quem rouba pouco é ladrão, quem rouba muito é barão". Entre ladrões não há categorias. Na repressão da gaspilhagem e da desordem social o Estado será violento.

Os inimigos do Estado Integral são inimigos da Nação, da Ordem, da Justiça e do interêsse coletivo. Contra êsses inimigos a fôrça será empregada em legítima defesa da Pátria.

O Estado só poderá ser forte com o govêrno forte, independente e respeitado.

A autoridade não pode ficar à mercê das injunções de grupos ou de correntes políticas e por isso o Integralismo não admite a existência de partidos ou o predomínio de classes.

"O govêrno não pode estar nas mãos de um partido ou em poder de uma classe. Só pode ser nacional, devendo refletir as características fundamentais do povo, do país".

Não é admissível que dentro da mesma Nação partidos políticos ou classes sociais com idéias antagônicas diversos vivam a pleitear coisas diferentes, quando todos devem pleitear a mesma coisa, isto é, o bem dos brasileiros e a grandeza do Brasil! Os par-

tidos e as classes, como se acham divididas em capitalistas, burguesa e proletária, vivem em permanente conflito, perturbando a administração, dividindo e enfraquecendo a Nação e espalhando o ódio entre brasileiros com o objetivo único de galgarem o poder. O Integralismo combate todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro.

O Estado Integral adotará a nova fórmula federativa de base corporativista com centralização política e descentralização administrativa.

Nem federalismo frouxo conduzindo a desagregação, nem centralismo extremado sufocando a vida das Províncias. **Centralização política** para unidade de direção e de fins e **descentralização administrativa** para pluralidade de meios de execução.

A organização do Estado Integral parte dos três grupos naturais: Família, Sindicato e Município.

O Estado é a Nação política e jurìdicamente organizada com tôdas as suas fôrças vivas, isto é, com todos os seus trabalhadores **intelectuais e manuais**. O govêrno é o orgão do Estado que reflete a vontade do povo brasileiro e não a vontade de um partido como no regime liberal ou de duas classes como na concepção marxista.

A representação popular será exercida pelas Câmaras Econômicas (representantes indicados pelas Federações Sindicais nos Estados e pelas Corporações na União) e pela representação de caráter

técnico (organisações culturais, científicas, artísticas, econômicas, etc., de onde sairão os membros do Senado).

Para isto, tôda a Nação se organizará por classes profissionais. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas classes elegerão, cada um de per si, os seus representantes às Câmaras Municipais, aos Congressos Provinciais e aos Congressos Gerais. Os eleitos para as Câmaras Municipais elegerão o Prefeito, os eleitos para os Congressos Provinciais elegerão o governador da Província e os eleitos para o Congresso Nacional elegerão o Chefe da Nação, perante o qual respondem os ministros de sua livre escolha.

No Estado Integral Corporativista o Sindicato é a **célula vital** do organismo da Nação, através do qual se realiza a representação econômica, e que tem as mesmas características da Nação: finalidades éticas, políticas, econômicas e culturais. É um órgão de direito público (e não de direito privado) sob a imediata fiscalização e proteção do Estado. Unidade e não pluralidade sindical.

A sindicalização partirá dos Municípios. O Município é a **unidade-base** do Novo Estado, com autonomia em tudo que concerne aos seus interêsses peculiares. Mas essa sindicalização se processará segundo normas uniformes, dentro do espírito de unidade nacional do regime de centralisação política e descentralisação administrativa.

No Município, cada classe formará o seu sindicato (Sindicato de Empregados e Sindicato de Empregadores, um para cada categoria, para um mesmo ofício, uma mesma indústria). Os Sindicatos no Município elegerão os representantes para o Conselho Municipal, cabendo a êste a eleição do Prefeito.

Os Sindicatos se articulam no país verticalmente, de baixo para cima, isto é, do Município até a União, formando sucessivamente as Federações e as Confederações de Sindicatos.

A Corporação é um órgão institucional do Estado, formado da reunião dos Sindicatos de Empregados e Sindicatos de Empregadores, e se organiza horizontalmente.

As Federações Sindicais nas Províncias e as Corporações na União apresentam os candidatos às Câmaras Econômicas Provincias e Nacionais.

Dessa forma, a representação popular sai do seio das classes produtoras: só quem produz tem o direito de votar e ser votado.

*
* *

Estruturado o Estado Integralista Brasileiro (executivo, legislativo e judiciário) com base nas Classes Produtoras, no Município e na Família; extintos todos os germes de discórdia e de agitação, imperando a ordem, a disciplina e o respeito às au-

toridades; encaminhado, nas suas diretrizes naturais, o problema máximo da Nação, que é o problema econômico-financeiro; disciplinadas tôdas as atividades produtoras do país, estimulada a produção e possibilitada a circulação da riqueza; impostos, enfim, um regime de moralidade e de trabalho, poderá o Novo Estado enfrentar com segurança todos os problemas que martirisam a Nação, a começar pela alfabetização obrigatória de todos os brasileiros e pelo saneamento das populações pobres e rurais. Um vasto plano de realizações práticas, pacientemente estudado pelos órgãos técnicos e culturais da Ação Integralista Brasileira, será desdobrado com o objetivo de aparelhar o país com todos os elementos de progresso e de civilização, não só no campo material como no espiritual e social.

O Integralismo, justamente porque o vai realizar, não anuncia **programa**, como faz o político-liberal, que promete o que não pode realizar. Anuncia a sua doutrina e o seu plano de ação em cada setor da vida nacional; o **programa**, traça-o no momento da execução, dependentes, como são, de fatores ocasionais.

Em política, o **programa** está para a doutrina, como a tática, na guerra, está para a estratégia. O chefe militar traça o seu plano de campanha com tôda a estratégia da guerra, mas a tática, esta, êle só traça no campo da ação, na ocasião da luta, procurando desenvolver aquela de acôrdo com as con-

dições do terreno e do inimigo. Programa é minúcia. Para a liberal democracia é "isca" com que se caçam os votos dos liberaloides papalvos.

Para o Novo Estado, além do problema econômico-financeiro e o da saúde do povo, serão considerados problemas máximos e de urgência:

a) — o ensino primário e o profissional, que serão gratuitos, aquêle obrigatório, sendo garantida aos estudantes que revelarem capacidade a continuação gratuita dos estudos, nos cursos secundário e superior. Barateamento do ensino superior, criação de Universidades Integralistas, estímulo às Artes, ao Teatro e à Literatura. Liberdade didática e científica, mas controle de cátedra. Escola Unificada.

b) — a Justiça e o Direito Processual unificados. Justiça rápida e barata, começando por uma nova organização dos tabelionatos e cartórios que são têtas da burguesia.

c) — a criação de um grande Exército e de uma Marinha de guerra, digna das tradições e da grandeza do Brasil. Organização das polícias estaduais sob o critério nacional.

d) — dotar o proletariado de uma legislação social protetora do Trabalho que atenda de fato às suas justas reivindicações.

e) — reaparelhamento de todo o sistema ferroviário e da marinha mercante, nacionais.

f) — reforma do aparelho tributário e fiscal.

g) — cultura física da juventude.

Os céticos, mais do que nunca desiludidos das "salvações políticas", nos dirão: "mas todos prometem a mesma coisa e nada fazem. Vocês querem o govêrno; em chegando ao Poder, farão o que os outros fizeram".

E nós perguntaremos: qual foi o regime, até hoje no Brasil, ou o partido político que procurou educar e disciplinar o Homem antes de subir ao poder? Nenhum, nem mesmo o republicano.

Qual o regime, govêrno ou partido que conseguiu organizar em tão curto espaço de tempo, uma fôrça nacional com a extensão, disciplina e unidade de pensamento que apresenta o Integralismo? Nenhum.

Qual o movimento de idéias ou o partido político que, em menos de três anos, conseguiu publicar para mais de meia centena de livros doutrinários ou de caráter integralista, cujas edições se esgotam e se reproduzem? Nenhum.

Em cinco anos de poder os salvadores de Outubro não publicaram um único livro de interêsse público sôbre doutrina política ou matéria do govêrno.

Que se fêz no Brasil, até hoje, de parecido com a doutrina filosófica, com as atitudes claras, definidas e corajosas, com o espírito de sofrimento e a mística do Sigma? Nada! Absolutamente nada!

O Estado Integral funda-se numa filosofia do Universo que conduz o Homem a uma Nova Política e a Nova Economia.

O Integralismo vem, há três anos, preparando a Nação para a Revolução Integralista, que triunfará dentro da ordem e das próprias leis liberais do país.

O Chefe Nacional e centenas de doutrinadores abnegados, numa formidável campanha de evangelização política, vêm palmilhando tôdas as províncias brasileiras e reunindo em tôrno do ideal integralista tôda uma geração nova, constituída de uma grande elite de intelectuais e de uma massa de homens e de mulheres de tôdas as condições sociais que aguardavam, apenas, quem lhes soubesse despertar a consciência e mostrar o caminho da redenção do Brasil.

As fileiras integralistas estão abertas a todos os brasileiros que queiram cooperar para o engrandecimento de sua Pátria.

Com os brasileiros é que o Brasil terá que governar-se e não com os camaradas — comissários que nos enviaria o govêrno de Moscou.

A causa precípua do nosso mal não está no Homem, está no regime, nesse desmoralizadíssimo regime que vem solapando a Nação.

O Integralismo não culpa aos homens pelos desastres da Pátria, como fazem os liberais que se acusam, uns aos outros, de incapazes e impatriotas; culpa ao regime que permite e estimula tôda sorte de crimes e de atentados contra os interêsses da Pátria. O Homem, no regime burguês, é efeito, não é causa. É produto do meio. Êsses mesmos homens

que aí estão nos parlamentos e nas vinte e uma **satrápias** da república, deslustrando os mandatos e os postos de govêrno, não se desmandariam num regime de responsabilidade e de disciplina como é o regime integralista.

Muitos dêsses homens (talvez a maioria), que vêm transigindo com os golpes impatrióticos da política, poderiam manter tôda a sua integridade dentro de um ambiente de Moral e de Justiça, tornando-se dêste modo úteis à Nação.

*
* *

O Movimento Integralista é uma revelação, senão um milagre, na história política e social do Brasil.

Em menos de três anos de pregação doutrinária, o Integralismo tornou-se o maior movimento político social até hoje organizado no país com um sentido de unidade perfeita e uma extensão e uma profundidade jamais atingidos.

Para mais de meio milhão de brasileiros se abrigam hoje sob a bandeira do Sigma, dentro de uma disciplina perfeita, obedecendo ao comando de um só Chefe. A bandeira azul e branca tremula em cêrca de um milhar e meio de núcleos e sub-núcleos da Ação Integralista Brasileira, irradiados nas vinte e três províncias em que se estrutura o movimento sigmático no país.

Êsse movimento representa alguma coisa mais

que o surto de uma grande Fôrça política-social: é a **Idéia-Fôrça,** a Idéia da própria Pátria, em marcha acelerada para os seus grandes destinos.

E o Homem que criou e deflagrou êsse Movimento é capaz de reerguer o Brasil.

*

* *

O Integralismo é um movimento de fé, de disciplina, de renúncia e de abnegação. É um movimento de mocidade, ainda que esta mocidade seja apenas de espírito.

Os integralistas, iluminados pelo espírito do Chefe Nacional, impuzeram-se a sí mesmos tôda sorte de sacrifícios, inclusive o do próprio sangue.

Encorajados pela nobreza de sua causa, com o pensamento voltado para Deus, para a Pátria e para a Família, os Camisas-Verdes não esmorecem de nenhum sacrifício.

Tudo se exige aos soldados do Sigma e nada se lhes promete.

E o movimento cresce, cresce sempre. As Legiões Verdes se multiplicam pelo país afóra.

Êsses homens vencerão, mais cêdo ou mais tarde.

E vencerão porque lutam por um Ideal: pelo bem do Brasil!

(Extraído do livro **Rumo ao Sigma,** 2.ª edição, 1936, Livraria H. Antunes, Rio de Janeiro).

MADEIRA DE FREITAS

O MOVIMENTO DO SIGMA

O MOVIMENTO DO SIGMA E O SEU SENTIDO DE AFIRMAÇÃO

O veneno da dúvida, inoculado no espírito humano pelas filosofias nebulosas que agitaram êste último par de séculos, tinha fatalmente que determinar, como determinou, na alma das gerações, um insuportável mal-estar, cujas manifestações apresentaram aspectos e formas os mais diversos, desde a ironia subtil até o desespêro irremediável do suicídio. Todavia, o inato horror à morte que caracteriza a essência mesma do ser vivo, levou, de preferência, os espíritos, para o desabafo na veia humorística, sendo sensìvelmente menor a percentagem dos que resvalaram para o sorvedouro abissal do drama imenso. Daí o senso mordaz que marcou as elites mentais dos últimos tempos, assim nas letras como nas artes, não escapando mesmo a isso a austera filosofia. Sorrir ou chorar, eis quanto era dado ao atormentado homem do século materialista. A seriedade, a ponderação, o equilíbrio como que haviam desertado dos caractéres, sendo que a comédia superou sempre a tragédia.

A consciência do êrro dominante criou, como ficha de consolação, o derivativo da ironia que, não raro, perdendo o seu saber ateniense, descaía para o sal grosso da chalaça. A dúvida foi um clima; a irresponsabilidade o senso moral do tempo. Afirmar valia pela revelação de um espírito ingênuo, quando não primário. Negar constituía algo de pretencioso e ruim. Duvidar, eis a filosofia da moda. As reticências, e o ponto de interrogação teriam podido resolver todo um sistema de pontuação ortográfica. Chegou-se a ensinar nas escolas que a verdade era aquilo que se bem quizesse. Assim fêz Renan, respondendo, de certo a Pilatos. De uma tal ordem de conceitos, assentado no campo do pensamento, só se poderia esperar o ecletismo desvairado de doutrinas, chegando tal absurdo ao ponto de abolir-se todo e qualquer respeito às verdades mais evidentes, desde quanto aprouvesse a quem quer que fosse. Na escola, a doutrina passou a ser nada mais nada menos do que um mercado de palpites, em que o individualismo presunçoso possuia foros. Aquêle dizia: há micróbio; a que o outro replicava: não o há. E a escola deixava à livre escolha dos discípulos, aceitarem como expressão da Verdade, qualquer destas duas noções entre sí contraditórias. E assim doutores havia que criam em Pasteur, enquanto que outros deixavam seus clientes morrerem de varíola. Uns diziam que o homem descendia do macaco; outros criam que êle era a progênie de um Deus imortal. E ambas as doutrinas se respeitavam na mesma

escola, sob o endôsso da mesma autoridade didática. Diante dela sucumbiam os espíritos honestos; desesperavam-se os débeis e sorria, alvarmente, tôda a raça dos céticos, dos comodistas, dos incapazes. Duvidar foi a conquista máxima da filosofia burgueza, que teve a dúvida como travesseiro, como anestésico dos grandes remorsos inquietadores, como habeas-corpus concedido à ganância do egoismo, à omissão culposa. Tudo isso parecia assegurar à pessoa humana uma sensação de repouso interior, pela certeza que cada um possuia de não lhe caber responsabilidade alguma no acontecimento. E assim o homem ganhava em gôzo pessoal o que perdia em dignidade. A mesma sátira desvirtuara-se completamente, e o "ridendo caricat mores" cedia lugar à bufoneria mais infecunda, deixando, dest'arte, de ser um meio de correção moral para constituir o dito grotesco dos palhaços, um germem corrosivo de tôda a construção, de que, de resto, tão bem se utilizou o gênio demolidor do Anti-Cristo. Tudo isso, nada mais era do que uma hábil manobra derivativa, com que o espírito humano procurava ensurdecer-se à voz da consciência que o flagelava com a inexorabilidade dos mais cruéis remorsos.

Entretanto, o homem, e aí cabe o lugar comum, na luta entre a verdade e o êrro, êsse pode obter as primeiras vitórias, mas a última cabe sempre àquela. E o que se tem visto agora, em tôda a parte, é a natural reação do homem, dentro de sua dignidade específica, reação que se vem processando de

modo violento, quase que com a supressão da etapa meramente filosófica, de que se fazem preceder, habitualmente, as mudanças de conceitos de vida, na peregrinação do gênero humano pela face da terra. As coisas hoje se passam com a fulminância de um raio. Ao pensamento sucede-se a ação, numa vertigem. Quase coincidem. E o homem sacode "la giuba" do palhaço, desenfarinha a cara, e ergue, e se apruma, e se transfigura como que transverberado pelo facho de uma luz sobrenatural, e considera a sua divina origem, e novamente pratica o ato supremo de sua inteligência: crê! E crendo, afirma; e afirmando, afirma-se a si mesmo, dentro do destino que Deus lhe traçou. É a aurora da Verdade. É o renascimento da dignidade humana em todo o seu esplendor. É a reconquista do seu império sôbre a coisa criada, como anúncio, que é, do Criador!

No Brasil, neste pedaço abençoado de Terra, coube ao Integralismo êsse milagre, precisamente quando a insânia do século tumultuário parecia ultimar os preparativos da catástrofe. A filosofia do Sigma, e sua Moral, o seu conceito de vida, e o que possue de uma sociedade verdadeira humana e cristã, e a aplicação de tudo isso à ordem prática — fazem do Integralismo o Movimento essencialmente afirmador, o ato ressurrecional do Brasil, ato que reintegrará esta nobre Pátria na sua formidável destinação histórica.

II

A EXCELÊNCIA MORAL DO INTEGRALISMO

A par do crescimento numérico que se observa nos efetivos do Integralismo, há que se considerar ainda o fator qualidade, no que se prende no material humano que faz o vigamento desta grande obra de ressurreição nacional. Em verdade a gente que se aglutina neste singular movimento de opinião é, por si mesma, a melhor credencial com que os camisas-verdes se poderiam recomendar ao respeito de seus compatriotas. Nos quadros do Integralismo estão, desde os primeiros instantes de vida do Movimento do Sigma, os trabalhadores do Brasil, êsses obreiros que mourejam nas oficinas ou na gleba, forjando, com o heroismo silencioso do labor quotidiano, a riqueza da Pátria. O Integralismo é, para o operário brasileiro, a única solução compatível com a sua dignidade. Enquanto o Comunismo acena ao proletariado com uma falsa miragem de uma ordem de coisas, a um tempo utópicas e execrandas; enquanto o Comunismo condiciona a felicidade dos trabalhadores pela privação de direitos que são sagrados e invioláveis para a pessoa humana; enquanto o Comunismo promete resolver a questão social

do trabalho, pelo preço ignominioso da própria dignidade do trabalhador; enquanto o Comunismo exige que o operário renuncie à Família, à Pátria e às mais nobres aspirações espirituais; enquanto o Comunismo escraviza o obreiro dos campos ou das fábricas ao Capitalismo Internacional, substituindo a exploração dos patrões gananciosos pela tirania infame de um único patrão, o ditador vermelho; enquanto o Comunismo transforma o trabalhador em peça de máquina, e como tal o força e utiliza; enquanto o Comunismo promete ao operário a noz em troca dos dentes; enquanto a liberal-democracia permite e tolera que se perpetre, em seu seio, todo êsse cortejo de crimes e ultrajes contra os direitos e contra a honra dos que trabalham — o Integralismo promete apenas uma coisa: justiça social e nada mais. Porque sem justiça social não é possível integrar o trabalhador no posto que lhe cabe dentro da sociedade nacional como fator básico da economia, da riqueza e da prosperidade de uma grande Pátria.

No Integralismo estão os nossos bravos soldados e marinheiros, que encontram no seio dos camisas-verdes a continuação da escola da disciplina, da hierarquia, da ordem, da fidalguia, do patriotismo, da honra e da espiritualidade, que fazem a excelência moral da caserna. No Integralismo o militar respira o oxigênio do estímulo, do encorajamento, do culto às tradições indispensáveis à formação do verdadeiro soldado. No Integralismo encontram os militares o

clima de virtudes cívicas no qual jamais poderão medrar os germens letais da conjura, da felonia, da traição. No Integralismo tem os militares o elo que une a massa civil da Nação com os guardiões de nossa soberania. No Integralismo vivem os militares a hora decisiva para os destinos da Pátria, nesta guerra insidiosa que a horda tártara de Moscou move contra a civilização cristã. No Integralismo sente o militar tôda a plenitude de sua vocação nobre.

Estão no Integralismo os educadores, os professores de universidades, que plasmam na massa das gerações a grandeza do Brasil de amanhã. Enquanto o Comunismo se aproveita da cátedra para incutir, no espírito da mocidade inexperiente, conceitos negadores de tudo quanto há de puro, de nobre, de grande, de belo, de construtor, no caráter, na índole e no temperamento de uma juventude atàvicamente forte, generosa e cristã; enquanto o Comunismo inocula na alma dos moços o virus malígno do impudor, do egoismo e da imoralidade; enquanto o Comunismo substitui no coração de tôda uma mocidade os princípios tradicionais de espiritualidade e de fidalguia pelo materialismo mais grosseiro, sórdido e aviltante; enquanto o Comunismo substitui, no espírito dos moços, o conceito do ponto de honra pela bastarda filosofia do êxito; enquanto na liberal-democracia todo êste devastamento moral das gerações se faz possível e chega a ser mesmo a ordem normal das coisas — no Integra-

lismo encontram os responsáveis pelos destinos da mocidade, o clima propício ao desenvolvimento eugênico da raça, em perfeita simultaneidade e harmonia com a obra de aperfeiçoamento moral.

Estão no Integralismo os cultores da ciência, das letras e das artes, fatores que condicionam a grandeza e a imortalidade de uma civilização.

Estão no Integralismo os juizes do Brasil, o que prova o respeito que o Movimento do Sigma impõe à consciência jurídica da Pátria.

Estão no Integralismo os guias espirituais da Família brasileira.

Estão no Integralismo os honrados servidores do Estado, a cuja dedicação deve o Brasil a sua continuidade no tempo como Nação organizada e livre.

Estão no Integralismo os que labutam no comércio e na indústria, incrementando o progresso material do país e animando o intercâmbio de sua Pátria com as demais nações do mundo civilizado.

Estão no Integralismo os jornalistas, os obreiros do quarto poder. E a êste ponto cumpre notar que o Chefe Supremo dos camisas-verdes é, como os demais fundadores e chefes de movimentos congêneres — um jornalista.

E, finalmente, coroando a obra dos Integralistas, e identificando o Movimento do Sigma com o coração da Pátria, estão no Integralismo as mulheres do Brasil, as mães, as esposas, as irmãs, as filhas dêsses pioneiros da ressurreição nacional. Elas que, ao verem os homens que lhes eram caros deixaram-

-se seduzir pela trama da politicagem partidária, lhes diziam, próvidas e tutelares, o clássico: "Não se meta nisso" — são agora, elas mesmas, as primeiras a concitar seus patrícios a entrarem em forma nas fileiras do Sigma. E não só os aconselham assim; mas vestem, também elas, a blusa verde, e fazem com que se incorporem, igualmente, ao Sigma seus filhinhos, os garbosos Plinianos. Porque a mulher brasileira, com o seu profundo senso de realidade, e com os dons proféticos que Deus lhe deu, sabe, sente e advinha que fóra do Integralismo não há salvação.

III

O Sentido patriótico do Sigma

Uma das características mais nìtidamente marcantes do Movimento do Sigma é, sem dúvida alguma, o sentido de acendrado patriotismo que o inspira, que é a sua razão de ser, que é a sua finalidade suprema. O Integralismo não é apenas um simples aliciamento da opinião em torno de um homem ou de um programa. É um conjunto de verdades reduzidas a sistema e autorizando, destarte, um novo conceito de vida de dentro do qual deriva um novo conceito de Estado. Programa é apenas o plano de ação que se traça a um determinado cometimento, num dado instante do tempo, neste ou naquele lugar. Doutrina é algo de mais lato, de mais abrangedor, de mais universal. É algo segundo o que, e sob cuja orientação se organiza tal ou qual programa. Por isso, enquanto que o programa dos partidos e o prestígio pessoal dos homens públicos agitam a superfície da opinião com a indurabilidade das erupções críticas, a doutrina, radicando-se no âmago das consciências e identificando-se com elas, cria para o espírito um estado de ser permanente, de difícil erradicação, constituindo, por assim dizer,

uma nova consciência, capaz de determinar, no tempo e no espaço, uma nova ordem de coisas. Um programa partidário ou uma plataforma política conseguem, quando muito, apaixonar o temperamento emotivo das multidões, engendrando a discórdia, urdindo a trama das conjuras infecundas e queimando energias no litígio inoperante das rivalidades individuais ou de grupos. A doutrina, incorporando-se ao patrimônio da própria dignidade humana, assume responsabilidades gravíssimas nos destinos dos povos, marcando ciclos históricos, criando mentalidades e iluminando epopéias. Por isso não é de estranhar que a incompreensão dos homens reaja, com maior violência, aos desígnios profundos de uma doutrina de que às imposições efêmeras de um programa. O Integralismo é uma doutrina sob cujo influxo se podem traçar programas capazes de acudir à universalidade de problemas que ela abrange na formidável riqueza de soluções que ela contém. Queremos dizer com isto que não nos maravilha, em nenhum modo, a celeuma que o Sigma poderá ter despertado entre os que lhe não compreenderam a doutrina. Haja, pois, adversários do Sigma de todo e qualquer quilate, que isso pouco se nos dá.

Num ponto, porém, dentro de um rigoroso espírito de justiça, não pode divergir a opinião dos homens de bem: referímo-nos ao sentido eminentemente patriótico do Movimento do Sigma. Divirjam do Integralismo sob qualquer outro aspecto que sua doutrina apresente, menos do patriotismo que in-

flama o coração dêstes homens de camisa-verde. Podemos, em sã consciência, concitar os nossos adversários, cuja lealdade nos dignifica, a que descubram em nossas idéias, em nossos sentimentos, em nossos propósitos, a mais leve eiva de pendores e de intenções que possam, direta ou indiretamente, negar, ou ao menos, por em dúvida a índole nacionalista e o caráter de brasilidade que fazem o sentido básico dêste grande Movimento de repercussão nacional. Desde os primórdios da campanha, vêm os apóstolos da Idéia Nova pregando-a em campo aberto, às públicas, através da eloqüência de seus tribunos, das obras de seus escritores e das afirmações da sua imprensa, tendo sempre a inspirar-lhes os temas, o amor das coisas pátrias, o culto dos grandes homens e a apologia das nobres e imorredoras tradições da nacionalidade. À palavra do Sigma que foi sempre uma lição de patriotismo, jamais deixou de seguir-se o procedimento dos camisas-verdes, a que foi sempre um exemplo. Aspirando imprimir aos destinos do Brasil rumos novos, em busca de novas soluções à urgência de problemas novos, soube sempre o Integralismo, em cada instante de sua jornada, realizar a tarefa que se traçou, colocando acima de tudo os interêsses supremos da Pátria, isso, muitas vêzes, em detrimento do êxito patente da campanha, sem temer as aparências de recuo, de que tantas vêzes e tão injustamente foi acoimado. O Movimento do Sigma, tendo como finalidade precípua uma obra essencialmente construtora, não

poderia de forma alguma lançar mão de processos, cuja violência pudesse determinar abalos prejudiciais ao organismo periclitante de uma Pátria que êle queria e quer, precisamente, e a todo o transe, salvar. Daí a paciência dos camisas-verdes para com as agressões insólitas do caminho e as instigações danosas do que os tentaram na serenidade, no ânimo impertubável de seu Chefe, de seus líderes e da móle imensa de seus fervorosos adeptos. Esteve sempre presente, no espírito de cada camisa-verde, a grande verdade de que o Integralismo nunca teve pressa de chegar, nem, tampouco, mêdo de não chegar. Disto resultou a respeitabilidade inabalável dêste grande movimento, cuja confiança numa doutrina o poz sempre ao abrigo das seduções conspiracionais a que tantas vêzes foi tentado. Doutrina de ordem, de disciplina e de hierarquia, o Sigma funda nesta tríade basilar tôda a sua obra de construção de uma grande Pátria. Por isso, quando mais intensa era a agitação das incompreenções do século tumultuário, teve êle sempre no cenário augusto da Justiça o apôio e o respeito a que fêz jús. Sem qualidades tais, movimento algum se poderá creditar, e muito menos autorizar, junto ao conceito de uma Pátria de homens livres. Por estas virtudes é que o Sigma compareceu à História do nobre povo brasileiro, encarnando a vocação patriótica dos que amam verdadeiramente o Brasil.

IV

O SENTIDO VOCACIONAL DO SIGMA

Uma das características mais fortemente marcantes do Movimento do Sigma, é, o valor moral não só de suas "elites" dirigentes como, também, da massa nacional que constitue a móle imensa dos homens de camisa-verde. E a êste ponto acresce a ocorrência de um fenômeno incontestàvelmente singular, qual é o tropismo que exerce sôbre os herdeiros de grandes nomes, de vultos que ilustram o panteon de glória da nacionalidade. Cumpre notar, à guiza de simples e pura curiosidade, que tais herdeiros de nomes tais, se vinham conservando, uns mais outros menos, no estado de alheiamento às agitações político-partidárias do país. Cônscios da grande responsabilidade que lhes traz a grandeza de sua ilustre ascendência, viviam êstes nossos patrícios numa espécie de recolhimento ao santuário da sua nobre orígem, cultuando a memória daqueles que se fizeram dígnos da veneração de seus compatriotas. Súbito, aparece, no cenário político da República, êste formidável movimento de idéias, conclamando os nomes da nacionalidade e despertando a energia adormecida da raça para o cometimento

desta gloriosa epopéia ressurrecional de um povo, que é o Movimento do Sigma. E como nenhum brasileiro dígno dêsse nome se poderia fazer surdo ao toque de reunir, atirado pelos camisas-verdes a todos os quadrantes da Pátria, eis que a êle acudiram os herdeiros de nomes imortais, vindo formar entre os vanguardeiros da grande jornada, sentindo e demonstrando para com o Integralismo uma identificação tão íntima, natural e perfeita, que parecem terem sido educados na Doutrina do Sigma, por aquêles a que legaram a honra de serem seus insignes herdeiros.

Sem omissão voluntária, poderemos citar, no acaso, alguns dêstes camisas e blusas-verdes, cuja profissão de fé Integralista tanto e tão justamente orgulham o Movimento do Sigma. Adelaide Castro Alves Guimarães — irmã de Castro Alves, o gênio dos movimentos emancipadores de sua Pátria, e cuja grandeza desborda de uma alusão em artigo de jornal. O sangue do vate da nacionalidade, e pode dizer-se até agora, — o gênio poético do novo mundo — tinha que fazer palpitar com mais intensa vibração ao sentir os clarins desta grande alvorada, anunciando o advento de quanto sonharam os primeiros arautos da predestinação de seu povo.

Farias Brito — o formidável filósofo, tem no Integralismo uma filha, dona Filomena Farias Brito Miranda.

Deodoro da Fonseca faz-se representar por diversos dos seus mais ilustres descendentes, entre os

quais o ministro plenipotenciário João Severino da Fonsêca Hermes, neto do fundador da Repúplica.

Vestiram a camisa-verde quase todos os descendentes de Floriano Peixoto, consolidador do regime republicano.

Rui Barbosa está dignamente representado pelo seu neto João Rui Barbosa, figura destacada na nossa diplomacia.

Carlos Gomes, o gênio que produziu a alvorada de "Lo Schiavo" deu ao Integralismo uma irmã que, ainda há pouco tempo, foi alvo de homenagens especiais por parte dos camisas-verdes, quando das comemorações do centenário do mago de "O Guarani".

O Almirante Cochrane tem, igualmente, nas fileiras do Sigma um nobre representante do seu nome glorioso.

Jackson de Figueiredo, o apostolo-leigo do Cristianismo no Brasil, a mais robusta organização de pensador que tem possuido a sua Pátria, tem no Integralismo quase todos os seus irmãos e demais parentes. Entre os seus discípulos diletos veste a camisa verde Tasso da Silveira. O autor destas linhas orgulha-se de ter sido também um de seus discípulos, e tem por singular mercê de Deus o prazer de lhe ter gozado a afetuosa privança.

Numerosos são os representantes dos Bandeirantes dentro das fileiras do Sigma. Pertencem ao

Núcleo do Meyer, três descendentes de Fernão Leme. (x)

Êste tropismo dos herdeiros daqueles cujo nome vinculou ao Panteon imortal de sua Pátria, é, por si mesmo, um dos aspectos, indubitàvelmente, impressionante da ideologia Integralista, e mostra que o Sigma é o clima propício aos que amam acima de tudo a grandeza e a glória do Brasil; o Sigma é, de fato, como que o Consulado de um Brasil com que sonharam nossos gênios, nossos heróis, nossos santos e nossos mártires, e que é, nada mais nada menos, do que o Brasil que os camisas-verdes querem e hão de realizar.

O Sigma, sem dúvida alguma, é a vocação suprema de um povo predestinado.

(x) Permitimo-nos acrescentar, aqui, alguns nomes involuntàriamente esquecidos pelo saudoso Madeira de Freitas. Assim é que, a irmã de Rocha Pombo, no Paraná, formou nas fileiras do Sigma, como também a filha de Osvaldo Cruz.

Hoje conta o Integralismo, entre os seus mais dinâmicos adeptos, com um neto de José de Alencar, Gil de Alencar (filho de Mario de Alencar). E, singular coincidência!, acham-se unidas, no Movimento do Sigma, duas famílias tradicionais do Império Brasileiro, os Lafayette Rodrigues Pereira e os Silveira Martins, na figura de um dos seus descendentes, jornalista de fôlego, que é Pedro Lafayette.

V

A RESPEITABILIDADE DO SIGMA

Uma das conquistas mais expressivas do Integralismo é, indubitàvelmente, o respeito que êle soube e conseguiu impor à Nação, no que ela possui de mais legitimamente representativo, em não importa que plano ou categoria social. Em verdade, pode-se crer ou não crer na excelência da Doutrina do Sigma, de vez que nem o gênio do Cristianismo logrou empolgar a unanimidade das consciências; o que se não pode, entretanto, regatear ao Integralismo é, precisamente, êste cunho de seriedade que marca a essência mesma dêsse grande movimento ressurrecional. Muito embora registrado como partido político, dentro de todos os requesitos da lei, o Integralismo era e continua a ser algo bem mais respeitável do que uma simples agremiação de aliciados para fins meramente eleitorais, qual é, como tôda a gente o sabe, um partido político. De fato, por mais elevados que sejam os propósitos de um grupo faccioso; por mais sedutores que sejam os itens de seu programa, se o houver; por mais dignificantes que sejam as virtudes de seus chefes ou fundadores, limita-se sempre o partido político à

pura e simples arregimentação de votantes, que, numa determinada hora deverão sufragar nas urnas o nome de seu patrono ou de quem por êle indicado. Na formação do partido o que se pede ao cidadão é, apenas, o seu voto e nada mais. Se alguma coisa se pede a alguém, para a formação de algo que se pretende ensaiar, fóra de uma mística superior, será ainda e apenas quanto possa saldar um compromisso de ordem sentimental, fruto da dedicação ou do mêdo; mas dificilmente o que tenha que ser ditado por uma consciência nítida, esclarecida e dígna. Mesmo porque uma consciência assim não aceita convites para assumir tal ou qual atitude; uma consciência assim só se move depois de haver aderido, por inabalável convicção, a esta ou àquela verdade, seja revelada pela Teofania, seja reduzida a corpo de doutrina, seja vasada na sabedoria popular, seja assimilada pela fôrça de boa dialética, seja inspirada pelos impulsos misteriosos do coração humano, seja demonstrada por A x B, seja ainda fundada exclusivamente na comprovada procedência moral de quem a afirme.

Ora, assim sendo, claro que se não força nem improvisa um movimento nacional, nem coisa que com isso se pareça, com a só abertura de uma lista para inscrições de adesões. Tais movimentos exigem, antes de tudo, que se opere, na alma dos seus adptos, o que se chama, no Integralismo, a "revolução interior", sem a qual não se dará um passo sequer, no caminho da perfeição. Esta revelação é que

autoriza e legitima a assunção das atitudes. O homem de facção satisfaz-se com a promessa do voto, desprezando tudo quanto se passa na consciência do adepto; o Integralismo, ao contrário, só aceita um voto, ou quer que seja, quando a isso é compelida a própria consciência do votante, do solidário, do adepto. Deus deve gostar mais dêstes últimos. Assinar uma inscrição, pagar a mensalidade e votar no senhor X, quando chegar a hora H, eis tôda a tarefa de um homem de partido. Já com o Sigma as coisas mudam completamente de figura; porque, ao camisa-verde o que se pede é, antes de tudo, apenas isto, a vida, desde que tanto se faça mistér, para garantir a tranqüilidade da Família, a segurança da República, e os destinos supremos da Nacionalidade. Ser Integralista é pensar, em miraculosa sintonia, como pensam todos os Integralistas da Pátria, sentindo, sincrônicamente, o que êles sentem, nutrindo no peito o mesmo propósito que a todos anima, inspira e encoraja. E isso só se obtem com o trabalho meticuloso e tenaz, trabalho de paciência, de persuasão e de fé. Hoje o Sigma, no cenário político do país, é a única fôrça civil capaz de levar à vitória todos aquêles que confiarem nela.

Quando outras credenciais não bastassem para autorizar o Integralismo junto ao respeito e gratidão das gerações, aí estariam, prontos para esmagar qualquer dúvida, a duração mesma do movimento, a móle imensa de brasileiros que desfila por todo o território da Pátria; e o sangue dos mártires, gene-

rosamente vertido, na cristalização de um pensamento social e político, é título mais que suficiente para assegurar à obra dos camisas-verdes o respeito a que ela tão dignamente faz jús. Quando se morre por uma idéia, é certo que a idéia viverá. E os 37 mártires Integralistas são algo de inédito, de grandioso e de belo, algo de respeitável, de sério, de singular e de transcendente predestinação, na história política e social dos povos, em meio a êste século de egoismo, de descrença e de negação.

VI

ESCOLA DE CIVISMO, DE BRASILIDADE E DE FÉ

O Movimento do Sigma tem sido, incontestàvelmente, através de cinco anos de campanha ideológica, uma verdadeira e fecunda escola de civismo. Mais de uma vez nos temos referido ao papel que o Integralismo vem desempenhando, desde o aparecimento dos primeiros camisas-verdes, na incentivação do sentimento de brasilidade, tão apagado do coração das gerações pelo fragor do século tumultuário, materialista e utilitarista. Lembro-me ainda dos tempos de minha mocidade, que abrangeu a década dentro de cujo decurso se processou a Grande Guerra. Sob o influxo do mais grosseiro ateísmo, a escola agnóstica soube erradicar da alma inexperta da juventude os últimos rebrótos de espiritualidade, que constituia o dom mais estimável legado pela tradição da família cristã a seus filhos mais ilustres, aos varões mais veneráveis da raça.

Inebriados ainda com a glória dos últimos inventos, com o coração túmido de orgulho pela maravilha das mais estonteantes conquistas, a geração contemporânea do avião, do rádio e do arranha-céu julgou-se detentora da pedra filosofal, e mandou às

urtigas os ensinamentos das Verdades Eternas, que são, por si mesmos, o princípio de tôda a sabedoria. Por outro lado a febre da análise, cravando o bisturí indagador no dorso respeitável das doutrinas, abriu à profanação dos espritos primários tudo quanto de certo, bom e valioso ainda havia nas lições do passado, da tradição e da fé. E como o ideal supremo do homem não está, de modo algum, ao alcance de suas velocidades terrenas e perecíveis, o resultado foi que a humana criatura, sentindo-se desherdada de sua origem divina, resvalou para a tétrica palude do mais desolador ceticismo, chegando a êste estado de tormento interior, que começa no desespêro e acaba no suicídio.

Os sentimentos mais delicados da mais nobre estirpe cristã, foram asfixiados pelo garrote do imediatismo sem entranhas, do egoismo mais cruel. O senso de família, profundamente abalado pela crescente paganização dos costumes, entrou a despir o recato da sociedade brasileira, transformando as praias de banhos em despudorados parques de nudismo, nos quais a inovação de preocupações eugênicas pretendiam acobertar a mais dilatada licenciosidade. A idéia de Pátria passara a ser uma abstração ridícula, a que os pruridos universalistas muito do jeito de certas fôrças ocultas procurava, a todo transe, emprestar o cunho de velharia desprezível e anacrônica. A palavra Pátria era, em tôda parte, a credencial do arcaismo, ou a senha dos espertalhões. O culto dos grandes homens importava, automàti-

camente, na feia pecha de suspeição moral a todo aquêle que ousasse pô-lo em prática. O ponto de honra, diluido no senso materialista do século, passara a ser uma convenção obsolêta, incompatível com o êxito, que empolgara o espírito das gerações.

O pessimismo, o derrotismo, o negativismo radical — eis o sentido dominante dos caracteres. A ninguém interessavam as leituras construtoras, de fundo espiritualista, patriótico ou moral. O que fazia sucesso era a literatura satírica, a doutrina da dúvida, em que a volúpia da negação, da irreverência e da rebeldia iconoclástica era fruida pelos espíritos em tôda a sua letal plenitude. A impudência do "Ba-ta-Clan" destruira o prestígio do teatro; a opera lírica e mais tôdas as belezas da harmonia a do rítmo morriam abafadas pelos guinchos epiléticos do "jazz". A pintura perdia o equilíbrio das linhas naturais, para desmedir-se nos gatafunhos ignóbeis do futurismo mais repelente. A estatuária, imortalizadora da forma, transmudara-se na mais hedionda geradora de monstros. A poesia, sacudindo todo o encanto eufônico de sua musicalidade mágica, entrou a ser uma reles redação de recados, em estilo de ról de roupas. O jornalismo, melhor maquinado, enveredou pelas veias do escândalo, e passou a fazer disso a sua indústria. A vesânia de um olimpismo sem proporção e sem escola, brutalizava os corpos ao invez de superiormente os enrijar. Nos salões, o autor de um "goal" derrotava, junto ao coração de uma mulher, os cérebros mais cultivados

e os espíritos mais brilhantes. A dansa emancipara-se de tôda a sua delicadeza antiga. E a distância que, respeitosamente, separava damas e gentis-homens, no rítmo gracioso da valsa, estreitava-se agora no mais indecoroso enlaçamento de corpos e de gestos, sob o descompasso deselegante e bárbaro do "fox", das rumbas e demais importações da escória internacional. E enquanto isso acontecia com os aspectos mais universais da derrocada, a brasilidade ia se sepultando, cada vez mais sob a indiferença pelas coisas pátrias, e sob a arte elegante de falar mal do Brasil. E ao passo que os livros de Remarque faziam furor entre as elites intelectuais do tempo, o capim, o esquecimento e a tiririca iam cobrindo e profanando a loisa dos grandes homens, entre a paz e o tédio do Campo Santo.

Coube ao Integralismo surpreender a revulsão de todo êsse paúl de marasmo e de derrotismo, despertando as energias adormecidas da nacionalidade, de que apenas se haviam conservado em perene vigilia aquêles que, na caserna e no convés das belonaves, montavam guarda, em ininterrupta vigília aos superiores destinos da Pátria. Hoje a Nação já despertou, e acudiu ao toque de reunir. E uma das manifestações mais expressivas dessa aurora ressurrecional, é o culto dos grandes homens, pelas massas civis da população, as quais o Sigma quiz e soube identificar com os bravos soldados de terra e mar, vanguardeiros da defesa da Pátria. É assim que,

prosseguindo na sua obra de brasilização do Brasil, comemorará, amanhã, com solenidades excepcionais, e em todos os seus quatro mil Núcleos, espalhados pelo nosso imenso país, o centenário do nascimento de Couto de Magalhães, cuja vida e cuja obra foram o mais edificando exemplo de patriotismo, de heroicidade e de fé.

VII

A MÍSTICA DO SIGMA

Um dos fenômenos mais relevantes do Integralismo é a transformação moral operada pela Idéia Nova em todo aquêle que, de sã consciência, lhe recebe o influxo da doutrina vivificadora, fecunda e generosa. Em verdade, quando uma inteligência lúcida e livre adere à Verdade que o Sigma prega, é que uma fé viva já a inflama, já a empolga, e com ela estreitamente se identifica. E é precisamente nisso que consiste a diferença entre o ato de tornar-se integralista, e de ajuntar-se a um partido político do molde dos que pululam no seio inorgânico dos Estados Liberais. Foi ainda êste fenômeno que deu lugar à criação da mística indispensável ao bom êxito do grande movimento de renovação nacional. Daí também a reação que o Sigma encontra no ambiente em que vigoram, com foros de lei, e como regra moral, os princípios que marcaram o século do materialismo, da desordem e da irresponsabilidade. Se o Integralismo fôsse, apenas, um puro e simples partido político, com a natureza do partido, com a fisiologia do partido, com a filosofia de partido, em suma, com a essência mesma do partido, então, de

certo, bem pouca ou talvez nula teria sido a reação que haveria de determinar na vida política do país, em não importa que etapa do tempo. Fazendo-se registrar como partido político, o Integralismo nada mais fêz do que procurar honestamente, e dentro de sua doutrina, situar-se em condição legal nos quadros políticos do Brasil, em um momento em que esta atitude lhe era a única possível, em face das normas constitucionais vigentes. E a robustez do Sigma era tal, e sua organicidade tão perfeita, que, apezar de ser apenas analógicamente uma agremiação de fórma partidária, pôde realizar o mais pujante e coeso dos partidos e o único de âmbito nacional, até hoje verificado na história política de tôdas as Américas. É que, em via de regra, o corpo de um partido é tão sòmente um conglomerado de indivíduos, inteiramente impessoais, e vogando apenas pela função numérica e impessoal do voto, tal como é concebido no sufrágio universal. E nada mais. Em tôrno de um homem, e quando muito em derredor de um programa de ação limitada, agrupam os políticos profissionais um certo número de adesões, fundadas ora na irradiação do prestígio pessoal, ora numa enfiada de itens, quase sempre atinentes a providências e planos administrativos medíocres, em o qual menos se consultam as grandes linhas da vida nacional do que os problemas parciais de um dado momento político, no âmbito acanhado do mais estreito regionalismo. Quando um honrado homem de partido procura os seus conci-

dadãos para aliciá-los nas fileiras de sua facção, pede-lhes, apenas, em comprimisso de honra, que lhe sufraguem o nome, nas eleições mais próximas. E desde que o indivíduo vote em quem prometeu votar, tem cabalmente cumprido o seu dever. Ao partido pouco se lhe dá que o votante pense desta ou daquela fórma, tenha tais ou quais idéias, ou mesmo não as tenha. O que se quer, o que se exige, o que é mais do que bastante é que o partido não fuja ao compromisso que assumiu perante o patrono. E só.

Já com o Integralismo as coisas se passam de modo diferente.

O Sigma exige que os seus adeptos só o sejam em conseqüência de uma deliberação profunda da vontade, sob o influxo de um ato íntimo de consciência, ato que, de pronto, imprime qualidade, e torna o adepto intransigente solidário com o pensamento doutrinário do Movimento. Opera-se, pois, no adepto do Sigma, uma verdadeira transformação interior, o que faz com que êle se adstrinja a um ritmo imutável de vida, um firme e inquebrantável sentido de ordem, de disciplina e de hierarquia, patenteado no mais estreito espírito de respeito às leis vigentes, à autoridade constituída, dentro de uma absoluta impermeabilidade às práticas conspiracionais, sediciosas e subversivas. Êsse fenômeno tem sido largamente demonstrado pela maneira por que se vem conduzindo o Integralismo, mesmo em face dos situacionismos que mais o oprimiram. É esta qualidade de caráter, é esta índole, é êste estado de espí-

rito que fazem do Integralismo não um simples partido, mas o mais eficiente aparelho civil de manutenção da ordem legal, e lhe caracteriza a natureza de instituição cultural e educativa, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado, espontâneamente, ao Poder Constituído. E é, também, a êste modo de ser que deve o Integralismo a tranqüilidade de consciência que caracteriza os seus adeptos, mesmo quando mais agudos se apresentam os acontecimentos de cada hora. Seja qual for o quadro político do momento, o Integralismo permanece sereno e impertubável na posição em que o situou a sua própria doutrina, guardando o propósito inabalável de tudo empenhar, até a própria vida, na defêsa da ordem, da segurança da República e dos princípios basilares das instituições. É nessa disposição de espírito que consiste a mística do Sigma, que outra não é senão a mística da Pátria, tendente a assegurar ao Brasil a grandeza inigualável de sua suprema destinação histórica.

VIII

O SIGMA E A REAÇÃO NACIONALISTA

O papel que o Integralismo representa na reação contra o Comunismo é, sem dúvida, uma das características mais nìtidamente marcantes de sua destinação histórica. E um dia, que talvez não seja remoto quando o Historiador infatigável traçar, sôbre a página dos tempos, a notícia desta epopéia luminosa que é o Movimento do Sigma, certo não regateará aos camisas-verdes da Pátria o mérito incontestável de terem dado o grito de guerra contra o inimigo original das nações.

Fôram, em verdade, êstes bandeirantes do século XX, os vanguardeiros da grande jornada em defesa da civilização cristã em terras do Brasil, em terras do Novo Mundo. De resto, o Movimento do Sigma, inspirado no gênio do Cristianismo e nas nobres tradições morais da raça, teve como causa pretextual, precisamente o estado de coisas a que a incursão da praga vermelha havia arrastado o Brasil. Porque, afinal, o materialismo crasso, o senso pagão do século, a corrupção crescente dos costumes, a emancipação de todos os freios morais, o conceito ateísta da vida, a abolição do ponto de honra, a sub-

versão total dos valores, o império da filosofia do êxito, o desprezo ostensivo pela tradição, pela ordem, pela disciplina, pela hierarquia, pelo instituto da família, pela noção de Pátria, pelos ensinamentos das Verdades Eternas — fôram, nada mais nada menos, outros tantos fatores constitutivos do plano de dissolução, de arrazamento e de extermínio com que se prepara, no seio das nações, o terreno propício à implantação do Estado Marxista. Assim, todo o cortejo de motivos que teriam suscitado a vocação ressurrecional do Movimento do Sigma, foram e continuam a ser, por si mesmos, a pura e simples fase preparatória da Revolução Comunista que pretende sovietizar o mundo inteiro. Ora, deitando as suas raizes mais profundas na aflição do povo brasileiro, premido por todos os males do século, não poderia, jamais, o Integralismo, eximir-se do papel altamente significativo de ter liderado a campanha anti-comunista em nossa Pátria, conclamando todos os brasileiros e despertando as energias adormecidas da nacionalidade para oporem à horda invasora os baluartes inexpugnáveis da própria dignidade humana.

Cabe aos camisas-verdes, e ninguém há que o ouse negar, a glória insigne de ter dado aos seus compatriotas o brado de alerta, o sinal de inimigo à vista. Que importa aos integralistas que esta atitude lhes tenha valido, logo na aurora de seu apostolado, a pecha de visionários, de pessimistas, de quixotes e até de loucos visionários? Por que? Por ha-

verem auscultado mais atentamente que os demais patrícios seus a cruciante realidade brasileira? Ou por terem presentido com o seu coração abrazado de amor pela Pátria os dias aziagos que tão de perto e tão sinistramente a ameaçavam? Pessimistas? Por que? Por que foram clarividentes? Por que se não deixaram anesteziar pelo Comunismo, pelo gôzo dos prazeres materiais, pela comodidade egoista de uma vida aburguezada e displicente? Ou por que erguendo mais alto sua visão, erguendo-a acima dos interêsses pessoais, puderam divizar no horizonte da Pátria a nuvem negra dos maus presságios, o prenúncio de terríveis tormentas? Loucos? Por que? Por que amaram apaixonadamente a Pátria? Ou por que preferiam a limpidez do raciocínio lógico e honesto ao empirismo fácil das interpretações simplistas? Loucos, porventura, por que se detiveram, através de exaustivas vigílias, de meditações profundas, de análises feitas à luz da mais elevada das intenções, da situação real de sua Pátria angustiada? Loucos, por que do conformismo passivo dos erros e às iniquidades reinantes, prefere assumir as atitudes que lhes ditava a consciência em revolta? Loucos, por que tiveram a coragem cívica de pensar alto em meio a êste parque de hipocrisias, de traições, de sub-pensamentos, de ludíbrio de reticências, de subterfúgios mesquinhos, de ódios recalcados, de despistamentos, de máscaras enganadoras, de ardís valiosos, de sofismas trêfegos, de insinceridade, em suma, que é o seio de uma sociedade paganizada

pelo materialismo da vida? Quixotes? Por que? Por que sonharam um dia com a grandeza, com o esplendor e com a glória da Pátria? Quixotes, por que sonharam erguer o vôo de suas aspirações às alturas em que pairam os condôres ao invez de se entreterem com o esvoaçar rasteiro dos galináceos sôbre as capoeiras subalternas das ambições mesquinhas e inconfessáveis?

Visionários, loucos, pessimistas e quixotes têm sido, através da história, todos aquêles cujos anseios, cujos propósitos e cujos cometimentos sobreexcederam a mediocridade ambiente. Visionário foi Colombo quando advinhou a existência de continentes desconhecidos. Pessimista chamaram ao mestre Domingues, quando previu o insucesso de Ormuz. De Quixote foi acoimado Bolivar quando sonhou com o século da América. Louco foi o epiteto atirado a Jesus Cristo, precisamente quando, no drama imenso de Jerusalém, se consumava o milagre supremo da Redenção do gênero humano.

Aos camisas-verdes, portanto, pouco se lhes dá do juizo que sôbre êles façam os que não os souberam, ou não quizeram compreender. Não faltou quem os acoimasse de incompreensíveis; tanto pior para aquêles tais, que se confessaram incompreendentes. E a obra do Sigma aí está, em tôda a plenitude de sua finalidade superior, expressa na formação de uma consciência nacional esclarecida e digna; consubstanciada num conceito de vida que imortalizará, perante a história, os homens de camisa-ver-

de; corporificada numa doutrina que subsistirá a todos os embates materiais da jornada; aureolada pelo merecimento de ter despertado, em boa hora, as virtudes latentes da raça; reconhecida como criadora do clima que possibilitou a reação anti-comunista e a consolidação da unidade nacional; e, finalmente, glorificada na versão do sangue generoso dos seus mártires, sangue dos que tombaram varados por bala dos sicários de Moscou, sangue que caiu na terra brasileira como semente fecunda que germinará um dia na pujança de uma grande Pátria, no advento de uma nova civilização que Deus inspirou e há de amparar, séculos em fóra, por uma imprescrutável e singular mercê. O Sigma é, portanto, o gênio da brasilidade, que deflagrou a reação nacionalista contra a tirania da foice e do martelo.

IX

INTEGRALISMO E BRASILIDADE

O sentido de brasilidade que caracteriza o Movimento do Sigma é um fenômeno que, a estas horas, já não comporta contestação de espécie alguma. Tão pouco se pode negar que esta orientação seja prerrogativa exclusiva do Integralismo, dentro do panorama político-partidário do Brasil. Que se não vislumbre nesta afirmação a menor eiva de sectarismo faccioso; ela constitui a mais cristalina expressão da verdade, que se comprova na evidência dos fatos de cada dia. O testemunho mais eloqüente do sentido de brasilidade que o Integralismo tem, vem sendo patenteado continuamente, quer nas manifestações exteriores da vida dos camisas-verdes, quer nas deliberações tomadas pela direção do Movimento nas horas graves e decisivas para a segurança da República e para os destinos da Nacionalidade. Como é largamente sabido, a Liga de Defesa Nacional, incluiu entre os "itens" do seu programa a realização de uma série de sessões cívicas, tendo como fim a exaltação do patriotismo, do culto às nossas tradições, aos nossos grandes homens, à nossa Bandeira, a tudo, enfim, quanto se prende ao

sentimento de brasilidade. Tais sessões eram sempre anunciadas pela imprensa, pelo rádio, por todos os meios de propaganda, profusamente, com larga antecipação, com o mais radioso estrépito. Os convites pessoais eram distribuídos aos milhares. Procedia-se a uma como quase que intimação aos elementos mais representativos da sociedade brasileira. Um serviço intenso e exaustivo de telefonemas particulares completava a convocação feita pelos cartões de ingresso. Gritava-se a plenos pulmões, e se avisava em letras garrafais que a entrada era franca. À hora da sessão já o recinto estava repleto. Uma assistência compacta lotava completamente os lugares onde se realizavam as conferências da Liga de Defesa Nacional. Nem um sinal se descobria na indumentária dos presentes que lhes pudesse revelar os pendores ideológicos ou político-partidários. Os oradores sucediam-se na ordem normal dos trabalhos, e, as afirmações em que se exaltava o sentimento da Pátria e de brasilidade, tinham sempre como eco frenética e estrondosa salva de palmas. Notava-se, desde logo, no calor dos aplausos e na vibração dos ouvintes, um entusiasmo incontestàvelmente invulgar pelas coisas do Brasil. E quando, encerrando a cerimônia, rompiam os primeiros acenos do Hino Nacional, era de ver-se o alvoroço com que tôda aquela assistência se levantava magnèticamente, como um só homem, erguendo o braço na saudação simbólica do Sigma, cantando em massa coral a letra do Hino Nacional. Só então

ficava fóra de dúvida que no recinto só havia Integralistas. Contavam-se por porcentagem desprezível os que não o eram. Nas datas de festa nacional, em que se celebram cerimônias cívicas alusivas à efeméride em transcorrência é, invariàvelmente, a móle imensa dos camisas-verdes que constitui a maioria esmagadora dos assistentes. Ainda não há muito foi levado a efeito uma expressiva romaria cívica aos túmulos dos militares que tombaram heròicamente em defesa da Pátria, na noitada trágica de 27 de Novembro. Estavam, por essa ocasião, os Integralistas sob proibição rigorosa, emanada de seu Chefe, de usarem a camisa verde e o emblema do Sigma. É claro que a concorrência a êsse ato de civismo foi numerosa. Entretanto, quando foi executado o Hino Nacional, tôda uma floresta de braços erguidos veio por em evidência a presença, no Campo Santo, naquela hora de culto à Pátria, de uma multidão compacta, e quase exclusiva, de camisas-verdes. Não passou despercebido, mesmo aos observadores menos prevenidos, o sorriso amarelo que paralizou automàticamente o semblante de alguns inimigos do Sigma que faziam parte do elemento oficial presente. Não se reduzem, porém, a estas manifestações exteriores os sentimentos de brasilidade que inflamam a alma dos Integralistas, e lhes marcam o roteiro de sua marcha sôbre a História. Também na hora angustiosa e incerta, em que ameaças terríveis enegreciam os horizontes da Pátria, poz o Integralismo em relevo êstes mesmos

sentimentos de brasilidade manifestados nos momentos de alegria e de festa; pois, como a Nação inteira o sabe, na noite de 27 de Novembro de 1935, quando os agentes de Moscou assestavam as baterias do Comunismo dissolvente contra a segurança da República e contra a honra da Pátria, o Chefe do Integralismo poz à disposição da autoridade constituída os seus bravos camisas-verdes na defesa do Brasil.

Por que os partidos liberais não diligenciaram em se fazer representar nas comemorações de caráter nacionalista? Por que não compareceram, quando a Pátria esteve em perigo, aos postos de defesa da honra nacional?

De tudo isso se tira e conclui que fóra do Integralismo não há salvação, numa hora em que a brasilidade é a virtude fundamental de cada brasileiro.

INDICE

Belisário Penna
Carta a M. Paula Filho 5

Lúcio José dos Santos
I — Consulta sôbre o Integralismo 23
II — A candidatura de Plínio Salgado (1937) .. 43

Alcebíades Delamare
Aos moços universitários 63

Rodolpho Josetti
I — O sentido estético do Integralismo 77
II — Sentido cultural e artístico do Integralismo 95

Victor Pujol
O Estado Integralista 129

Madeira de Freitas
I — O movimento do Sigma e o seu sentido de afirmação 151
II — A excelência moral do Integralismo 155
III — O sentido patriótico do Sigma 160
IV — O sentido vocacional do Sigma 164
V — A respeitabilidade do Sigma 168
VI — Escola de civismo, de brasilidade e de fé .. 172
VII — A mística do Sigma 177
VIII — O Sigma e a reação nacionalista 181
IX — Integralismo e Brasilidade 186